

KRISCHNA SILVEIRA DUARTE



O AUDIOVISUAL NA EDUCAÇÃO AMBIENTAL NÃO FORMAL:

JORNALECO – UM PROGRAMA DE TV AMBIENTAL PRODUZIDO
POR CRIANÇAS DO ENSINO FUNDAMENTAL

RIO GRANDE, 2012.

KRISCHNA SILVEIRA DUARTE

**O AUDIOVISUAL NA EDUCAÇÃO AMBIENTAL NÃO FORMAL:
JORNALECO – UM PROGRAMA DE TV AMBIENTAL PRODUZIDO
POR CRIANÇAS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Educação Ambiental.

Orientador:
Prof. Dr. Alfredo Guillermo Martin Gentini.

RIO GRANDE, 2012.

Aos que acreditam na mudança.

Deste Modo ou Daquele Modo
(Alberto Caeiro, por Fernando Pessoa)

*Deste modo ou daquele modo,
Conforme calha ou não calha,
Podendo às vezes dizer o que penso,
E outras vezes dizendo-o mal e com misturas,
Vou escrevendo os meus versos sem querer,
Como se escrever não fosse uma cousa feita de gestos,
Como se escrever fosse uma cousa que me acontecesse
Como dar-me o sol de fora.*

*Procuro dizer o que sinto
Sem pensar em que o sinto.
Procuro encostar as palavras à ideia
E não precisar dum corredor
Do pensamento para as palavras.*

*Nem sempre consigo sentir o que sei que devo sentir.
O meu pensamento só muito devagar atravessa o rio a nado
Porque lhe pesa o fato que os homens o fizeram usar.*

*Procuro despir-me do que aprendi,
Procuro esquecer-me do modo de lembrar que me ensinaram,
E raspar a tinta com que me pintaram os sentidos,
Desencaixotar as minhas emoções verdadeiras,
Desembrulhar-me e ser eu, não Alberto Caeiro,
Mas um animal humano que a Natureza produziu.*

*E assim escrevo, querendo sentir a Natureza, nem sequer como um homem,
Mas como quem sente a Natureza, e mais nada.
E assim escrevo, ora bem, ora mal,
Ora acertando com o que quero dizer, ora errando,
Caindo aqui, levantando-me acolá,
Mas indo sempre no meu caminho como um cego teimoso.*

*Ainda assim, sou alguém.
Sou o Descobridor da Natureza.
Sou o Argonauta das sensações verdadeiras.
Trago ao Universo um novo Universo
Porque trago ao Universo ele-próprio.*

*Isto sinto e isto escrevo
Perfeitamente sabedor e sem que não veja
Que são cinco horas do amanhecer
E que o sol, que ainda não mostrou a cabeça
Por cima do muro do horizonte,
Ainda assim já se lhe vêem as pontas dos dedos
Agarrando o cimo do muro
Do horizonte cheio de montes baixos.*

* Alberto Caeiro é um dos Heterônimos de Fernando Pessoa. Heterônimos são autores fictícios idealizados pelos autores e que possuem personalidade própria ao escrever.

AGRADEÇO

À minha primeira educadora, Zélia Duarte, que me ensinou a nunca desistir, a fazer as coisas da melhor maneira possível e a dedicar-me amorosamente àquilo a que me proponho. Obrigada, mãe.

A meu pai Ayrton, irmão Márlon e cunhada Renata, pelas trocas. Em todos os sentidos.

À minha companheira de vida, Lalinha, pelo apoio logístico, emocional, criativo e semântico. Pela leitura carinhosa de algumas passagens da pesquisa, por me emprestar sua arte, produzindo as ilustrações e a diagramação do Manual do Audiovisual e a música do programa JORNALECO. Este trabalho também é teu!

Obrigada pela escuta compreensiva, pelos cafés que diminuíram o cansaço, pelas massagens que amenizaram a dor nas costas, pelas noites mal dormidas em que acompanhaste meus pesadelos com a dissertação!

À minha filha Nawany. Obrigada pelo teu comprometimento com um dos quadros do JORNALECO, pelos sábados em que me acompanhaste nas oficinas, ajudando a desenvolver as atividades com as crianças. Obrigada pelo auxílio na busca de sinônimos quando a mãe implicava com alguma palavra no texto. Foi muito divertido!

À minha família de alma: Inti, Luizinho, Lana, Gábi, Mári, Padma Querido e Gigi, por compartilharem comigo esta existência. Cada um de vocês, de alguma forma, está representado neste trabalho.

Aos colegas do PPGEA Augusto Amaral, Cláudio Azevedo, Dani Pieper, Lila Karpinski, Priscila Reis, Rafael Dias e Sônia Cava, pela amizade e pelos sonhos compartilhados.

À querida amiga Lidiane Dutra, pelo apoio, pela escuta, pelos cafés, pelas risadas, pela companhia nos processos seletivos enfim, por tudo aquilo que compartilhamos nestes anos de PPGEA e PQAV.

À Ana Maio e Teresa Lenzi, parceiras de trabalho e amigas. Foi um prazer compartilhar com vocês estes dois anos de muito trabalho. Obrigada pela oportunidade junto ao Projeto de Qualificação Audiovisual para o Curso de Artes Visuais – Licenciatura e Bacharelado. Minhas atividades no auxílio à docência contribuíram para o aprofundamento de meus conhecimentos e retroalimentação desta pesquisa.

Ao professor Alfredo Martin Gentini, orientador desta pesquisa, agradeço pelas considerações cuidadosas, pela liberdade com que me permitiu trabalhar e por incentivar minhas empreitadas. Mais do que um orientador, foste amigo, confidente. Sentirei falta dos encontros de orientação/psicoterapia, regados a mate uruguaio e bolo de laranja!

Aos queridíssimos Rita Terra e Gilmar Conceição, pela atenção e profissionalismo com que sempre administraram os “assuntos do PPGA”. Gilmar, nosso porto seguro, muito obrigada pelo incentivo e pela “solução dos pepinos”!

À professora Beth Schmidt pela dedicada leitura deste trabalho e pelas importantes contribuições feitas no momento da qualificação. Por seres a pessoa que és, afetiva, cuidadosa, comprometida e por trazer toda esta amorosidade para a academia.

Ao professor Valdo Barcelos pelo aceite em participar da banca mesmo sem ter estado presente na qualificação. Tenho certeza de que tuas considerações chegarão a tempo de qualificar a pesquisa e de que tua presença tornará nosso encontro mais divertido!

Às minhas crianças, grupo-sujeito participante desta investigação, agradeço, por que nada disto seria possível sem vocês. Agradeço pela receptividade à proposta da oficina e por terem aberto um espaço para mim no coração de vocês. Vocês sabem que fizeram nove buraquinhos no meu!

À diretora da escola Ginásio do Areal pela liberdade com que me permitiu trabalhar.

À Rosane Borges, diretora da FURG TV, que acreditou na proposta do programa JORNALECO antes de sequer iniciarmos as gravações. Obrigada por ceder o espaço na grade de programação que permitirá ao JORNALECO possibilitar outros Klinamens.

Finalmente, agradeço à agência CAPES pelo apoio financeiro de incentivo à pesquisa.

À todos vocês, sou muito agradecida!

RESUMO

Este estudo qualitativo problematiza a influência dos meios de comunicação de massa nos fenômenos de serialização da cultura, homogeneização dos desejos e dos modos de pensar e agir nas relações ambientais contemporâneas. Numa Pesquisa-Ação-Participante desenvolvida com nove crianças de oito a dez anos de idade, objetivamos estimular sua criticidade em relação às imposições midiáticas e relacionar com a qualidade de nossas relações sociais, ambientais e subjetivas. Para isto criamos dois dispositivos: a oficina *Criando Ambientes Comunicativos Sustentáveis* e o programa de TV *JORNALECO*, que têm por objetivo a constituição de espaços experimentativos de livre expressão, capazes de aportar a criação e a disseminação de micro-intervenções ecosófica. Nosso objetivo é contribuir com a Educação Ambiental Não-Formal a partir da criação de pequenas rupturas nos modos de ser instituídos pela mídia, promovendo a (re)descoberta das subjetividades e, contribuindo assim, para a constituição de sujeitos transformadores da crise ambiental vigente. Nossa proposta aposta na linguagem audiovisual para além do espetáculo televisivo, configurando-a como instrumento de mudança, - assim como é a educação ambiental -, capaz de resgatar valores de solidariedade e cooperação, reintegrando o ser humano ao contexto sistêmico do ambiente. A análise comparativa dos questionários aplicados antes e após a oficina mostra que as crianças passaram a compreender a manipulação das subjetividades e traçar paralelos entre serialização midiática, incentivo ao consumo e a degradação ambiental.

Palavras-chave: Educação Ambiental. Ecosofia. Klinamem. Audiovisual. Produção de subjetividade.

RESUMEN

Esta investigación cualitativa discute la influencia de los medios de comunicación en los fenómenos de serialización de la cultura, homogeneización de los deseos y las maneras de pensar y actuar en las relaciones ambientales contemporáneas. En una Pesquisa-Acción-Participante desenvuelta con nueve niños de ocho a diez años de edad, objetivamos estimular su criticidad en relación a las imposiciones mediáticas y relacionar con la calidad de nuestras relaciones sociales, ambientales y subjetivas. Para esto hemos creado dos dispositivos: el taller *Creando Ambientes Comunicativos Sustentables* y el programa de TV *JORNALECO*, que tiene por objetivo la creación de espacios experimentativos de libre expresión, capaces de aportar la constitución y la diseminación de microintervenciones ecosóficas. Nuestro objetivo es contribuir con la Educación Ambiental No-Formal a partir de la creación de pequeñas fisuras en los modos de ser instituidos por la media, promoviendo la (re)descubierta de las subjetividades y, contribuyendo así, para la constitución de sujetos transformadores de la crisis ambiental corriente. Nuestra propuesta apuesta al lenguaje audiovisual más allá del espectáculo televisivo, configurándolo como un instrumento de cambio -, así como lo es la educación ambiental - capaz de rescatar valores de solidaridad y cooperación, restituyendo el ser humano al contexto sistémico del medio ambiente. El análisis comparativo de los cuestionarios aplicados antes y después del taller muestra que los niños pudieron comprender la manipulación de las subjetividades y establecer paralelos entre la serialización mediática, el incentivo al consumo y la degradación ambiental.

Palabras-clave: Educación Ambiental. Ecosofía. Klinamem. Audiovisual. Producción de subjetividad.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Arte rupestre, Gruta Lascaux - França, 15000 a.C.....	28
Figura 2 Personagens do Teatro de Sombras.....	29
Figura 3 Câmara Escura, 2ª metade do séc. XIX.....	30
Figura 4 Gabinete que abriga o Cinetoscópio.....	31
Figura 5 Protótipo criado pelos irmãos Lumière e o modelo do cinematógrafo patentado.....	32
Figura 6 Cartaz publicitário da primeira exibição pública do cinematógrafo.....	33
Figura 4 Cartaz publicitário do primeiro filme sonoro produzido no Brasil.....	34
Figura 8 Frame do videoarte Marca Registrada.....	36
Figura 9 Diagrama da relação entre a mídia e os conflitos ambientais. Criado no Corel, 2012.....	40
Figura 10 Capa do Manual do Audiovisual.....	58
Figura 11 Atividades da oficina.....	60
Figura 12 Blog do programa JORNALECO.....	61
Figura 13 Estatísticas do blog do programa JORNALECO.....	62
Figura 14 Diagrama da oficina. Criado no Corel, 2011.....	63
Figura 15 Exercitando o olhar sobre a mídia.....	66
Figura 16 Dinâmica de grupo.....	69
Figura 17 Exibição do JORNALECO.....	75
Figura 18 Crianças felizes, pesquisadora orgulhosa. Entrega dos certificados da oficina.....	76

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
1. CONVITE AO LEITOR.....	15
1.2. Posologia da pesquisa: conceitos e contextos para melhor digerir a leitura.....	15
1.3. Implicações da pesquisadora na pesquisa: de jornalista à educadora – o movimento de um devir pesquisadora.....	18
1.4. Caminhos metodológicos - Desafios e questões da pesquisa.....	24
1.5. A imagem em movimento e o movimento das imagens: da arte rupestre ao reality show.....	27
2. PATOLOGIA DA MÍDIA: EFEITOS DA MANIPULAÇÃO MUDIÁTICA NA FABRICAÇÃO DE SUBJETIVIDADES.....	38
2.1. Mídia, consumo e ambiente.....	39
2.2. É o que queremos: poder e dinheiro! - A relação de cumplicidade entre os profissionais da mídia e a produção de subjetividade.....	42
2.3. Dos recantos da manipulação – esconderijos da imaginação.....	45
2.4. A infância na TV: ser criança na contemporaneidade.....	47
2.5. O vídeo na educação – uma área em expansão.....	50
2.6. O vídeo na Educação Ambiental : os ecossistemas comunicativos.....	52
3. CRIANDO ANTÍDOTOS PARA A MANIPULAÇÃO MUDIÁTICA: ROTEIRO PARA O USO DO VÍDEO EM UM CONTEXTO EDUCATIVO.....	55
3.1. Os participantes da oficina.....	56
3.2. A oficina <i>Criando Ambientes Mudiáticos Sustentáveis</i>	59
3.3. Estrutura da oficina.....	62
3.4. Roteiro da oficina.....	64
3.4.1. Primeiro encontro: audiovisual.....	65
3.4.1.2. Dinâmica de grupo <i>Verdades sobre a TV: procurando a notícia</i>	65
3.4.1.3. Sugestão de exercícios.....	67

3.4.2. Segundo encontro: desequilíbrio ambiental.....	67
3.4.2.1. Dinâmica de grupo <i>Reconhecendo-se como parte do todo: pertencemos à mesma teia</i>	68
3.4.2.2. Sugestão de exercícios.....	70
3.4.3. Terceiro encontro: equilíbrio ambiental.....	70
3.4.4. Quarto encontro: produzindo o JORNALECO - articulação do primeiro programa.....	72
3.4.5. Quinto ao nono encontro: produzindo o JORNALECO - distribuição de tarefas e gravação do programa.....	72
3.4.6. Décimo encontro: exibição do JORNALECO à comunidade escolar...	73
4. RESULTADOS DA INTERLOCUÇÃO ENTRE O AUDIOVISUAL E A EANF.....	77
4.1. O pré questionário: descobrindo o caminho ao caminhar.....	78
4.2. Métodos: a trajetória para um movimento ecosófico.....	79
4.3. Análise de dados.....	80
4.3.1. O que você entende por ambiente?.....	82
4.3.2. Qual é o seu papel nele?.....	84
4.3.3. Quais são os problemas ambientais que você conhece?.....	86
4.3.4. O que você pode fazer em relação a isto?.....	87
4.3.5. O que a televisão tem a ver com o ambiente?.....	90
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	92
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	98
ANEXO 1- Questionários aplicados aos participantes do grupo-sujeito.....	104
ANEXO 2 - Pré questionários aplicados para a seleção dos participantes.....	118
ANEXO 3 - Manual do Audiovisual.....	125
ANEXO 4 - Certificado da oficina <i>Criando Ambientes Midiáticos Sustentáveis</i>	126
ANEXO 5 - Projeto do Programa JORNALECO.....	128
ANEXO 6 - DVD do programa JORNALECO.....	130
ANEXO 7 – Termos de consentimento livre e esclarecido.....	131

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem por desafio criar pequenas rupturas no modo serial instituído de pensar e agir. Nossa problemática de pesquisa emerge a partir de reflexões a respeito da influência negativa da mídia sobre nossas relações ambientais, sociais e mentais. Vinculado à linha de pesquisa Educação Ambiental Não-Formal (EANF), este estudo objetiva a criação de novas subjetividades, resgatando o comprometimento e a responsabilidade do ser humano com o ambiente, contribuindo assim para a formação de cidadãos crítico-transformadores da crise ambiental vigente.

Com o intuito de contribuir com a EANF e com o objetivo pretencioso de transformar esta realidade, elegemos o método da Pesquisa-Ação-Participante e problematizamos a influência midiática a partir do ponto de vista da Educação Ambiental, analisando as consequências das imposições midiáticas no ambiente.

Para desenvolver esta investigação e a hipótese de que poderíamos de alguma forma contribuir para a melhoria do problema identificado, desenvolvemos a oficina *Criando Ambientes Midiáticos Sustentáveis*, que teve por objetivo possibilitar a apropriação da técnica e da linguagem audiovisual pelos sujeitos. Este dispositivo possibilitou ao grupo-sujeito adquirir a autonomia necessária para criar elementos audiovisuais que fossem de encontro às imposições midiáticas e que permitissem a livre expressão das suas próprias subjetividades. Constituímos também um espaço de experimentação destas novas criações, o programa de TV JORNALECO¹, que tem por objetivo difundir estas subjetividades, de forma que outros grupos também possam ter acesso a este novo tipo de conteúdo midiático.

A oficina e o programa foram desenvolvidos com nove estudantes do Ensino Fundamental da rede pública de Ensino, na cidade de Pelotas². Os

¹ Veja o projeto do programa nos anexos do trabalho.

² Pelotas se localiza no sul do estado do Rio Grande do Sul e é considerada uma das capitais regionais do Brasil. É a terceira cidade mais populosa do Estado, com cerca de 330.000 habitantes. Suas principais fontes de atividade são a produção de grãos e a criação de rebanho bovino de corte. Na indústria, Pelotas se destaca pelos serviços avançados de montagem de estruturas, transporte e logística. Além de

dispositivos foram desenvolvidos com a intenção de estimular o olhar crítico sobre as imposições midiáticas, relacionando as consequências destas imposições com a qualidade das nossas relações em âmbito mental, social e ambiental. A reflexão sobre as consequências de nossas ações e sobre a responsabilidade de cada um no todo planetário, também são um pilar importante de nossa proposta. Assim, priorizamos a construção de relações mais harmônicas e investimos na capacidade dos sujeitos como agentes de transformação do ambiente, trabalhando na busca por um ecossistema mais saudável: Um ecossistema comunicativo sustentável.

1. CONVITE AO LEITOR

Antes de iniciar nossa jornada, caro leitor, quero informar sobre o estilo deste trabalho. O texto que virá a seguir foi escrito com afetividade, cuidado, carinho eu diria. Você esteve ativamente presente em todos os momentos desta escrita, observando minhas ideias tomando forma no papel. Como disse Mário Osório Marques na obra *Escrever é Preciso*, “Não consigo escrever sem pensar você por perto, espiando o que escrevo” (2008:15).

Por isso, se o leitor entende que o rigor metodológico está atrelado à objetividade como forma neutra de pesquisa, aviso que aqui a neutralidade não existe! Nenhum pesquisador pesquisa só, sem relacionar-se com os outros e com o mundo e, nenhum fenômeno ocorre isolado de milhares de outros fatores. É justamente destas trocas que emergem as mais ricas criações, da interação entre o sujeito que pesquisa e suas relações ambientais.

Neste devir, a pesquisa torna-se um pesquisar conjunto, reunindo conhecimentos e informações de todos aqueles que se fizeram presentes de alguma forma neste caminhar.

Para além do conhecimento teórico, cedi espaço para a subjetividade, para o conhecimento latente e indutivo, porque penso que o desconhecido é o campo de todas as possibilidades, aberto a novas manifestações, cobertas de criatividade e imaginação!

Se o leitor está habituado ao uso da terceira pessoa em suas leituras, observe que este texto é pessoal, amoroso, sensível e convidativo, fruto de uma escrita detalhista, cadenciada, enfim, feminina. Traz questões pessoais, técnicas e acadêmicas, porque entende que estas são imprescindíveis para traçar os caminhos da pesquisa.

1.2. Posologia da pesquisa - conceitos e contextos para melhor digerir a leitura

É importante também situar o leitor em relação a alguns conceitos e contextos que sustentam esta pesquisa, e sem os quais poder-se-ia realizar interpretações desencontradas daquelas desejadas. Isto não quer dizer, caro leitor, que não farás interpretações para além daquelas que coloco. Se não,

que primeiro comungues do meu pensamento para que em seguida, possas criar inúmeras outras significações ao texto que aqui se coloca.

Esta pesquisa baseia-se na ideia da utopia concretizável, como convite a pensar junto, a buscar por meio da Pesquisa-Ação-Participante, a construção de uma práxis educativa orientada pelo diálogo. Assim, ao longo do texto, encontrarás referências ao ambiente harmônico, saudável, ao equilíbrio ambiental, ou seja, à sustentabilidade.

Durante a escritura deste texto, busquei em diversos autores um sentido de sustentabilidade que se aproximasse da minha interpretação pessoal deste conceito. Na obra *Discursos Sustentáveis* (2010), Enrique Leff diz que sustentabilidade é “uma maneira de repensar a produção e o processo econômico, de abrir o fluxo do tempo a partir da reconfiguração das identidades (...) um devir que se forja recriando as condições de vida no planeta e os sentidos da existência humana” (31 – 32).

Para Leonardo Boff, sociedade sustentável é aquela que produz “o suficiente para si e para os seres dos ecossistemas onde ela se situa; que toma da natureza somente o que ela pode repor...” (1999,137).

Em nosso texto, sustentabilidade ambiental refere-se à dinâmica das relações estabelecidas consigo, com o outro e com o ambiente, onde exista equilíbrio ambiental, justiça social e liberdade mental.

Esta pesquisa ressoa o paradigma ético-estético-político proposto por Félix Guattari em *As Três Ecologias*. A *Ecosofia* é uma articulação entre a filosofia e a ecologia, que propõe a reestruturação das relações da humanidade com o socius, a psique e a natureza. Guattari afirma que não haverá resposta à crise ecológica enquanto não se opere uma autêntica revolução política, social e cultural, que reoriente os objetivos da produção de bens materiais e imateriais.

De acordo com Guattari, a ecologia social consiste em “desenvolver práticas específicas que tendam a modificar e a reinventar maneiras de ser no seio do casal, da família, do contexto urbano, do trabalho, etc.”(2008: 15-16). A ecologia mental, que corresponde a subjetividade humana, “será levada a

reinventar a relação do sujeito com o corpo, com o fantasma³, com o tempo que passa, com os mistérios da vida e da morte” (id.: 16). Já a ecologia ambiental surge da relação entre as esferas mental e social da ecologia e de sua relação entre si mesmas e os diversos ambientes.

Guattari afirma que o rumo deplorável que o planeta está tomando é causado pelo Capitalismo Mundial Integrado, que subsidia o exagerado desenvolvimento técnico-científico e a incontrolável exploração ambiental.

Assim, por meio da oficina *Criando Ambientes Midiáticos Sustentáveis* e do programa JORNALECO, nos propomos a realizar micro-intervenções⁴ que objetivam a reconfiguração dos modos de ser e agir instituídos pela mídia.

Com a apropriação da mídia pelos sujeitos da pesquisa, estaremos desatando os nós do instituído no sentido da criação do novo, com a finalidade de constituir novas e autênticas subjetividades.

Estas intervenções feitas em pequenas parcelas da sociedade podem ser entendidas como aquilo que Guattari conceituou como revolução molecular: o ato de aproveitar e constituir linhas de fuga capazes de mudar o infeliz estado das coisas enraizado em nossa sociedade.

Os saberes de Freire também são fundamentais no desenvolvimento deste trabalho, pois aqui se ensaiam modos de promover o desvelamento crítico da realidade e a ação transformadora sobre o mundo. Assim é fundamental compreender que o sentido da palavra práxis utilizada neste texto está em concordância com o significado que este autor atribui ao conceito: o processo de ação e reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo.

O termo *relações ambientais* aparece diversas vezes no texto. Sua utilização se dá como tentativa de incluir o máximo das relações que ocorrem no ambiente e que são alcançáveis por minha compreensão. Isto porque as expressões comumente utilizadas para designar estas interações - sócio

³ O inconsciente humano.

⁴Dispositivo que consiste na realização de pequenas intervenções (mínimas, até mesmo imperceptíveis), realizadas em pequenas parcelas da sociedade e que são necessárias à transformação de realidades locais.

Estas pequenas intervenções, quando disseminadas de próximo em próximo, podem suscitar mudanças mais abrangentes.

ambientais, históricas, econômicas, subjetivas, etc. -, não me parecem abarcar todas as esferas deste fenômeno. O uso destes termos pode fazer com que o leitor interprete a organização social como algo que está à frente das relações ambientais, quando na verdade, estas interações (sejam elas históricas, sociais, psicológicas, econômicas, etc.), se dão concomitantemente e num espectro muito maior: é o ambiente, como meio natural que comporta todas estas integrações.

1.3. Implicações da pesquisadora na pesquisa: de jornalista à educadora - o movimento de um devir pesquisadora

Ao pressionar as primeiras letras no teclado, a mente escapuliu. A escrita destas linhas cedeu lugar aos seguintes questionamentos: Em que momento o audiovisual se tornou minha forma de expressão? Quando percebi que através do vídeo poderia partilhar minha visão particular do mundo, compreender a visão do outro e nestas trocas, originar novos olhares coletivos, criativos, originais?

Talvez quisesse brincar com minhas recordações, ou meu inconsciente tratava de adiar o momento da escrita. De toda forma, é interessante que refaçamos juntos este caminho, pois foi a partir destas vivências que surgiram as aspirações que culminaram nesta pesquisa.

Em um movimento da memória que só o flashback⁵ de um bom filme poderia mostrar, retornei aos 18 anos. Fazia um teste para estagiar como repórter no canal da universidade. Eram três vagas e alguns concorrentes.

A partir de então, um dia comum de trabalho envolvia tomar café na fila do posto de saúde, almoçar sanduíche na redação – enquanto editava as reportagens da manhã - e jantar com o governador. Este foi meu primeiro emprego, o primeiro salário, a primeira vez que me senti realmente útil,

⁵ Elemento da linguagem audiovisual no qual uma cena interposta leva o espectador a um momento no passado da narrativa. O flashback possibilita acessar as memórias do personagem.

responsável, participante. Talvez o enamoramento pelo audiovisual se justifique neste motivo, pensei.

Ainda assim não estava satisfeita com o lugar onde minha mente havia me levado. Estava disposta a encontrar o momento em que decidi trabalhar com o audiovisual – se é que algum dia fiz esta escolha.

Tomei por desafio recordar quando foi que percebi o audiovisual como um sonho, desejo, como àquilo que me inebriava, que propiciava o desenvolvimento das minhas potencialidades.

Encontrar este momento é impraticável⁶ em um contexto social no qual a TV é apresentada desde muito cedo às crianças. Por mais esforço que façamos, na maioria dos casos, esta memória não existe. É como se a TV sempre estivesse lá, espetacularizando o cotidiano, compartilhando dos momentos mais íntimos da família.

Diferente da maioria das pessoas, lembro-me perfeitamente do primeiro contato que tive com a televisão. Algo bastante específico: minha primeira vez na produção de TV. Eu tinha cerca de oito ou nove anos de idade e estava na aula de violão. Naquela semana, eu não havia praticado as músicas que haviam ficado como tarefa para casa, por isso, tentava esconder o braço do violão para que a professora não percebesse que eu não sabia nota alguma.

Eis que adentra a sala uma moça, procurando uma criança de “voz bonita”. Era a irmã da minha professora, que viera me salvar das práticas de reforço! Ligamos para minha mãe, que deu permissão para que eu saísse e voltasse à escola de música com ela.

Assim que chegamos ao nosso destino, fui incumbida de ler um texto em uma sala coberta de caixas de ovos!⁷ Foi uma aventura! Estávamos em uma

⁶ Faça o teste! Tente lembrar quando foi que você assistiu a um programa de televisão pela primeira vez. Se você tem menos de 50 anos, a tarefa é praticamente impossível!

⁷ Trabalhar com audiovisual pressupõe criatividade para driblar os empecilhos que surgem da produção sem grandes investimentos: Caixas de ovos fabricadas com papelão - aquelas vendidas em supermercado - costumam ser utilizadas no revestimento de salas destinadas à gravação de som. Não funcionam como isolamento acústico, mas ajudam a diminuir a reverberação do som.

agência de propaganda e produzíamos o comercial eleitoral para a candidatura de Anselmo à prefeitura de Pelotas.

“-Tomara que aquele tio volte a cuidar da nossa cidade, da nossa casa...”, eu lia entusiasmada, enquanto observava curiosa as caixas de ovos.

Lembro ainda da primeira vez em que a propaganda foi veiculada na televisão, no intervalo do meu programa favorito na época, o Chaves.⁸ O telefone logo começou a tocar, quando os ouvidos mais atentos reconheceram minha voz na TV.

Senti-me importante, como fizesse parte de algo, me sentia gente! Hoje compreendo que naquele momento, me percebi como sujeito. Foi neste momento que o audiovisual definitivamente cruzou o meu caminho.

Este sentimento de pertencimento, de reconhecimento, é o que quero proporcionar aos participantes desta pesquisa. Mostrar que suas vozes podem e devem ser ouvidas. Fazê-los perceber a importância de suas falas e a necessidade de romper o silêncio como ação necessária à intervenção transformadora no ambiente.

O educando precisa assumir-se como tal, mas assumir-se como educando, significa reconhecer-se como sujeito que é capaz de conhecer o que quer conhecer, em relação com o outro sujeito igualmente capaz de conhecer, o educador e, entre os dois, possibilitando a tarefa de ambos, o objeto de conhecimento. Ensinar e aprender são assim momentos de um processo maior – o de conhecer, que implica re-conhecer (FREIRE, 2003, 47).

Iniciei minhas práticas profissionais desde o primeiro semestre do curso de jornalismo, por isso, tive a oportunidade de trabalhar em diversos locais (TV UCPel, EMBRAPA Clima Temperado, CNPq, Centro de Comunicaciones de la Universidad Nacional del Altiplano, Vertente Produtora de Cinema) e desenvolver as muitas ações que compõe a produção audiovisual (roteirização,

⁸ Série televisiva mexicana, intitulada originalmente *El Chavo Del Ocho* por ser veiculada na *Televisión Independiente del México*, canal oito. Criado e estrelado por Roberto Gómez Bolaños o programa humorístico conquistou o auge do reconhecimento em meados dos anos 70, quando contabilizava cerca de 350 milhões de espectadores em todo o mundo. Atualmente O Chaves é veiculado pelo SBT, em canal aberto e por cabo, pelo Cartoon Network.

cinografia, produção, reportagem, apresentação, edição, pós-produção, iluminação, etc).

Durante o mestrado fui bolsista do Projeto de Qualificação Audiovisual⁹ para o curso de Artes Visuais – Licenciatura e Bacharelado da FURG. Neste projeto desenvolvi atividades de auxílio à docência e assistência ao ensino, pesquisa e extensão nas seis disciplinas de fotografia e vídeo oferecidas pelo curso. A experiência como docente na graduação, permitiu experimentar o *quefazer* do comunicador na área da educação, de forma dialética.

As vivências que tive durante a graduação despertaram-me o interesse de aprofundar meus estudos na área audiovisual. Ainda que estivesse realizada com a profissão de contadora de histórias e com o aprendizado que as diversas situações que presenciava me proporcionavam, sentia que algo faltava... Talvez fosse a realidade!

Isto mesmo, a realidade. Colocar-se diante da mãe que chora a perda do filho por falta de leito no hospital e, em seguida, em um almoço de vereadores que propõem políticas públicas que nunca serão de fato implementadas, requer, por prevenção da saúde mental, certo distanciamento da realidade.

Quanto mais eu convivía com os colegas de profissão, mais eu percebia que algo estava fora do lugar. Tornavam-se cada vez mais insensíveis e distanciados da realidade. Perdiam o fio condutor que deveria guiar a ética de quem têm por responsabilidade a missão duvidosa de “informar e formar a opinião pública”. Tudo era mesmice. As mesmas notícias, as mesmas tragédias, os mesmos entrevistados para falar sobre os mesmos assuntos...

Eu queria fazer perguntas verdadeiras, queria as respostas que o entrevistado não deixava escapar e definitivamente, não iria noticiar a greve dos professores, por exemplo, mostrando os alunos sem aulas, ou os pais sem trabalhar porque não têm com quem deixar seus filhos. Eu queria explicar os motivos que originaram a greve e quais eram as condições injustas que

⁹ Financiado pelo Programa Institucional de Pós-Graduação CAPES/REUNI de Assistência ao Ensino de Graduação e Educação Básica.

aqueles trabalhadores lutavam para superar. Se naquele tempo eu já houvesse me encontrado com Freire, iniciaria minha narrativa dizendo que “A luta dos professores em defesa de seus direitos e de sua dignidade deve ser entendida como um momento importante de sua prática docente, enquanto prática ética” (2009, p. 66), e que devemos apoiá-los neste momento, pois a luta pelos direitos dos educadores é também pela melhoria da educação.

A oportunidade de filiar-me a outra corrente de comunicação, mais humanista, comprometida, trouxe consigo um novo horizonte: o da Educação Ambiental. Este encontro se deu durante os três anos em que estagiei na unidade de Clima Temperado da Embrapa - Pelotas. Para produzir informação sobre as técnicas de pesquisa desenvolvidas para o campo, era necessário entender da dinâmica ambiental, ter contato com agricultores, conhecer a região. Ainda que a adjetivação ambiental não estivesse evidente na educação que exercíamos no programa de TV que produzíamos, o Terra Sul, sem dúvida aquelas ações foram minhas primeiras atividades na educação ambiental. Quanto mais eu entendia daquele universo, mais apaixonante ele se tornava. O jornalismo rural e o ambiental passaram a ser minha especificidade, aquilo que me diferenciava dos colegas da área e que me encantava.

O jornalismo rural trabalha em outra velocidade, não se prende ao infinito gerúndio¹⁰ dos telejornais. O movimento enérgico de imagens, somado à edição que resume os fatos ao máximo, constitui junto à narrativa oral objetiva e sucinta, o caráter de imediatismo da televisão. Quer dizer, a TV como lugar é predominantemente um espaço onde os acontecimentos ocorrem em ritmo acelerado e numa dimensão continuamente momentânea. Este imediatismo se configura como lógica inconsciente e produtora de um tipo de subjetividade superficial, que impede a reflexão, a comparação, a meditação e o distanciamento necessários para compreender o que se passa nas entrelinhas.

Produzir uma peça audiovisual para o espectador rural, por sua vez, pressupõe calma e atenção redobrada ao texto - que deve ser simples e direto.

¹⁰ Gerúndio é o tempo verbal que expressa a ação que está em andamento, ou seja, que ainda não está completa. As regras que caracterizam o bom texto jornalístico, determinam que o texto da notícia deve ser redigido, impreterivelmente desta forma.

É necessário dar tempo ao tempo. Tempo ao nascer e ao pôr do sol, ao zumbir de uma abelha, ao movimento do campo de trigo, que dança na melodia do vento... Foi assim que aprendi a trabalhar com a plasticidade das imagens, com os sons, o ritmo, enfim, com o sentimento.

Assim como os agricultores, as crianças “funcionam” em outro tempo. Um tempo que deve ser acertado para permitir o compasso entre o aprendizado e a brincadeira. Entre a necessidade do sustento e os ciclos da natureza. Nestas condições, viajar de uma temporalidade a outra é fundamental para produzir novas subjetividades. Talvez este caminho passe pela (re)conexão com o meio natural e pelo resgate da sensibilidade, no sentido de perceber os encantos de partilhar um tempo e uma existência de forma amorosa e poética. Esta relação inspiradora que existe entre o ser humano e o tempo é cantada por Caetano Veloso na letra de *Oração ao Tempo*. Ele diz:

*De modo que o meu espírito
Ganhe um brilho definido
Tempo Tempo Tempo Tempo
E eu espalhe benefícios
Tempo Tempo Tempo Tempo*

E em seguida:

*Ainda assim acredito
Ser possível reunirmo-nos
Tempo Tempo Tempo Tempo
Num outro nível de vínculo
Tempo Tempo Tempo Tempo*

É a partir do poder infinito da poesia que se constituem territórios de livre expressão, capazes de contribuir para a criação de antídotos para a uniformização das subjetividades.

Em minha trajetória profissional algumas vezes fui efetivamente retaliada em minhas propostas de pauta¹¹, porém, mesmo que esta censura não ocorra de forma real, aparente, existe dentro das redações – como em qualquer outro campo social - uma espécie de mão imaginária, simbólica, que normatiza o *quefazer* do jornalista dentro de determinados padrões éticos, fundamentados na busca da suposta imparcialidade, ensinada nas Escolas de Comunicação.

Esta mão é parte do inconsciente político que devemos transversalizar, é neste lugar que a nova subjetividade deve ser produzida. Esta mão deve ser aberta, colocada em movimento, em dança, disposta a bater palmas...

As vivências que tive nas instituições midiáticas me provocaram questionar, dentre outras coisas, o estado inconsciente, de onde surgiam concepções que regulavam o modo de comunicar e legitimavam a manipulação das informações como parte indissociável da busca pela clareza, precisão, concisão e imediatismo da produção em TV.

1.4. Caminhos metodológicos - desafios e questões da pesquisa

Estes questionamentos suscitaram a vontade de pesquisar maneiras que pudessem ir de encontro à subversão desta realidade. Destes questionamentos pessoais, emergiram as seguintes questões, que atuam como mola propulsora desta pesquisa:

É possível criar antídotos para a uniformização midiática por meio de produções audiovisuais alternativas, que produzam subjetividades distintas daquelas impostas pelos M.C.M., estimulando maneiras sustentáveis de existência?

A manipulação midiática é uma enorme fonte de poder em nossa sociedade, pois é capaz de difundir uma interpretação fabricada da realidade, de onde se reafirma uma ação alienada sobre o mundo. A disseminação desta falsa compreensão do real objetiva o acobertamento das contradições do

¹¹ Pauta é a orientação que os repórteres recebem do editor, descrevendo que tipo de reportagem deverá ser feita, com quem deverão falar, onde e como será abordado o assunto.

sistema capitalista instituído, que alienando os sujeitos, garante sua exploração. Desta forma, produz-se subjetividade e instigam-se desejos que atingem o inconsciente dos sujeitos, moldando comportamentos e fazendo com que os próprios sujeitos tornem-se reprodutores destes discursos. Por meio desta produção de subjetividade, o sistema capitalista molda as relações ambientais, fazendo com que os sujeitos assumam papéis inerentes às regras deste sistema. Assim, na busca pela individualidade – que a própria mídia promove -, os sujeitos reproduzem modos de ser e consomem objetos que lhes conferem destaque dos demais, contribuindo assim com as imposições capitalistas que a mídia dissimula: manter o domínio de bens privados, ostentar mais poder do que o outro, manter a hierarquia, e assim por diante.

Assim, faz-se cada vez mais necessário produzir antídotos contra a poluição midiática, de forma a resgatar a autenticidade e a autonomia dos sujeitos. Tomando como base a referência Ecosófica, que busca a recomposição das práxis humanas nos diversos domínios da vida, poderíamos investir em ações inerentes à ecologia mental, que “será levada a procurar antídotos para a uniformização midiática e telemática, o conformismo das modas, as manipulações da opinião pela publicidade, pelas sondagens, etc.” (Guattari, 2008: 16).

Deste modo é possível pensar que a produção de elementos audiovisuais alternativos e a análise de seu produto como processo educativo, podem estimular novas maneiras de compreender e atuar no ambiente. A livre expressão dos sonhos, dos desejos e das expectativas dos sujeitos, pode instigar modos de ser comprometidos com o bem estar, com a qualidade de vida das populações, com a sustentabilidade ambiental, enfim, com a saúde. Assim, a apropriação da mídia alternativa pelos sujeitos pode ser entendida como uma ação no sentido inverso, que toma posse do que “poderiam ser os dispositivos de produção de subjetividade, indo no sentido de uma re-singularização individual e/ou coletiva, ao invés de ir no sentido de uma usinagem pela mídia, sinônimo de desolação e desespero” (Guattari, 2008: 15).

Utilizar o audiovisual como ferramenta da EANF de forma a estimular a reflexão acerca do papel do ser humano no ambiente, pode gerar/potencializar intervenções que promovam a melhoria da qualidade das relações ambientais?

Como vimos na questão anterior, a produção de elementos audiovisuais de forma alternativa pode estimular novas formas de pensar e agir, criando territórios existenciais que permitam aos sujeitos experimentar uma re-singularização de suas subjetividades. Pequenas intervenções envolvendo pequenos grupos da sociedade são caracterizadas por Guattari como revoluções micropolíticas que podem criar rupturas no sistema instituído. Assim, a proposta desta pesquisa pode ser entendida como um *Klinamem* – vocábulo grego que significa desvio, invenção¹², e que

“alude à ideia democritiana de que la realidad esta constituida por “átomos que caen en el vacío según trayectorias rectas”. Cuando uno de ellos se “desvia” y entra en colisión con otro, en un mínimo de tiempo pensable, se crea una nueva unidad, inexistente hasta el momento, que constituye una “invención”. (BAREMBLITT, 2000, [s. p.]).

Assim, poderíamos imaginar que tanto a oficina *Criando Ambientes Midiáticos Sustentáveis* quanto o programa JORNALECO, constituem-se nestes pequenos desvios na trajetória de um átomo, e que a matéria nova que pode surgir desta colisão, são novas maneiras de produzir subjetividade, que problematizem, desacomodem, que permitam a construção conjunta de novos valores humanos, que incentivem a atuação dos sujeitos como agentes de transformação da crise ambiental vigente.

Assim, pode-se afirmar que este estudo tem o compromisso com a intervenção que gere mudanças, que traga novos horizontes aos participantes e que, por fim, meio e início, objetive rompimentos na estrutura social estabelecida. O objetivo principal é fazer com que sejamos capazes de

¹² Disponível em <http://fgbbh.org.br/glossario.htm> Acesso em 19 Mar. 2012. Site da Fundação Gregório Barembritt – Instituto Félix Guattari.

desvelar e transformar a realidade em que estamos inseridos, exercendo a cidadania e apreendendo no processo. Este “universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, (...) corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos (...) e não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis” (MINAYO, 1994, 22), por isto, quanto à sua abordagem, esta pesquisa pode ser classificada como qualitativa.

Ao desconstruir e construir subjetividades, ao propor a auto-análise e a transformação social por meio da construção conjunta de um saber que oriente a ação coletiva, os sujeitos estarão envolvidos em um processo educativo e coletivo de mudança social, o que caracteriza a pesquisa-ação-participante. (BARBIER, 2006 e BRANDÃO, 2009).

“...Conhecer a sua própria realidade, participando da produção do conhecimento sobre ela, da produção de sua própria história, como forma de transformá-la é o princípio desta modalidade de pesquisa. Temos ainda aqui em destaque a superação dos “pesquisados” como “objeto” de estudo, a transformação de “pesquisadores-e-pesquisados” em sujeitos, aliados e parceiros, no processo de produção de conhecimentos sobre a realidade social que tem por objetivo a “reconquista popular” (TOZONI-REIS, 2007: 138).

A escolha do método justifica-se então, na harmonia entre o caminho a ser percorrido e o possível local de destino, que persistirá inimaginável quiçá além deste, em um processo retroalimentador e ressignificante do conhecimento aqui construído.

1.5. A imagem em movimento e o movimento das imagens: da arte rupestre ao reality show

Falar da importância da imagem em um tempo predominantemente imagético pode fazer com que o leitor me acuse de pleonasma. Corrirei este risco, pois conhecer esta história pode auxiliar na compreensão do fenômeno investigado.

No avançar do texto vamos refletir a respeito de como os conteúdos imagéticos tornaram-se tão importantes em nossa sociedade. Faremos uma breve análise sobre a evolução do audiovisual como suporte tecnológico e sua influência em nossa maneira de compreender o mundo e relacionarmo-nos com a natureza.

A história das imagens em movimento acompanha a evolução da humanidade desde a idade paleolítica. A arte rupestre dos principais sítios arqueológicos que conhecemos, já apresentava indícios da necessidade do homem de representar aspectos dinâmicos da vida humana e do meio natural. Nos desenhos e gravuras, os bizões, cavalos e antílopes apareciam em movimento, em sequências completas que contavam com detalhes os métodos utilizados na caça.

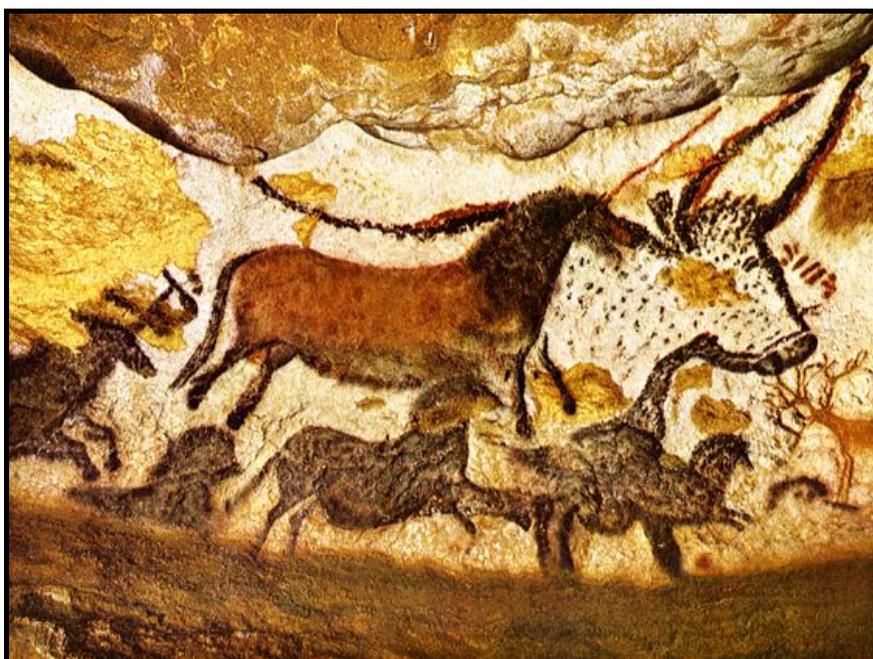


Figura 1 Arte rupestre, Gruta Lascaux - França, 15000 a.C.

Além da ideia de movimento retratada nas figuras, é possível supor que em determinadas situações se produzia nestas grutas um espetáculo muito parecido com o movimento de imagens que conhecemos hoje. Imagine-se caminhando por uma destas cavernas com uma tocha em punho. Certamente

poder-se-ia ter a ilusão de movimento¹³ a partir da oscilação de luz produzida pelas chamas e do próprio caminhar, que à medida que avançava ia revelando novas imagens.

Para o homem pré-histórico a representação de imagens era possivelmente a maneira de garantir que seus desejos se concretizassem. Nossos ancestrais acreditavam que ao desenhar uma caça bem sucedida ou vacas gordas, cheias de leite, as imagens ali reproduzidas, viriam a ser realidade¹⁴.

As primeiras apresentações de caráter público de imagens em movimento nos levam às famosas óperas chinesas. Foi nestes eventos que surgiu o teatro de sombras, um espetáculo de luz e sombra onde pedaços de papel recortados em formatos de figura humana, animais, objetos, etc., eram manipulados por detrás de uma cortina de linho. Era o princípio da utilização das imagens como forma de refletir sobre a experiência humana no mundo.



Figura 2 Personagens do Teatro de Sombras. Século XIX

¹³ O olho humano retém imagens na retina por cerca de um décimo de segundo após a imagem ter desaparecido. Esta característica denominada estroboscopia ou retenção retiniana, permite criar a ilusão de movimento quando imagens estáticas são substituídas em um intervalo de tempo menor do que o cérebro consegue registrar. Este fenômeno natural é ainda hoje a base do movimento das imagens.

¹⁴ Interessante pensar que o ato de representar nossos desejos na forma de desenho, direcionando assim energia construtiva para o fruto de nosso querer, remete à prática de um dos princípios da Física Quântica, bastante difundidos na primeira década deste século: a lei da atração.

Já no fim da Idade Média e início da Moderna, época de transição do sistema feudal para o capitalista, as transformações na maneira de compreender e ser no mundo, tornam o homem um investigador da natureza. A concepção de natureza como algo distante do homem e a necessidade de dominar o meio natural surgem em consonância com esta nova maneira de pensar.

A paisagem cultivada neste período passou a ser bem diferente do que costumava ser. Lavrava-se o solo de maneira a impor o padrão humano ordenado à natureza. Daí surge a valorização do meio natural de acordo com sua capacidade de produzir recursos a serem explorados.

“As montanhas, em meados do século XVII, eram odiadas sendo tachadas pela sociedade da época como ‘estéreis’, ‘deformidades’, ‘verrugas’, ‘furúnculos’, ‘mostruosas excrescências’, incontáveis tumores” (Thomas, 1989: 307) e assim por diante, por não fornecerem alimentos.

No campo das artes, surge a necessidade de representar o mundo de maneira racional, matemática. Para isto Da Vinci utilizava a câmara escura, um artefato que possibilitava a cópia fidedigna da natureza em suas obras.



Figura 3 Câmara Escura, 2ª metade do séc. XIX

Diversos inventores ao longo dos séculos deram seguimento aos estudos de Da Vinci, criando e aperfeiçoando máquinas capazes de projetar imagens. Mas foi em 1889 que William Dickson, engenheiro e assistente de Thomas Edison, realizou um grande avanço no sentido da descoberta do cinema: inventou um sistema de engrenagem que comportava uma tira de 15 mm de película de celulóide. A invenção desta engrenagem deu origem à criação do Cinetoscópio, um aparelho com obturador de alta velocidade que permitia a projeção interna de filmes, que eram vistos em uma janela no gabinete que abrigava seus componentes.



Figura 4 Gabinete que abriga o Cinetoscópio

A patente do Cinetoscópio foi registrada por Thomas Edison em 1891. Três anos mais tarde, surge o primeiro filme curta-metragem feito para ser visualizado no aparelho: Sneeze Fred Ott¹⁵ é o registro de um espirro, feito por

¹⁵ Vídeo disponível em www.youtube.com/watch?v=2wnOpDWSbyw&feature=Playlist&p=3F53C17967CF9294&playnext=1&playnext_from=PL&index=18

Dickson em janeiro de 1894, para fins publicitários. De acordo com documentação disponível na Biblioteca do Congresso Americano¹⁶, a estrela é Fred Ott, um funcionário do laboratório de Edison, conhecido por seus colegas de trabalho por seus espirros e piadas cômicas.

Além do avanço tecnológico que o Cinetoscópio significa para a história das imagens em movimento, o aparelho inaugura um novo propósito para a utilização destas imagens: entreter. Iniciam-se assim as primeiras experimentações do vídeo rumo a novas linguagens.

Em 1895 os irmãos Lumière¹⁷ registram a patente do cinematógrafo¹⁸, máquina de filmar, revelador de películas e projetor de cinema, inventada por Léon Bouly. Este aparelho capturava imagens estáticas (fotogramas), que podiam ser reveladas e/ou reproduzidas por um mecanismo de obturação que utilizava uma película de 35 mm, e um sistema de iluminação que permitia sua exibição em superfícies brancas.

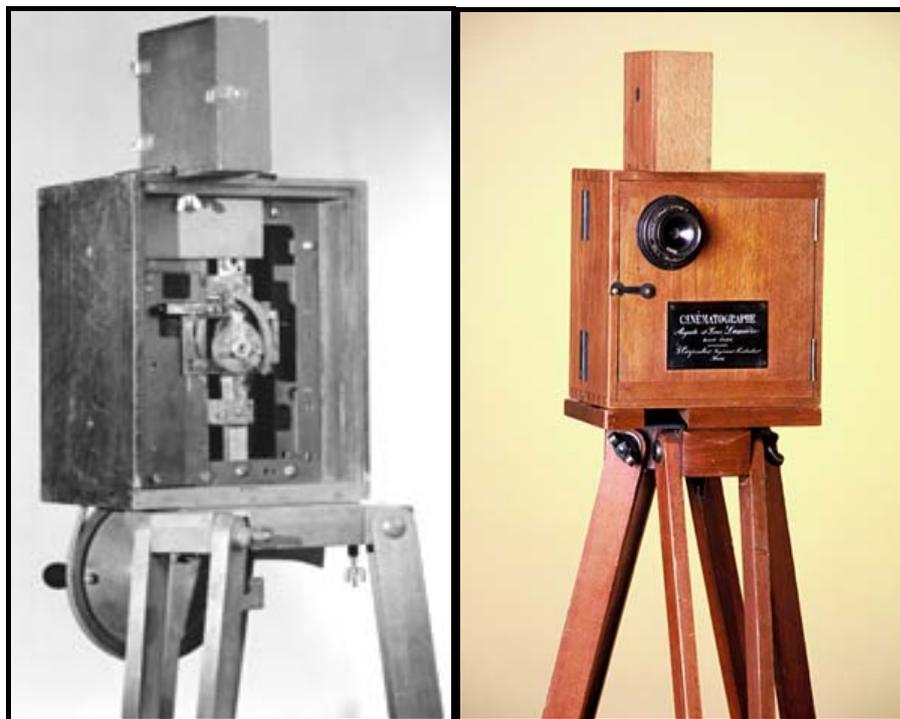


Figura 5 Protótipo criado pelos irmãos Lumière e o modelo do cinematógrafo patentado

¹⁶ Para mais informações acesse o website Library of Congress no endereço: www.loc.gov

¹⁷ Para mais informações sobre os Irmãos Lumière, acesse o site: www.institut-lumiere.org/

¹⁸ Para assistir ao vídeo do cinematógrafo em funcionamento, acesse: www.institut-lumiere.org/patrimoine_index.html

A primeira divulgação do cinematógrafo com entradas pagas foi em Paris, no Grand Café. A sessão que incluía dez filmes foi inaugurada com a projeção de *La Sortie de L'usine Lumière à Lyon* (A Saída da Fábrica Lumière em Lyon)¹⁹, onde era possível ver milhares de trabalhadores amontoados, deixando apressados as dependências da fábrica. Estava oficialmente inaugurado o cinema!

LE CINÉMATOGRAPHE
SALON INDIEN
 Grand Café
14, Boulevard Des Capucines, 14
PARIS

Cet appareil, inventé par MM. Auguste et Louis Lumière, permet de recueillir, par des séries d'épreuves instantanées, tous les mouvements qui, pendant un temps donné, se sont succédé devant l'objectif, et de reproduire ensuite ces mouvements en projetant, grandeur naturelle, devant une salle entière, leurs images sur un écran.

SUJETS ACTUELS

1. La Sortie de l'Usine LUMIÈRE à Lyon.	5. Les Façonnés.
2. La Pêche.	6. Le Jardinier.
3. La Pêche aux Poissons Rouges.	7. Le Repas.
4. Le Débarquement du Congrès de Photographie à Lyon.	8. Le Saut à la Conterrière.
	9. La Place des Cordeliers à Lyon.
	10. La Mer.

Figura 6 Cartaz publicitário da primeira exibição pública do cinematógrafo

O cinematógrafo tornou mais simples a captação e reprodução de imagens, o que por sua vez, incentivou investimentos na produção de imagens que entretessem ao espectador. Inicia-se então, com o cinema mudo, a indústria da imagem.

Somente em 1927, o vídeo torna-se *audiovisual*, com o lançamento do primeiro filme sonoro, o *The Jazz Singer*, musical norte-americano

¹⁹ Assista o vídeo em www.youtube.com/watch?v=xy3zZ7jP67I

protagonizado por Al Jolson. As falas e os sons eram gravados em discos de acetato, que tocavam sincronicamente com a exibição de imagens. A partir de então os filmes sonoros - chamados talkies -, ganharam o interesse do público e aos poucos, substituíram o cinema mudo, que se tornara ultrapassado.

No Brasil, o primeiro filme sonoro a ser lançado foi *Acabaram-se os Otários*²⁰, do diretor Luiz de Barros. A trilha sonora *Deixei de ser Otário*, era cantada pelo protagonista Genésio Arruda. A comédia foi lançada apenas dois anos após a estréia norte-americana, o que atesta o pioneirismo da produção audiovisual no Brasil, considerando a diferença de potências entre os dois países.



Figura 7 Cartaz publicitário do primeiro filme sonoro produzido no Brasil

A evolução tecnológica e a consolidação do audiovisual como entretenimento se deu de forma acelerada. Pouco mais de vinte anos após o

²⁰ Assista em www.youtube.com/watch?v=tFD3_H5pQeo

lançamento de *Deixei de ser Otário*, a televisão em cores já estava implementada no Brasil e começava a roubar a cena nas relações familiares.

Em 1960 presenciamos a chegada dos videotapes, que possibilitaram às grandes empresas de comunicação veicular através de suas retransmissoras uma programação uniforme e uniformizante, que reduzia a diversidade brasileira à cultura do eixo Rio-São Paulo.

Por outro lado, o vídeo foi bastante utilizado por videoartistas que a partir da década de 70, deram início a uma nova perspectiva no campo das artes: as performances do corpo em movimento como suporte discursivo, que inauguram o vídeo como meio de expressão estética.

O videoarte traz à arte conceitual brasileira a reflexão sobre o paradigma sócio histórico que despontava na época. Evidencia a reorganização dos papéis sociais, a transformação das identidades, a escala exacerbada do consumo, a coisificação do corpo...

Dentre os pioneiros da videoarte brasileira destaco a produção de Letícia Parente, que se caracteriza pela ironização de conceitos e valores dos anos 70 por meio da construção de paradoxos desconcertantes. Desconcertante. Difícil encontrar palavra que expresse melhor o sentimento de estranhamento que as produções de Letícia Parente causam no espectador. Em um de seus vídeos mais conhecidos, *Marca Registrada*²¹ (1975) a videoartista aparece bordando a sola do próprio pé com a inscrição *Made In Brasil*.

A ironia se manifesta quando é trazida ao contexto de identidade cultural unificada (e imaginada) na categoria de nação. O vídeo é finalizado assim que se termina o ato de bordar. Não há tempo para a admiração da obra, que não é o resultado final, mas a ação do corpo performático em si.

²¹ *Marca Registrada* (1975, 10', Porta-pack)



Figura 8 Frame do videoarte *Marca Registrada*

Sem dizer uma palavra, Parente problematiza a cultura patriarcal brasileira, que estabelece que bordar é função feminina. A rejeição da artista a estes aspectos da vida em sociedade (e muitos outros que a análise conotativa atenciosa permite) fica explícita na escolha da planta do pé como superfície a ser trabalhada. Sua obra critica estas relações quando as remete a algo que deverá ser pisoteado. A sensação de estranhamento surge da reafirmação do papel da mulher ao realizar aquilo que lhe é esperado – bordar –, porém utilizando-se de uma ação inesperada – como um *Klinamem* –, bordar o pé.

Em outras produções pode-se observar a roupa da artista sendo passada a ferro²² - com ela dentro, claro - ou ainda sendo pendurada em um cabide²³, dentro de um armário. A crueza de suas obras pode ser entendida como uma das maneiras de amplificar a urgência de seu discurso.

A partir dos anos 90 a evolução da técnica e da linguagem audiovisual acelera-se ainda mais. Em poucas décadas fomos apresentados à TV segmentada, que objetivava a fidelização do espectador ao comunicar para perfis pré estabelecidos, à transmissão via internet, que permitiu assistir à

²² Videoarte intitulado *Tarefa I* (1982, 2'00", Betamax)

²³ Videoarte intitulado *In* (1975; 1'20".Porta-pack ½ polegada)

programação em qualquer lugar do mundo, ao formato de programas reality, que afirma-se como zoológico das relações humanas, à TV digital, que trouxe ainda mais qualidade para o suporte de imagens em movimento... Enfim, a produção audiovisual no País não pára, e justamente porque não pára, não nos deixa tempo para pensá-la!

2. PATOLOGIA DA MÍDIA: EFEITOS DA MANIPULAÇÃO MUDIÁTICA NA FABRICAÇÃO DE SUBJETIVIDADES

Muitos autores (Bourdieu, Bucci, Guattari, Lèvy, Thompson, etc.) consideram que a manipulação midiática é uma enorme fonte de poder em nossa sociedade, pois é capaz de difundir uma interpretação fabricada da realidade. Para Bourdieu, esta faculdade é o *poder simbólico*, uma espécie de poder “quase mágico”, capaz de produzir efeitos reais sem dispêndio aparente de energia.

O poder simbólico como poder de constituir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo e, deste modo, a ação sobre o mundo, portanto o mundo; poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica), graças ao efeito específico de mobilização, só se exerce se for reconhecido, quer dizer, ignorado como arbitrário (Bourdieu, 2000: 14).

Neste contexto a mídia, sobretudo a televisão, é presença marcante nas relações familiares e parte significativa da vida política e cultural do País. Está em 98% dos lares²⁴; até mesmo naqueles em que não há geladeira!

A TV uniformiza e, portanto, despessoaliza o homem moderno, na medida em que dissemina valores e ideais de vida inalcançáveis pela maioria dos indivíduos. Todavia no espaço/tempo da TV, tais comportamentos são a regra, o que incita o telespectador – que possui uma relação muito próxima com o meio - a reproduzir o mesmo padrão. A TV naturaliza o instituído, acomodando as subjetividades. Nós, ignorantes da arbitrariedade da televisão, como aponta Bourdieu, tornamo-nos sujeitos passivos da produção de subjetividade e pensamos equivocadamente, que nossas interpretações daquilo que experienciamos são absolutamente próprias, individuais, fruto apenas da nossa subjetividade.

“O espaço público no Brasil começa e termina nos limites postos pela televisão. Ele se estende de trás para adiante: começa lá onde chegam a luz dos holofotes e as objetivas das câmeras; depois prossegue, assim de marcha à ré, passa por nós e nos ultrapassa, terminando às nossas costas, onde se desmancha a

²⁴Dados do Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (IBOPE). Disponível em www.ibope.com.br Acesso em 20 de maio de 2011.

luminescência que sai dos televisores. O resto é escuridão” (BUCCI, 2005, 11).

Este fenômeno ocorre de forma sutil: ao sermos expostos diariamente aos modos de ser glamourizados da televisão, acabamos por identificar-nos com determinados personagens reais ou imaginários. O processo de naturalização do instituído torna as características destes personagens um modo de ser ideal, que neste contexto, inevitavelmente será reproduzido. Daí deriva a capacidade de alienação e violência simbólica que a TV possui: cria uma imagem daquilo que seria a sociedade brasileira, uniformizando, criando a falsa ideia de um País unido, para brutalmente, esconder a desigualdade social estabelecida.

O enorme poder concentrado na TV brasileira lhe foi delegado pelo atraso, o mesmo atraso que favoreceu e favorece latifundiários, as empreiteiras, os banqueiros. Entre todos, os donos das emissoras e principalmente das redes são os mais poderosos. A TV é um desequilíbrio a mais num país de desequilíbrios (desequilíbrios que ela, por sinal, esconde) (BUCCI, 2005: 35).

2.1. Mídia, consumo e ambiente

A mídia televisiva, portanto, pode ser entendida como um elemento retroalimentador do sistema capitalista instituído visto que é por meio da televisão que reafirmamos a lógica capitalista que regulamenta as relações ambientais contemporâneas. A TV nos impõe diariamente – e na maioria dos casos, desde muito cedo - que a felicidade está atrelada ao consumo de objetos.

Nesta perspectiva, Bauman (2008) afirma que as relações sociais na sociedade de consumidores se estabelecem a partir de um padrão muito semelhante às relações entre consumidores e objetos de consumo. É necessário consumir para ser. De maneira espirituosa, mas sem desmerecer a gravidade da colocação, o autor traz à reflexão o cogito de Descartes em versão atualizada: “*Compro logo sou... um sujeito*”.

Na sociedade de consumidores, ninguém pode se tornar sujeito sem primeiro virar mercadoria, e ninguém pode manter segura sua subjetividade sem reanimar, ressuscitar e recarregar de maneira perpétua as capacidades esperadas e exigidas de uma mercadoria vendável (Bauman, 2008: 20).

Considerando a velocidade e a quantidade de informações que atravessam os distintos campos e classes sociais, é possível afirmar que atualmente, grande parte das pessoas tem conhecimento - mesmo que de forma ingênua –, de que o consumo exacerbado de bens gera resíduos que não são devidamente tratados/destinados por nós consumidores, nem pelos fabricantes, que deveriam responsabilizar-se pelos dejetos de seus produtos.

Por isso, ao consumir futilidades em escala crescente, estamos confirmando nossa postura antropocêntrica ao admitir que nosso desejo de possuir objetos seja mais importante do que a preservação da vida.

Assim, ao analisarmos a relação entre mídia, consumo e ambiente, poderíamos imaginar os sujeitos sendo engolidos por uma realidade aprisionadora, da qual é difícil escapar. De um lado vemos o sistema capitalista opressor, excludente, de outro a mídia (em especial a TV), que estimula os sujeitos a serem únicos e originais. Todavia esta originalidade é produzida de maneira industrial e vendida pela mídia na forma de signos que garantem a manutenção do sistema instituído. Esta relação em cadeia, por fim, desemboca na solidificação dos conflitos em nível mental, social e ambiental. Se nos aventurarmos a pensar em uma imagem que se aproxime desta realidade, chegaríamos a algo parecido com isto:



Figura 9 Diagrama da relação entre a mídia e os conflitos ambientais

Os sujeitos, neste contexto, colocam-se em uma situação sem saída, engolidos de um lado pelo sistema econômico e de outro pelas imposições midiáticas.

Segundo Pedrini e Cavalcanti (1997), as populações de nações que vivem sob a dominação neoexpansionista norte-americana vivem um analfabetismo ambiental oriundo da veiculação massiva de modelos de vida e hábitos de consumo insustentáveis. Desta forma, sofrem degradações éticas e morais, assistindo à exploração desenfreada de suas reservas naturais, tecnológicas e materiais, para a manutenção de um modelo de desenvolvimento econômico imposto pelos países ricos.

São estas as atitudes que precisam ser repensadas, pois como diz Guattari, vivemos em um momento histórico no qual “cada vez mais, os equilíbrios naturais dependerão das intervenções humanas” (2008: 16).

De toda forma, sabemos que o que se consome hoje, não são produtos, são signos. Vendem-se, sobretudo, imagens e modos de ser. Nesta cultura, ser consumidor precede o ser cidadão. Os valores convertem-se todos em valores de troca. O indivíduo conhece o preço das coisas, mas desconhece o seu próprio valor. Esta postura abre precedente para a desvalorização de nós mesmos, do outro, do ambiente, enfim, da natureza.

Esta desvalorização agrava-se porque o estilo de vida que temos hoje nos empurra cada vez mais para o individualismo, para a competição e conseqüentemente, para a desconexão de nós mesmos e para o desligamento do ambiente.

Os conceitos de responsabilidade e de escolha responsável, que antes residiam no campo semântico do dever ético e da preocupação moral pelo Outro, transferiram-se ou foram levados para o reino da auto-realização e do cálculo de riscos. Nesse processo, “o Outro” como desencadeador, alvo e critério de uma responsabilidade reconhecida, assumida e concretizada, praticamente desapareceu de vista, afastado ou sobrepujado pelo eu do próprio ator (Bauman, 2008: 119).

O termo da atualidade é correria. Nesta realidade, cada um de nós tornou-se apenas mais um rosto na multidão uniforme.

Refleta caro leitor, não é comum sermos surpreendidos por detalhes na paisagem com a qual convivemos habitualmente? Não raramente, duvidamos

da presença constante destes detalhes, ignorando nossa dificuldade em lançar o olhar contemplativo, curioso, ao ambiente que está ao nosso redor. A justificativa fica a cargo da tal correria, da falta de tempo.

O tempo para o ócio, para a contemplação, para ser e sentir apenas, é cada vez mais visto com desprezo, como tarefa de quem não tem o que fazer.

É nesta esfera que esta pesquisa propõe-se a trabalhar: Ressignificar as relações do indivíduo com o outro e consigo mesmo no ambiente, utilizando a mídia alternativa como suporte tecnológico que possibilite a sensibilização, a reflexão, a criação do novo. Desenvolver ações no sentido de resgatar as singularidades e promover a expressão original, autônoma, criando pequenas rupturas no instituído, reinventando maneiras de transformar o ambiente.

Trata-se, a cada vez, de se debruçar sobre o que poderiam ser os dispositivos de uma re-singularização individual e/ou coletiva, ao invés de ir no sentido de uma usinagem pela mídia, sinônimo de desolação e desespero (GUATTARI, 2008: 15).

2.2. É o que queremos: poder e dinheiro! - A relação de cumplicidade entre os profissionais da mídia e a produção de subjetividade

É importante que o leitor entenda que a manipulação midiática não acomete apenas o telespectador. Os produtores de TV, os jornalistas principalmente, estão envolvidos por este poder simbólico de tal forma, que reproduzem suas regras sem perceber, e sem nunca terem sido instruídos para isto. É algo que se aprende na prática, no dia a dia das redações. Experimente perguntar a um jornalista porque determinada pauta²⁵ é mais importante do que a outra ou porque tal assunto merece ou não a cobertura jornalística. A grande maioria destes profissionais responderá que é obvio e certamente, não saberá explicar por quê.

Aí reside a influência do poder simbólico nos campos – algo que se aprende inconscientemente e que não se sabe que sabe. É como se este

²⁵ Orientação que os repórteres recebem do editor orientando a respeito da reportagem que deverá ser realizada.

aprendizado fosse passando de um profissional a outro, assim, meio que por osmose. São estas obviedades que nos propomos a repensar.

Ao lançar o olhar crítico para a formação destes profissionais, certamente encontraremos alguns dos motivos que levam a este tipo de comportamento. Em relação a este fenômeno se poderia citar a reportagem *Paisagem Mental dos Estudantes Brasileiros de Jornalismo*, publicada na revista Caros Amigos em 2007. O texto reúne entrevistas feitas com estudantes e professores de jornalismo de universidades particulares e públicas das diversas regiões do País.

As declarações revelam a censura de materiais experimentais produzidos pelos estudantes e convênios entre universidades e empresas de comunicação, que ministram disciplinas optativas nos cursos de graduação. Nas entrevistas algumas falas permitem identificar esta espécie de treinamento ao qual me referi anteriormente: “Sempre estaremos sujeitos a estilos de redações de jornais e censuras, é bom nos acostumarmos com isso” e “ O fato é que é um jornal grande [*Folha de São Paulo*], e um jornal que se diz que paga bem – é o que queremos: poder e dinheiro”.

Nesta passagem é possível perceber que o “treinamento” começa dentro das escolas de jornalismo. Minha experiência pessoal confirma esta colocação. Posso afirmar que a manipulação é conteúdo programático na formação dos jornalistas. Uma das regras do “bom” jornalismo que aprendi na graduação é a notícia de compensação:

“A fórmula é antiga, desde o tempo em que se anunciava o índice da inflação para logo em seguida proclamar o rendimento da poupança, envolvendo a má notícia numa mensagem positiva. O propósito também é antigo: que a nossa vida dura no Brasil vale a pena e vai indo bem, obrigado” (BUCCI, 2005, 54).

Neste sistema insere-se também a prática de noticiar desastres naturais que ocorrem em outros países para depois mostrar as belezas naturais brasileiras e explicar por que este tipo de acontecimento não ocorre em nosso País. Reafirma-se assim o distanciamento que as barreiras geopolíticas nos impõem, a falta de solidariedade com o outro e, sobretudo, o desligamento do

ambiente, que a partir deste prisma, é compreendido como algo fragmentado em pequenos nichos.

Problematizar estas escolhas editoriais descortina a manipulação midiática como elemento que objetiva a manutenção do status quo, a acomodação da população para aceitar a realidade cheia de desigualdades. Para isto, o jornalismo traz consigo uma boa dose de fantasia: precisa ser espetacular, melodramático e acima de tudo, ter um final feliz.

Estas características vêm constituindo o formato do telejornal no Brasil desde a ocasião de seu surgimento em 1969, com o Jornal Nacional. Para fidelizar a audiência, o jornalismo teve de pegar carona no hábito do brasileiro de assistir à ficção, por isto, foi ensanduichado entre as novelas, como um entretenimento a mais na rotina televisiva do País.

A relação de proximidade entre a TV GLOBO e a ditadura militar²⁶ contribuiu para a solidificação da rede como a principal emissora do País, além de garantir a manipulação das subjetividades de acordo com os interesses políticos dos militares. Junto com a criação da Rede - feita por meio de um acordo contestável entre Roberto Marinho e o grupo americano Time-Life -, os militares criaram o Serviço Nacional de Informação (SNI), que espionava a vida dos opositores da ditadura, reunindo informações que pudessem ser usadas para justificar as punições aplicadas.

“A concessão deste canal ao Sr. Roberto Marinho faz lembrar o velho sistema de sesmarias. Ao donatário foi dado um poderio superior ao das velhas sesmarias do século XVI. Em troca disso a Globo fará de tudo para impedir qualquer reação popular contra os generais-ditadores” (GIANNOTTI, 2004: 84).

Lembremo-nos da transmissão que a rede Globo realizou sobre a reivindicação popular pela volta das eleições diretas para presidente da república, em 25 de janeiro de 1984. Este foi um ato histórico de mobilização nacional, ao qual a reportagem do Jornal Nacional tentou disfarçar, “dando a entender que a manifestação da Sé era apenas mais uma das solenidades que

²⁶ Sobre este assunto sugiro assistir o documentário muito Além do cidadão Kane, disponível no endereço: www.youtube.com/watch?v=oZr5lXhC5h8

comemoravam o 430º aniversário da cidade de São Paulo, cuja data coincidiu com o *comício das diretas*“ (BUCCI, 2009: 192).

2.3. Dos recantos da manipulação – esconderijos da imaginação

Ainda assim, o processo de manipulação não deve ser reduzido ao uso negativo de suas propriedades. Muitas vezes nos deixamos ser manipulados por que assim desejamos. Quando assistimos a um filme, por exemplo, queremos ser envolvidos pela fantasia que ali se coloca. O cinema como suporte para o audiovisual se caracteriza pela criação de uma atmosfera envolvente: o sistema acústico, as dimensões da tela e a penumbra da sala contribuem para o despertar do nosso imaginário. Esta fantasia, que é parte importante da nossa subjetividade e que muitas vezes adormece, é o que nos permite sonhar, imaginar novos modos possíveis de ser, de agir, de relacionarmo-nos...

Daí surge o desejo, que é potência produtiva e que pode tornar-se realidade, pois como diz Guattari, "O desejo é sempre extraterritorial, desterritorializado, desterritorializante. Ele passa por cima e por baixo de todas as barreiras" (1987: 81)

Deste processo emerge a contribuição da ferramenta audiovisual como elemento capaz de sensibilizar e mobilizar o espectador por meio de narrativas que problematizem, desacomodem, estimulem a reflexão.

Estas narrativas audiovisuais se inserem no hábito de contar histórias, que é tão antigo quanto a história da comunicação oral e configurou através dos tempos a maneira de transmitir valores, saberes, hábitos, ideais de estética, de felicidade, enfim, concepções de mundo, às gerações futuras. Desta forma constituía-se a identidade dos grupos. Identidades estas cravejadas de manipulação.

Utilizemos como exemplo o ato de contar histórias a crianças. Podemos movimentar o corpo, alterar a voz, produzir sons ou utilizar objetos que ajudem a construir o universo lúdico em que a história acontece. O leitor há

de concordar que em certo aspecto, estamos manipulando esta história da maneira que pensamos atrair mais a atenção da criança. Quanto mais fantástica for esta história, mais satisfeita a criança ficará. Note também que ao contar a história a alguém, ou seja, ao reproduzir a mensagem, esta criança certamente copiará as técnicas de manipulação do adulto.

Nos estudos sobre o desenvolvimento infantil, a imitação aparece como importante elemento da socialização, da linguagem e da cognição nas crianças, mas a compreensão desse processo e de seu papel específico depende da teoria do desenvolvimento e de como esta inclui o ambiente social. Para Piaget²⁷ o desenvolvimento da imitação está ligado ao aparecimento da função simbólica. Desta forma, a imitação precede a representação. A representação, por sua vez, é a reunião de um significante e de um significado e produto da interiorização gradativa da ação. Quer dizer, ao final dos seis estágios que compõe a gênese do imitar, a criança internaliza a repetição, passando a representá-la sem que haja necessariamente um modelo externo a ser imitado. (Piaget, 1973). É a partir deste “copiar” do adulto, que a criança passa a reproduzir os modelos estabelecidos pela sociedade, sujeitando sua subjetividade aos processos de manipulação pelo instituído.

A tradição de contar histórias continua presente na cultura brasileira, porém, o modo de contar estas histórias ganhou suportes com tecnologia cada vez mais avançada.

Os meios de produção e divulgação de mensagens estão cada vez mais acessíveis em termos econômicos e tecnológicos²⁸. A convergência de mídias²⁹ permitiu a democratização da produção audiovisual ao disponibilizar celulares com câmera de vídeo. A internet por sua vez, abriu espaço para a divulgação destas produções na medida em que permite a qualquer pessoa postar estes produtos. Hoje um vídeo caseiro postado no youtube³⁰ pode ser mais assistido do que uma produção audiovisual independente, realizada por

²⁷ Piaget descreve os processos da imitação em seis estágios que ocorrem durante o período sensório-motor, dos 0 aos 2 anos de idade.

²⁸ Os softwares e suas interfaces estão mais funcionais, o que permite que processos que antes eram bastante complexos se tornem cada vez mais simples.

²⁹ De um modo simples, este fenômeno pode ser compreendido a partir do exemplo dos celulares com câmera fotográfica, onde se miscigenam as mídias de telecomunicação e da fotografia digital.

³⁰ www.youtube.com

profissionais. O que escrevo aqui pode soar chistoso, mas não deixa de ser verdade: atualmente, produzir e divulgar elementos audiovisuais, é brincadeira de criança!

De acordo com o filósofo Walter Benjamim (1984), a programação televisiva – assim como os brinquedos e os livros infantis - expressa o projeto educativo de uma geração, ou de um grupo, impondo às crianças as características culturais que envolvem a época em que surge a televisão.

Em casa, nas escolas, no bairros, as crianças estão apropriando-se destas formas de linguagem para documentar suas realidades. Os chamados Webshows são miniprogramas idealizados por crianças e adolescentes, produzidos para ser divulgados em blogs ou sites de vídeo. Suas principais características são a curta duração, cerca de 5 minutos, e a linguagem predominantemente cômica. Uma simples busca em sites de bancos de dados visuais com as palavras chave *jornal* e *engraçado* revelam a enorme dimensão desta nova linguagem audiovisual.

O que chama a atenção nestas produções é a qualidade. A maioria dos vídeos demonstra cuidado com a plasticidade das imagens, com a qualidade do som e da edição, com a escolha do cenário, etc. Em geral, os temas dos miniprogramas se dividem em duas vertentes: assuntos do cotidiano (como estudar, passear, brincar, etc.) e sátiras dos verdadeiros telejornais, onde brincam com a espetacularização midiática ao divulgar de maneira cômica assuntos da atualidade (como questões políticas, de saúde, educação, etc.).

2.4.A infância na TV: ser criança na contemporaneidade

Como vimos, as novas gerações tem uma relação muito próxima com a tecnologia. Isto porque, cada vez mais, crescemos envolvidos por uma teia cultural predominantemente audiovisual, o que nos rendeu um sistema visual e auditivo superdesenvolvidos se comparados a outros sentidos do corpo humano. Assim, o sonoro, o colorido, o movimento, chama atenção cada vez mais cedo. É espantoso pensar que há poucas décadas nascíamos de olhos

fechados, enquanto hoje com quatro, cinco meses de nascidos, os bebês tem fascínio em brincar com telefones celulares.

Já nos primeiros dias de vida do bebê, os pais subjagam seus instintos ao eleger a babá eletrônica como principal ouvinte da criança. Em seguida, a televisão torna-se importante companhia quando os responsáveis precisam desempenhar alguma tarefa. Com dois, três anos de idade, a criança já utiliza o computador e com cinco, permanece tempo considerável, exposta à brutalidade dos videogames.

Há autores que discordam do caráter negativo dos videogames. Para o jornalista e roteirista de quadrinhos Gerard Jones, a influência da exposição de crianças à violência dos jogos e da TV seria positiva para o desenvolvimento da personalidade da criança, pois ajudaria a lidar com receios e angústias. Na obra *Brincando de Matar Monstros* (2004) Jones explica que as crianças e jovens sentem medo da realidade e encontram nos jogos uma espécie de poder que permite o desenvolvimento do caráter e o amadurecimento emocional, de forma que possam discernir entre as violências fictícia e real. De acordo com o autor, “crianças que brincam de matar monstros” são menos agressivas do que as que não participam deste tipo de brincadeira.

Em contraposição à ideia do autor, sabe-se que a exposição à violência faz com que esta se naturalize, tornando-se aceita tanto pela criança quanto pelo adulto. Em *Videologias* (2009), Eugênio Bucci diz que a violência da TV estimula e reafirma a violência exercida pela polícia. A hipótese desenvolvida pelo autor diz que desde o surgimento dos programas policiais, estabeleceu-se “uma parceria viciosa: os policiais ganharam visibilidade entrando no papel de heróis da força bruta; e as câmeras do sensacionalismo ganharam imagens gratuitas correndo atrás das viaturas ou se alojando dentro delas” (Bucci, 2009: 113).

Na realidade, o que se faz necessário e urgente é a busca por uma reconfiguração da vida em sociedade que propicie discussões para além do conteúdo dos jogos, que preconizem outras formas de brincar, como atividades lúdicas coletivas, que permitam às crianças desenvolver suas potencialidades utilizando a criatividade, a mente e o corpo de maneira saudável.

Infelizmente, o modo de ser criança hoje, pressupõe o domínio da mais recente tecnologia de comunicação, conhecer os jingles publicitários de memória, além de necessitar visceralmente de cada produto que o coleguinha da escola possui. A constituição da subjetividade infantil na contemporaneidade está intimamente ligada à lógica capitalista.

Isto porque o consumir precede a inscrição do indivíduo na sociedade. Ao consumir determinado produto, a criança configura-se como consumidor, distanciando-se ao mesmo tempo, dos não consumidores. À medida que esta lógica se estabelece, o possuir tende a regulamentar as regras do convívio social infantil. O pertencimento ao grupo está sujeito a ser igual, e ser igual pressupõe possuir os mesmos objetos. O que antes estava atribuído às habilidades de cada um, por exemplo, hoje se resume aos artigos de marca que a criança ostenta, além da adequação de sua imagem aos padrões estabelecidos pela mídia.

O eu e o outro são construídos a partir de um jogo de identificações e de imitações padrão que levam a grupos primários voltados para o pai, o chefe, a *star* de mídia. É, com efeito, no sentido dessa psicologia de massas maleáveis que trabalha a grande mídia (GUATTARI, 2008: 45).

A constituição da identidade sofre, portanto, a poda da uniformização midiática desde muito cedo. Esta lógica obedece à seguinte equação: quanto mais precoces forem as crianças, mais cedo se tornarão consumidoras. Quanto mais buscarem estar de acordo com os padrões sociais, mais consumirão objetos que simbolizem estes padrões.

Muitas vezes, a criança é exposta a realidades que diferem dos valores familiares, do grupo social e da situação econômica a qual pertence, recebendo estímulos que a condição social dela não acompanha, o que certamente, causa sofrimento.

Todavia nas classes sociais em que os pais têm condições econômicas de suprir o desejo das crianças, ocorre um fenômeno significativo: o tão almejado objeto de desejo perde seu valor após alguns dias de uso. Não raramente, após instantes. Quer dizer, o objeto do desejo deixa de ser a coisa

e passa a ser o consumir em si. Uma tentativa de suprir carências que não serão preenchidas pelos objetos.

[...] as novas gerações têm seus valores, opiniões e atitudes sedimentadas por veículos que não se interessam propriamente em sua educação, que não assumem explicitamente seu caráter pedagógico, mas que acabam frequentemente por influenciar mais profundamente a juventude que a educação desenvolvida na escola. (PERUZZO, 2001: 116).

Ainda assim a televisão tornou-se importante membro familiar, responsável por tomar conta das crianças desde a mais tenra idade, de demonstrar formas de conduta e de tratar de assuntos dos quais muitas vezes, os pais não se aventuram.

Com efeito, não existe o hábito de dialogar com as crianças sobre a televisão. Desta forma, elas aprendem que a TV é algo que se vê para passar o tempo, apenas, algo que não se questiona, não se critica. Despreza-se assim, o potencial educativo da televisão.

2.5.O vídeo na educação – uma área em expansão

Contudo, no Brasil o poder público reconhece o audiovisual como uma ferramenta capaz de promover atividades pedagógicas diferenciadas que auxiliem no processo educativo. Prova disto está no investimento do governo em canais de televisão educativos como a TV ESCOLA e a TV CULTURA e o crescente apoio do Ministério da Cultura para produções audiovisuais. Iniciativas privadas, como é o caso do Canal Futura também têm contribuído com propostas de formação educacional da população.

O Ministério da Educação também reconhece a importância do uso pedagógico do vídeo ao fomentar ações como o curso à distância Mídias na Educação, que visa proporcionar a formação continuada a professores da rede básica de ensino no País. O Mídias na Educação está implementado em 32

instituições de ensino distribuídas em todo o Brasil. Dentre os objetivos do programa estão “destacar as linguagens de comunicação mais adequadas aos processos de ensino e aprendizagem; incorporar programas da Seed (TV Escola, Proinfo, Rádio Escola, Rived), das instituições de ensino superior e das secretarias estaduais e municipais de educação no projeto político-pedagógico da escola e desenvolver estratégias de autoria e de formação do leitor crítico nas diferentes mídias”³¹.

A importância da utilização do audiovisual na educação justifica-se nas características desta linguagem que vai além da escuta e da análise visual. A experiência audiovisual é uma experiência sensorial, que envolve profundamente o receptor de seus estímulos.

O vídeo é sensorial, visual, linguagem falada, linguagem musical e escrita. Linguagens que interagem superpostas, interligadas, somadas, não-separadas. Daí a sua força. Somos atingidos por todos os sentidos e de todas as maneiras. O vídeo nos seduz, informa, entretém, projeta em outras realidades (no imaginário), em outros tempos e espaços (Morán, 1995: 28).

O cruzamento entre as áreas do saber educativo e comunicativo vêm sendo estudado há algumas décadas, ainda assim, os profissionais da TV têm dificuldade para apropriar-se da educação, da mesma forma que ainda é precária a utilização do vídeo de maneira eficaz pelos educadores.

Não se pode negar que diante da tela da televisão, milhões de brasileiros se divertem diariamente e, eventualmente, aprendem algumas coisas. No entanto, enquanto os meios de comunicação de massa continuam a bombardear adultos e crianças, a escola ainda encontra dificuldades em trabalhar com eles, insistindo em ensinar basicamente contando com a palavra oral e escrita (TRABJER e COSTA, 2001).

Isto porque a inter-relação entre os campos da educação e da comunicação ainda reduzem os meios à pura instrumentalização, deixando de lado a inserção da educação nos processos comunicativos e vice e versa.

³¹ Disponível em portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12333&Itemid=682. Acesso em 09 abr. 2012. Ministério da Educação.

A escola desvaloriza a imagem (...) ignora a televisão, o vídeo; exige somente o desenvolvimento da escrita e do raciocínio lógico. É fundamental que a criança aprenda a equilibrar o concreto e o abstrato, a passar da espacialidade e contigüidade visual para o raciocínio seqüencial da lógica falada e escrita. Não se trata de opor os meios de comunicação às técnicas convencionais de educação, mas de integrá-los, de aproximá-los para que a educação seja um processo completo, rico, estimulante (Morán, 2007: On line).

De acordo com Serna (1998) os professores não utilizam o vídeo com todas as possibilidades que o suporte oferece. Os estudantes, na verdade, “vêm televisão”, o que não pode ser considerado como um processo propriamente educativo.

É neste terreno que poucos e corajosos educadores arriscam-se a inovar em suas práticas pedagógicas. A concorrência é desleal. As crianças são interpeladas por uma quantidade infindável de estímulos visuais e pelo acesso a diversos conteúdos na distancia de um click. Ao mesmo tempo, o educador padece na tentativa de programar uma atividade lúdica, com os escassos recursos (de formação, tecnológicos, materiais, etc.) que a realidade da educação brasileira permite.

2.6.O vídeo na Educação Ambiental : os ecossistemas comunicativos

No campo da Educação ambiental não é diferente. Assim como a pesquisa, as ações que envolvem a interlocução entre o vídeo e o ambiente são ainda incipientes. Prova disto tenho diariamente ao buscar bibliografia que sirva de base para esta pesquisa. Felizmente estes dados apresentam exceções que quiçá poderão reverberar cada vez mais no *quefazer* dos comunicadores e educadores. Em relação a isto destaco uma iniciativa que vem ao encontro a esta realidade: a criação do Laboratório Audiovisual de Pesquisa em Educação Ambiental, o LAPEA³², que desde 2008 já se fazia

³² O Laboratório Audiovisual de Pesquisa em Educação Ambiental emerge das ações que fazem parte do projeto de pesquisa do doutorando Cláudio Tarouco de Azevedo, orientado pelo Prof. Dr. Alfredo Guillermo Martin Gentini.

presente junto à disciplina *As Três Ecologias de Félix Guattari*, em nível de mestrado e doutorado, no Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da FURG. As ações do LAPEA junto à disciplina convergem para a formação dos estudantes do PPGEA em oficinas de vídeo ambiental e para a inclusão das mais de vinte produções já realizadas no endereço eletrônico do programa³³.

Atualmente o laboratório conta com “duas câmeras de vídeo, tripé, microfones e uma ilha de edição que dão suporte técnico às produções desenvolvidas no programa” (AZEVEDO, 2011: 30).

Afinado com os objetivos do Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental (PPGEA), o LAPEA se destina a promover o uso das tecnologias em favor da EA, potencializando as pesquisas em andamento. Os vídeos produzidos³⁴ são passíveis de produzir novos *klinamens* na interação entre o audiovisual e outras comunidades científicas e em geral.

As atividades do laboratório propiciam também que os discentes das distintas linhas de pesquisa do Programa³⁵, possam aprofundar suas investigações. Por meio das produções audiovisuais, os pesquisadores consolidam um diálogo efetivo com as comunidades envolvidas nas pesquisas. As produções audiovisuais propiciam a realização de ações que permitam novos olhares e diálogos efetivos, que conduzam a movimentos no sentido de (re)aprender e (re)construir. Esta interação dos pesquisadores com as comunidades locais, a fim de contribuir para a problematização de soluções de seus conflitos ambientais, pode ser compreendida como micro-intervenção que se dá no contexto ecosófico (GUATTARI, 2008) existente.

Esta nova configuração dos campos da educação e da comunicação, também despertou o interesse do Núcleo de Comunicação e Educação da Escola de Comunicações e Artes da USP, que já em 1996, reuniu um grupo de profissionais de diversas universidades brasileiras, com o fim de discutir a inter-relação entre estas duas áreas do conhecimento. Com base nestes estudos, o

³³ As produções estão disponíveis na página do PPGEA no endereço www.educacaoambiental.furg.br, no link *vídeos ambientais*.

³⁴ Vídeos disponíveis no site do PPGEA, no link “vídeos ambientais”.

³⁵ Fundamentos da Educação Ambiental (FEA); Educação Ambiental: Ensino e Formação de Educadores(as) (EAEFE) e Educação Ambiental Não Formal (EANF)

pesquisador Ismar de Oliveira Soares, desenvolveu o conceito de Educomunicação: esta junção propõe a construção de ecossistemas comunicativos abertos, dialógicos e criativos, nos espaços educativos, quebrando a hierarquia na distribuição do saber. Têm como meta a construção da cidadania a partir do pressuposto básico do exercício do direito de todos à expressão e à comunicação (ECA, 2011: Online), uma proposta afinada com os objetivos da Educação Ambiental.

A idéia de ecossistema comunicativo foi posta em debate originalmente por Martín-Barbero ao refletir sobre o papel indissociável destes meios. No texto *Retos Culturales de la Educación a la Comunicación* (1999), Barbero diz que o que aparece como estratégico neste sistema de intervenção dos meios, é o surgimento de um ecossistema comunicativo que converte-se em algo tão vital como o ecossistema verde, ambiental.

A proposta que aqui se coloca também utiliza o termo ecossistema comunicativo por identificar-se com os pressupostos desta interação. Os ecossistemas possuem relações de interdependência assim como os campos que aqui se miscigenam. Parece óbvio, mas a prática nos mostra que é necessário enfatizar que não há comunicação sem educação e nem educação que aconteça fora do contexto comunicativo.

Assim, tomo emprestada a expressão de Martín-Barbero, como forma de inscrever-me também, na busca por um ecossistema comunicativo particular a esta pesquisa: Um ecossistema comunicativo sustentável.

3. CRIANDO ANTÍDOTOS PARA A MANIPULAÇÃO MIDIÁTICA: ROTEIRO PARA O USO DO VÍDEO EM UM CONTEXTO EDUCATIVO

De acordo com a proposta de constituir um ecossistema comunicativo e sustentável, elaboramos dois dispositivos: a oficina *Criando Ambientes Midiáticos Sustentáveis* e o programa de TV JORNALECO, onde os resultados da oficina são apresentados.

A oficina tem por objetivo central promover o exercício do olhar crítico em relação às imposições midiáticas, traçando um paralelo entre a produção de subjetividade e os conflitos ambientais, contribuindo para a produção de novas subjetividades, originais, próprias do grupo-sujeito. Desta forma, buscamos soluções locais para estes conflitos nas esferas mental, social e ambiental da ecologia.

O programa JORNALECO trabalha em dois sentidos: é plataforma experimental para os aprendizados audiovisuais e disseminador dessas novas subjetividades que foram se constituindo ao longo de nossas ações.

Neste sentido, O JORNALECO pode ser comparado a um território existencial³⁶ particular a este grupo, pois o território é o espaço da subjetivação fechada nela mesma, que ocorre por meio da apropriação que estes sujeitos fazem dos instrumentos audiovisuais, conquistando o direito exercer seus modos de comunicar, de enunciar suas ideias, seus valores, seus desejos e suas necessidades. Desta forma, o ato de comunicar torna-se um exercício de cidadania, pois o grupo torna-se sujeito de atividades de ação comunitária, em um processo educativo que agrega novos elementos à sua cultura.

Nossa proposta se alinha com a ideia dos Klinamens, pois com estes dispositivos, operamos pequenos desvios na trajetória linear adotada pela mídia, abrindo brechas para a criação do novo. Este novo, por sua vez, atua como potência transformadora. Além disso, o programa JORNALECO é capaz de gerar outros klinamens porque ao ser veiculado, pode promover novas discussões e outras ações no sentido da criação do novo.

³⁶ De acordo com Guattari (1987:323), o território existencial é “relativo tanto a um espaço vivido, quanto a um sistema percebido no seio do qual um sujeito se sente “em casa”.

3.1. Os participantes da oficina

Como este trabalho supõe a criação de novas lógicas e novos modos de agir, distintos dos modelos disseminados pela mídia, seria necessário repensar nossas práticas, realizar exercícios de autoanálise, (re)construir valores, enfim, repensar nossa conduta ecológica em âmbito mental, social e ambiental. Este foi um dos motivos que nos levaram a desenvolver a proposta com crianças, pois estas são mais receptivas a mudanças e maleáveis a novas experimentações, pelo fato de que suas identidades ainda estão em formação.

Além disso, as crianças se permitem sonhar, são capazes de imaginar, de idealizar um novo mundo possível com mais facilidade, sem a descrença que predominantemente vai tomando conta dos indivíduos na fase adulta. Por meio da brincadeira as crianças são capazes de desconstruir e reconstruir o mundo.

Todavia, até mesmo as brincadeiras infantis são influenciadas atualmente pelas imposições midiáticas, numa dinâmica opressora que objetiva a manutenção das subjetividades sob os signos do capital. Desta forma garante-se que o sistema estabelecido seja herdado pela geração vindoura. Por este motivo, se faz cada vez mais importante traçar linhas de fuga que permitam a estas novas gerações estabelecer novas regras, novas maneiras de convívio, pois,

De fato, elas percebem o mundo através das personagens do território doméstico, no entanto isso é apenas em parte verdadeiro. Grande parte de seu tempo é passado diante da televisão, absorvendo relações de imagem, de palavras, de significação. Tais crianças terão toda a sua subjetividade modelizada por esse tipo de aparelho. (GUATTARI, 2005: 41)

Com base na proposta da oficina, que problematiza as relações ambientais, discutindo valores, hábitos e práticas nos níveis social e mental, ou seja, o juízo moral da criança, foi conveniente a escolha da faixa etária compreendida entre os 8 e os 10 anos de idade. De acordo com Piaget (1976), crianças nesta faixa etária estão na fase do desenvolvimento que corresponde

ao Período Operacional Concreto³⁷, ou seja, o sistema cognitivo da criança transcende o pensamento pré-lógico, o que permite encontrar soluções lógicas para os problemas concretos. Também é neste período que surgem os sentimentos morais e sociais de cooperação. São estas habilidades da mente infantil que vão permitir trabalharmos juntos na busca por soluções locais aos conflitos ambientais.

Neste sentido, trabalhamos o conceito de reversibilidade operatória, diretamente ligado à possibilidade de reparar o ambiente, modificando comportamentos.

(...) A consciência de implicações necessárias (tais como, por exemplo, a noção de conservação de um todo independentemente da arrumação de suas partes) está ligada a duas condições psicológicas inseparáveis: a capacidade de compor as ações entre elas (...) e sobretudo, sua reversibilidade, quer dizer, a possibilidade de desenvolvê-las nos dois sentidos (PIAGET, 1976: 13).

A estrutura da oficina, da qual faz parte o programa JORNALECO, foi desenvolvida de acordo com os mecanismos de percepção infantis, o que possibilitou trabalharmos de modo efetivo na construção de novas lógicas, distintas daquelas instituídas pelo sistema do capital e dissimuladas pela mídia. Para isso nossas ações foram organizadas de modo a favorecer a participação ativa das crianças em todas as etapas do processo, permitindo assim que os conteúdos trabalhados fossem de fato internalizados por elas.

No nível moral, as concepções de bem e de mal serão abstrações das relações sociais efetivamente vividas. Por esta razão, uma educação moral que objetiva desenvolver a autonomia da criança não deve acreditar nos plenos poderes dos belos discursos, mas sim levar a criança a viver situações onde sua autonomia será fatalmente exigida (PIAGET, 1994: 19).

³⁷ Neste estágio do desenvolvimento as operações mentais da criança ainda se dão caso por caso, concreto por concreto. Apenas no estágio máximo do desenvolvimento infantil, a partir dos 11, 12 anos de idade, a lógica torna-se simbólica, permitindo a interpretação de conceitos abstratos.

Para auxiliar no processo de aprendizagem das crianças, elaboramos o *Manual do Audiovisual*, uma espécie de cartilha que traz informações e exercícios sobre a técnica e a linguagem audiovisual de forma simples e didática.

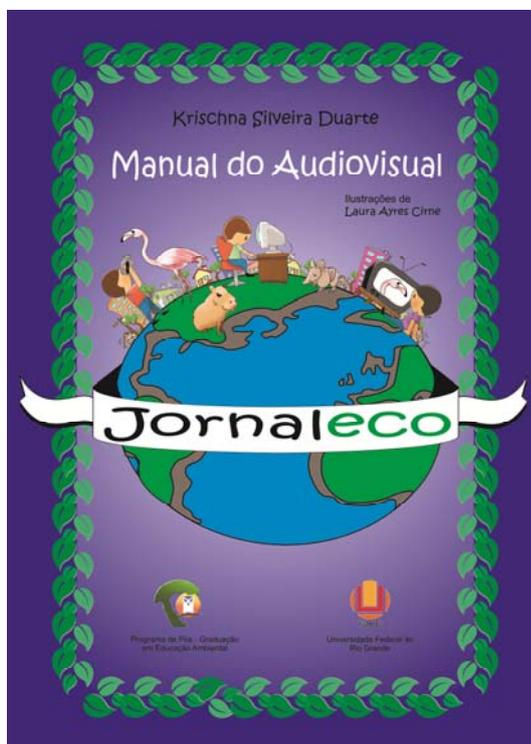


Figura 10 Capa do Manual do Audiovisual

Neste contexto é que o programa JORNALECO se constitui como plataforma experimentativa, pois é nas atividades relativas à produção do programa que as crianças exercem a autonomia de forma cidadã. Na esfera mental, as crianças são levadas a refletir sobre as imposições midiáticas, a repensar seus comportamentos e a buscar soluções para os problemas ambientais. Na social, são instigados a exercer seu papel como cidadãos, agentes capazes de transformar a realidade disforme que se coloca para todos nós. Além disso, os afazeres da produção do programa exigiram do grupo dinâmicas mais harmônicas de relacionamento, instigando o respeito ao espaço do outro, à realização de atividades em grupo, à valorização das diferenças, etc.

Quanto à esfera ambiental, podemos destacar a produção do JORNALECO como elemento capaz de plasmar nossas ações desenvolvidas nas distintas esferas da ecologia. Criar o JORNALECO permitiu às crianças

traçar relações entre as esferas mental e social, o que derivou em ações em nível ambiental.

O melhor é a criação, a invenção de novos Universos de referência; o pior é a mass-midialização embrutecedora, à qual são condenadas hoje em dia milhares de indivíduos. As evoluções tecnológicas, conjugadas a experimentações sociais desses novos domínios, são talvez capazes de nos fazer sair do período opressivo atual e de nos fazer entrar em uma *era pós-mídia*, caracterizada por uma reapropriação e uma re-singularização da utilização da mídia. (GUATTARI, 1992: 15-16)

3.2. A oficina *Criando Ambientes Midiáticos Sustentáveis*

A oficina foi realizada de outubro a dezembro de 2011, com dez educandos do ensino fundamental da *Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Ginásio do Areal*, situada em Pelotas/RS. A escolha da escola se deu, a princípio, por meio de diálogos informais com membros da comunidade escolar, que revelaram o importante papel atribuído à escola pela comunidade localizada ao seu entorno. De acordo com Nelson Ribeiro, idealizador do projeto Terra Pura³⁸ e, por diversas vezes oficineiro na escola, a forte atuação do grupo de pais e o diálogo participativo entre a instituição escolar e familiar faz com que o Ginásio do Areal torne-se um ambiente rico para a construção conjunta de saberes.

O Ginásio do Areal, como é conhecido popularmente, funcionou em 2011, como uma *Escola Aberta*, o que significa que foi um espaço para o desenvolvimento de atividades alternativas de formação, cultura, esporte e lazer para a comunidade nos finais de semana, o que contribui para o estreitamento das relações entre a escola e a comunidade, consolidando uma cultura de paz (Portal do MEC). Foi no programa *Escola Aberta* que a oficina *Criando Ambientes Midiáticos Sustentáveis* foi inserida. Dividida em dez encontros, foi ministrada aos sábados, das 14 às 17 horas e 30 minutos.

³⁸ Projeto do qual sou colaboradora. Reúne profissionais de diversas áreas que trabalham voluntariamente com o objetivo de promover a valorização da vida por meio da auto sustentabilidade solidária, individual e coletiva. Tem por premissa a ética da unimultiplicidade, onde cada ser é a casa da humanidade.

Juntos desenvolvemos atividades de autoanálise e análise da mídia televisiva, com o intuito de refletir sobre a influência midiática no espaço ambiental, social e subjetivo da atuação dos sujeitos. Assim, queríamos provocar a reflexão, a autonomia e a criticidade dos educandos, de modo a promover maneiras mais sustentáveis – de justiça social, equilíbrio ambiental e liberdade mental – de existir no mundo e com o mundo. “O importante, não resta dúvida, é não pararmos satisfeitos ao nível das instituições, mas submetê-las à análise metodicamente rigorosa de nossa curiosidade epistemológica” (Freire, 2009: 45).



Figura 11 Atividades da oficina

Com o objetivo de analisar a interlocução entre o suporte audiovisual e a EANF, foi aplicado aos participantes desta investigação um questionário (antes e após as oficinas), no intuito de verificar se houve ou não alguma mudança nas relações ambientais estabelecidas pelo grupo.

No próximo capítulo explicitaremos com mais detalhes como se constituíram os caminhos escolhidos para a realização desta etapa da pesquisa e de que maneira aplicamos o método de análise de dados.

Por hora, caro leitor, vamos descrever as atividades desenvolvidas durante a Oficina como mais uma maneira de estimular que ocorram

Klinamens: transformamos as ações desenvolvidas na escola Ginásio do Areal em um roteiro para a utilização do vídeo na escola. Assim, educadores e demais interessados em promover o uso das tecnologias de forma educativa, seja no âmbito da EA ou não, terão à disposição uma ferramenta que poderá ser direcionada para as necessidades de cada grupo. Esta sugestão vem de encontro à busca por soluções para a escassez de material nesta área do conhecimento.

Em consonância com esta proposta, criamos o blog do JORNALECO³⁹, onde disponibilizamos informações referentes ao programa e à pesquisa que o originou. Com isso, pensamos estar colaborando para a democratização do conhecimento, visto que disponibilizamos o material produzido nas oficinas e o Manual do Audiovisual, para que estes possam ser utilizados no desenvolvimento de ações educativas através do vídeo.



Figura 12 Blog do programa JORNALECO

Além de disseminar a proposta, a criação deste espaço virtual contribuiu para a troca de informações com outros interessados pela temática. Desde a

³⁹ Disponível em: programajornaleco.blogspot.com

instalação de um contador de visitantes virtual, em dezembro de 2011, o site teve cerca de 350 acessos, originários de diversas localidades. Além do Brasil, recebemos visitantes da Rússia, Espanha, Estados Unidos e Alemanha.

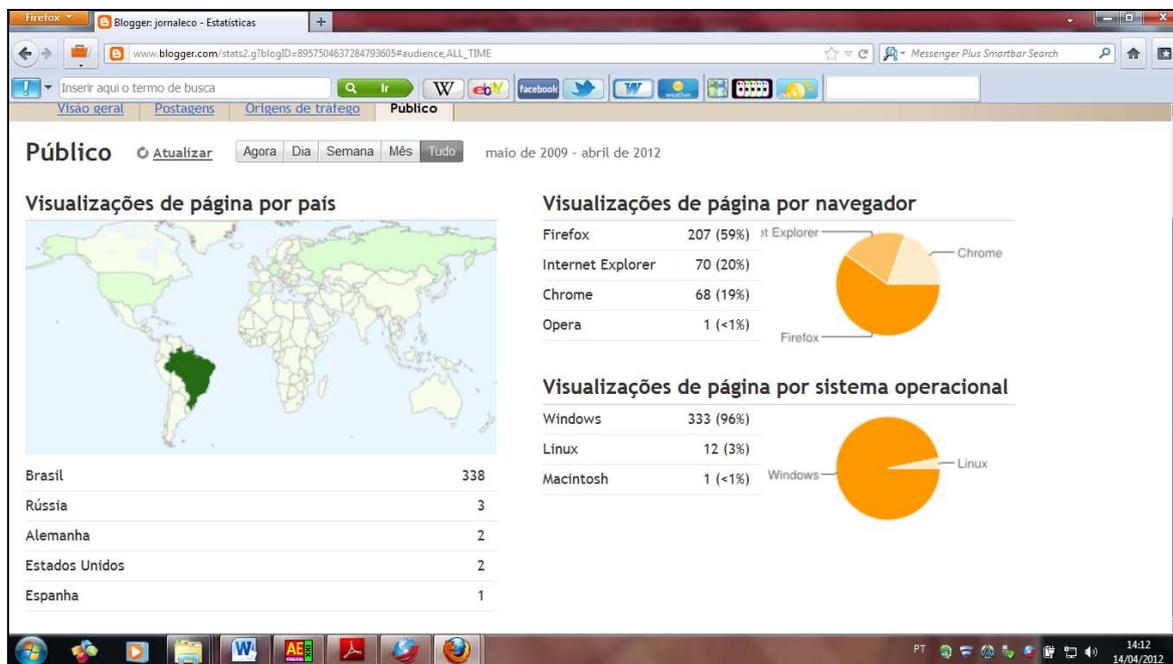


Figura 13 Estatísticas do blog do programa JORNALECO

Acredita-se que a partir da divulgação do endereço do blog no programa JORNALECO, o site constitua-se também como um forte canal de comunicação entre a equipe do programa e os telespectadores, o que pode contribuir para a melhoria constante da proposta.

3.3. Estrutura da oficina

A oficina foi estruturada a partir de três temas básicos que são convergentes e complementares: **Desequilíbrio Ambiental**, **Equilíbrio Ambiental** e **Audiovisual**. O plano de trabalho propôs-se a trabalhar a questão do equilíbrio entendendo que este pressupõe a harmonia entre todas as esferas de relacionamento no ambiente. No que tange ao desequilíbrio, a proposta é refletir sobre os modos de pensar e agir baseados na ética capitalista e disseminados pela mídia, e sobre as consequências desta realidade no ambiente.

O audiovisual permeia os outros dois temas enquanto linguagem e espaço que permite (re)criar as relações e percepções ambientais. Discute os valores e costumes individualistas e mesquinhos que experienciamos em sociedade, ao mesmo tempo em que promove a reflexão sobre maneiras harmoniosas, afetivas de existência, em cooperação com nossos semelhantes e com o ambiente. Assim, a estrutura básica de nosso plano de trabalho é representada da seguinte maneira:

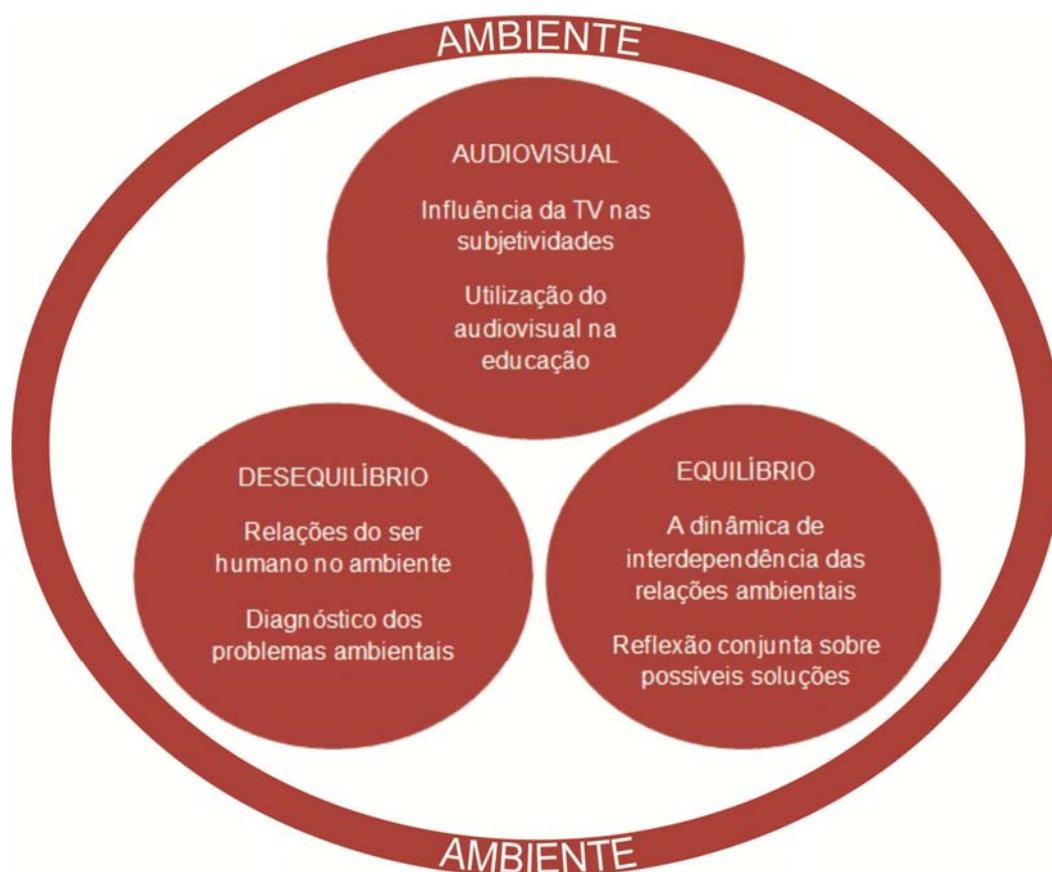


Figura 14 Diagrama da oficina. Elaborado em alusão à Bandeira da Paz⁴⁰, símbolo protetor das instituições culturais, educacionais e científicas.

⁴⁰ A bandeira da paz tornou-se mundialmente conhecida devido ao pacto de Nicholas K. Roerich pela paz, firmado em 15 de abril de 1935 em Washinton DC, no qual estavam presentes vinte representantes de países latino-americanos, inclusive o Brasil. O objetivo do pacto é “preservar em qualquer tempo de perigo todos, os monumentos imóveis nacionais ou pertencentes a particulares, que formam o tesouro cultural da nações”, seu lema é: *Onde há paz, há cultura; onde há cultura há paz.* (Movimento Mundial de Paz e Mudança para o Calendário de 13 Luas de 28 Dias. Rede de Arte Planetária). Disponível em: sincronariodapaz.org Acesso em maio de 2011.

- ❖ **Desequilíbrio Ambiental:** problematiza a sociedade do consumo, o uso das tecnologias na atualidade; instiga a reflexão sobre a postura do ser humano em suas relações ambientais, sociais e mentais; promove a análise e a discussão sobre os conflitos ambientais percebidos pela comunidade escolar.

- ❖ **Equilíbrio Ambiental:** promove a reflexão sobre maneiras mais harmônicas de convivência nas três esferas da ecologia e sobre modos de vida sustentáveis; instiga a compreensão do todo e estimula ações que constituam linhas de fuga para os conflitos ambientais locais.

- ❖ **Audiovisual:** além de tema básico a ser trabalhado, será instrumento de mediação pelo qual serão trabalhados os demais assuntos abordados na oficina. É a partir do tema *Audiovisual* que serão introduzidas as discussões sobre a influência da televisão nas subjetividades e as consequências destas imposições em nossas relações. Neste contexto, abre-se espaço também para refletir sobre a utilização do audiovisual de maneira educativa.

3.4. Roteiro da oficina⁴¹

3.4.1. Primeiro encontro: AUDIOVISUAL

Atividades	Objetivos
Verdades sobre a TV	Refletir a cerca do papel da TV na contemporaneidade.

⁴¹ Em todos os encontros utilizamos o Manual do Audiovisual, como suporte didático às atividades, realizando exercícios teóricos e práticos com o intuito de que os participantes se apropriassem de fato do suporte audiovisual.

Análise de Notícias	Analisar as intenções da produção midiática, desvelando os processos de produção de subjetividade.
Descobrir o sistema capitalista	Discutir sobre as formas de atuação da opressão capitalista, promovendo a compreensão das consequências deste sistema.

Neste primeiro encontro, propomos alguns exercícios que mostram como as mensagens midiáticas podem ser (e são) manipuladas até o produto final. Para isto, sugerimos uma adaptação da brincadeira *telefone sem fio* como forma de introduzir o assunto de forma lúdica:

3.4.1.2. Dinâmica de grupo verdades sobre a TV: procurando a notícia

Para esta dinâmica de grupo são necessários papel, caneta e um cúmplice. O objetivo é alterar a mensagem original sem que as crianças percebam.

Escreva em um pedaço de papel a frase “Ver TV é legal”. Em seguida escolha um dos participantes para ser seu cúmplice. Ele será responsável por alterar a mensagem para “A TV influencia nosso comportamento”.

O papel pode ser escondido nas dependências da escola e as crianças devem ser estimuladas a procurá-lo, como se fossem jornalistas atrás da notícia. É importante esclarecer que a criança que encontrar a mensagem não deve contar a ninguém sobre o conteúdo desta.

Depois de descoberta a notícia, os participantes são dispostos lado a lado, em uma fila que se inicia com aquele que a encontrou. Cada um deve sussurrar no ouvido do outro a mensagem escrita no papel, até que o último da fila falará em voz alta o conteúdo da notícia. Faça com que seu cúmplice (que pode ser você mesmo) fique na metade da fileira, assim, no meio do caminho, a mensagem será trocada, causando surpresa nos participantes.

Desta forma o debate sobre a manipulação dos conteúdos midiáticos certamente será mais produtivo e melhor assimilado pelos participantes. Assistir juntos a algumas notícias, analisando a importância delas, comparando

o tempo destinado a cada assunto, percebendo quem são os entrevistados e o que eles falam, também é uma forma de compreender os artifícios desta manipulação.



Figura 15 Exercitando o olhar sobre a mídia

É importante que os estudantes compreendam a relação entre o sistema capitalista e a produção de subjetividade, pois é através dos signos da mídia que este sistema confirma sua autoridade.

Para isto, após o exercício de análise das notícias pode-se assistir ao documentário *Criança, a alma do negócio*, que fala sobre a produção de subjetividade infantil e sobre o estímulo ao consumo.

Este vídeo pode gerar debates acerca do consumismo, dos padrões e estereótipos, do antropocentrismo, da relação com o outro, da ciência e da tecnologia, etc. Essas discussões têm por objetivo exercitar o pensamento reflexivo que seja capaz de delimitar a relação entre o jogo de manipulação midiático e o desequilíbrio ambiental.

Também pode ser utilizado o vídeo *A história das coisas*⁴², um documentário de 20 minutos narrado pela ativista americana Annie Leonard. O vídeo problematiza as falhas do sistema de produção de bens utilizado

⁴² Disponível em www.youtube.com/watch?v=F8pL8ZxkDMo&feature=related

atualmente, revelando as consequências de nossos hábitos consumistas ao ambiente.

3.4.1.3. Sugestão de exercícios

Peça que cada criança faça pequenas gravações⁴³ do ambiente escolar. Proponha um desafio: que elas façam uma imagem do que significa a escola para elas. Depois façam juntos uma análise das imagens e discutam sobre elas, traçando paralelos entre as percepções das crianças e a dinâmica das relações ambientais.

3.4.2. Segundo encontro: DESEQUILÍBRIO AMBIENTAL

ATIVIDADES	OBJETIVOS
O que é desequilíbrio ambiental?	Refletir sobre o desequilíbrio ambiental e suas causas; Compreender as relações de interdependência da natureza.
Experimentações audiovisuais	Manual do Audiovisual

Iniciamos este encontro utilizando o vídeo apelidado de *A criança que parou o mundo*⁴⁴ com a finalidade de sensibilizar os participantes quanto às questões ambientais. A gravação é o discurso da representante da Organização das Crianças em Defesa do Meio Ambiente, proferida durante a *Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e para o Desenvolvimento*⁴⁵, realizada no Rio de Janeiro, em 1992.

⁴³ Ao realizar os exercícios de captação de imagens a criança irá aos poucos se apropriando da linguagem e da técnica audiovisual. Para isto, utilize como material de apoio o Manual do Audiovisual, disponível no blog do JORNALECO (programajornaleco.blogspot.com). Optamos por não descrever os exercícios que realizamos no Manual por dois motivos: primeiro porque tornaríamos este capítulo maçante e segundo porque a realização dos exercícios dependerá das necessidades e respostas de cada grupo/criança.

⁴⁴ Disponível em www.youtube.com/watch?v=phmXvu3ykts&feature=fvst

⁴⁵ A ECO 92 teve como principal objetivo buscar meios de conciliar o desenvolvimento sócio-econômico com a conservação e proteção dos ecossistemas da Terra.

No vídeo, Severn Cullis Suzuki, de apenas 12 anos, exige dos políticos um posicionamento em relação ao futuro do nosso planeta. Sua paixão pela causa e a contundência de suas colocações calaram a cúpula mundial durante os cinco minutos de sua fala.

Este vídeo é interessante de ser trabalhado também pelo fato de que ali se coloca uma criança exercendo sua cidadania. Uma criança que assume o compromisso com a preservação do ambiente e que exige uma posição dos adultos. Neste caso, a relação de proximidade com o vídeo e com a realidade que ali se coloca, se dá a partir da identificação dos espectadores com a protagonista, que pertence a mesma faixa etária deles.

Após o vídeo, a dinâmica de grupo descrita a seguir pode ajudar a aprofundar a reflexão sobre as relações interdependentes que compõe a dinâmica ambiental. Assim como o uso do vídeo, essa prática se constitui como elemento capaz de suscitar o diálogo que deverá vir a seguir.

3.4.2.1. Dinâmica de grupo Reconhecendo-se parte do todo: pertencemos à mesma teia

Nesta atividade serão necessários uma caixa grande de papelão, jornais ou pedaços de tecido, um rolo de barbante, fita adesiva, tesoura e algum tipo de prêmio que as crianças deverão conquistar ao final da brincadeira. Nós optamos por premiá-las com bombons.

Dentro da caixa, colocamos os bombons e os cobrimos com pedaços de tecido, dificultando que estes fossem encontrados. Em seguida, lacramos a caixa com a fita adesiva.

Com o barbante confeccionamos pulseiras para as crianças e pedimos que todas as usassem nos dois pulsos. Depois, também com o barbante, amarramos as mãos das crianças da seguinte forma: a mão direita de uma criança é presa à mão esquerda de outra e assim por diante, até que se feche um círculo de crianças presas umas às outras.

É interessante que neste momento já se inicie uma prévia do diálogo que virá a seguir, fazendo-os entender que todos somos parte de um mesmo ecossistema e que somos responsáveis pela qualidade de vida dos demais. Na brincadeira, se todos não agirem juntos, não conseguirão conquistar o prêmio.

É importante frisar, já no início da brincadeira, que não é permitido retirar as pulseiras. Eles devem trabalhar juntos em uma maneira de se movimentar e abrir a caixa sem que se desconectem do grupo.



Figura 16 Dinâmica de grupo

Após a dinâmica é interessante cruzar as percepções da atividade com as informações do vídeo para discutir sobre a degradação ambiental e sobre nossa responsabilidade frente a esta realidade. Sugerimos trabalhar as seguintes questões:

- ❖ O que é desequilíbrio ambiental
- ❖ O que nós temos a ver com isso?
- ❖ Quais são os principais problemas ambientais que enfrentamos hoje no mundo? E em nosso estado, cidade, bairro, escola?
- ❖ O que podemos fazer em relação a isto?

3.4.2.2. Sugestão de exercícios

Após a discussão, as crianças podem repetir o exercício realizado no primeiro encontro, no qual deveriam produzir uma imagem da escola. Desta vez, elas devem ser estimuladas a identificar problemas ambientais no ambiente escolar e a documentá-los, para que em seguida, possam pensar juntos em soluções para estes conflitos.

3.4.3. Terceiro encontro: EQUILÍBRIO AMBIENTAL

ATIVIDADES	OBJETIVOS
O que é equilíbrio ambiental?	Refletir sobre a importância de um ambiente saudável e descobrir maneiras de tornar nosso ambiente cotidiano mais sustentável
Experimentações audiovisuais	Manual do Audiovisual

Nos encontros anteriores, discutimos a relação entre a mídia e o desequilíbrio ambiental, exercitamos nosso olhar e nos tornamos mais críticos sobre as imposições midiáticas. Compreendemos também que somos parte de um grande ecossistema e que, como seres racionais que somos, temos o poder de transformar o ambiente. O tema *Equilíbrio Ambiental* visa traçar planos de ação para que possamos de fato, transformar o ambiente local, criando pequenos desvios na trajetória do instituído. Para isto, sugerimos assistir ao programa Ecoprático, produzido pela TV Cultura. O programa fornece dicas simples e práticas, capazes de tornar o ambiente familiar mais sustentável.

Pensar de que maneira estas práticas poderiam ser incorporadas ao ambiente escolar é uma maneira de repensar as relações ambientais estabelecidas na escola. Nossa proposta para este encontro é justamente esta: mobilizar as crianças a encontrarem maneiras de promover a melhoria da

qualidade de vida na escola. Neste sentido, pode-se debater sobre as seguintes questões:

- ❖ O que é equilíbrio ambiental?
- ❖ Como podemos tornar nosso ambiente mais saudável?
- ❖ Vamos agir?

As ações produzidas neste encontro vão emergir das necessidades de cada escola/grupo, todavia, propomos algumas possibilidades e compartilhamos ideias que surgiram em nossa intervenção:

- ❖ A escola tem uma horta? Em que condições ela se encontra?
- ❖ É possível realizar um lanche mais saudável utilizando as hortaliças produzidas na própria escola?
- ❖ O ambiente escolar está limpo ou há lixo pelos corredores, no pátio, nas salas? A escola possui lixeiras de coleta seletiva? Este processo é realizado da forma correta? Caso a resposta seja negativa, é possível implementá-la?
- ❖ Os estudantes brigam muito? Discutir é brigar? É possível divergir de opinião e mesmo assim, respeitar o colega? Como podemos nos entender melhor?
- ❖ Existe um canal de comunicação entre os estudantes, professores e a direção da escola? Todos se sentem à vontade para fazer críticas e sugestões uns aos outros? De que forma esta comunicação poderia melhorar?

O leitor sabe que a proposta que a proposta que deriva desta investigação é a constituição de um canal comunicativo, o programa JORNALECO. Por isto, nossos demais encontros foram no sentido de produzir o programa e realizar os exercícios do Manual do Audiovisual, apropriando-nos cada vez mais deste suporte.

A partir daqui, o leitor está pronto para seguir por conta própria com a realização da proposta que seu/sua grupo/escola elegeu. Uma última sugestão é que você siga nosso último passo (encontro nº 10), pois é extremamente importante que o grupo tenha a oportunidade de contemplar suas realizações, analisar a diferença entre a proposta e o resultado, perceber seus acertos, aprender com os erros, etc. Assim estas atividades podem suscitar novas ações, melhor elaboradas, mais abrangentes.

3.4.4. Quarto encontro: PRODUZINDO O JORNALECO

ATIVIDADES	OBJETIVOS
Articulação do primeiro programa	Construirmos juntos uma atividade prática que possibilite transformar nossas relações no ambiente

3.4.5. Quinto ao nono encontro: PRODUZINDO O JORNALECO

ATIVIDADES	OBJETIVOS
Distribuição de tarefas	Estímulo ao trabalho em conjunto, a valorização das diferenças, que no todo, se complementam. Consolidação de uma cultura de paz.
Gravação do primeiro JORNALECO	Proporcionar ao grupo um espaço onde possam exercer as próprias subjetividades e reconhecerem-se como agentes de transformação do ambiente.

3.3.6. Décimo encontro: EXIBIÇÃO DO JORNALECO

ATIVIDADES	OBJETIVOS
Exibição do trabalho à comunidade	Mostrar à comunidade a construção elaborada a partir da oficina Possibilitar ao grupo visualizar o resultado de seu trabalho

De acordo com os horários da escola e a disponibilidade dos pais, marcamos nosso encontro em uma sexta-feira, após o término das aulas.

Ao chegar à escola, percebi que havia várias crianças colando nas paredes os desenhos que pintaram em comemoração ao aniversário da escola, que ocorreria no dia seguinte. Despertou-me o interesse ler as respostas que as crianças construíram para completar a frase que o desenho trazia: “Minha escola é...”. Maravilhosíssima! - respondeu uma das participantes da nossa oficina, junto ao desenho de uma casa que escrevia em um livro. Na “testa” da casa estava escrito 41. Anos, supõe-se.

Enquanto pensava porque a professora não deixou que as crianças construíssem seus próprios olhares sobre a escola, ao invés de obrigá-las a pintar aquele desenho estereotipado, vou andando pelo corredor, analisando frase por frase, enquanto espero a diretora retornar à escola.

Eis que chegam à portaria três crianças, duas, participantes da oficina. O menino entra primeiro, conversando com o colega. Um pouco tímido, fica visivelmente feliz ao me ver, mas espera que eu o abrace. A menina, ao passar pela porta vem gritando em tom entusiasmado: - Professora! Eu te amo!

Com os braços abertos ela vem correndo e me dá um abraço que quase me joga longe! Um misto de sentimentos me toma de tal forma, que por mais que eu me esforce, parece ser impossível transcrevê-las ao papel. Abraçada àquela criança, da mesma forma que abraço minha filha, que tem a mesma

idade e o mesmo tamanho que ela, os segundos tornaram-se horas. Percebi que também a amava, assim como as outras oito crianças que constituíram nosso grupo-sujeito. As minhas crianças, como as chamo carinhosamente. Ficou evidente, naquele momento, que de fato, havíamos construído uma relação de confiança, amorosa e cuidadora. E foi este vínculo, que nos permitiu colocarmo-nos receptivos às trocas que se davam em nossas práticas educativas e que resultavam em aprendizagens de todos os níveis e sentidos.

Na hora marcada, os responsáveis pelas crianças começam a chegar. Um casal, uma mãe e um avô se fizeram presentes. Das crianças, apenas uma não compareceu, pois havia faltado à aula naquele dia. Alguns colegas de turma das minhas crianças também foram assistir ao programa.

Ao iniciar a exibição do *JORNALECO*, os sorrisos começam a surgir no rostinho de todos. Toda vez que um deles aparecia na tela, as risadas preenchiam a sala. Atentos ao vídeo, comentavam cada cena, contando aos pais sobre as funções que desenvolveram na produção do programa. Escutava-se: “- Eu que estava filmando!”, “Nessa parte eu segurei o cabo do microfone para não aparecer”, “Eu não conseguia falar isso de jeito nenhum. Agente gravou um milhão de vezes!” e assim por diante. Percebia-se no tom de voz, no brilho dos olhos, na maneira com que gesticulavam, que as crianças estavam orgulhosas de si mesmas e do resultado que o trabalho em conjunto tinha gerado.



Figura 17 Exibição do JORNALECO

Ao final da exibição fiz alguns questionamentos às crianças e aos responsáveis, no intuito de perceber através da escuta, quais tinham sido as percepções, as emoções deles ao assistir ao programa.

As crianças estavam bastante eufóricas e só conseguiam dizer que tinham gostado muito, que adoraram fazer e questionavam quando começaríamos a gravar outra vez. Os pais, já querendo ir para suas casas, disseram que o resultado foi muito melhor do que esperavam e que estávamos de parabéns. Entreguei os certificados às crianças e uma cópia em DVD do primeiro programa.



Figura 18 Crianças felizes, pesquisadora orgulhosa. Entrega dos certificados da oficina.

Percebi então, que a análise de suas percepções teria de ser feita a partir dos detalhes, como venho fazendo nesta escrita. Muito mais do que as palavras, falaram os olhos lacrimejando de emoção, a felicidade das crianças ao se verem na TV, as risadas, as palmas, os comentários ao pé de ouvido, o olhar orgulhoso que os pais lançavam aos filhos...

Concluo então, esta passagem, com um destes pequenos, mas significantes detalhes, e o deixo livre à interpretação do leitor - a fala de uma mãe, que sempre demonstrou certo distanciamento e frieza em relação a mim:

- "Ficou muito bom! Parabéns! Eu vou até te dar um beijinho!".

4. RESULTADOS DA INTERLOCUÇÃO ENTRE O AUDIOVISUAL E A EANF

A fase da pesquisa de campo trouxe consigo os seguintes questionamentos: Como as crianças seriam escolhidas?⁴⁶ Como poderíamos iniciar um trabalho que se propõe a incluir, excluindo?

Buscando alternativas para solucionar esta questão, percebemos que o melhor a fazer seria deixar que eles mesmos se escolhessem. Foi elaborado então um pré-questionário que foi aplicado a todas as crianças da escola que estavam na faixa etária escolhida para o desenvolvimento da proposta. Lembremos: crianças entre os 8 e os 10 anos de idade, que de acordo com os estudos de Piaget sobre o universo infantil, é a etapa do desenvolvimento no qual se dá a formação de valores.

O questionário foi aplicado a 41 estudantes dos 3º e 4º anos do Ensino Fundamental. Esperávamos que a partir destes questionários, fosse possível sondar quais dos participantes teriam perfil compatível com a proposta a ser desenvolvida e, portanto, interesse e disposição para participar da pesquisa. Acreditávamos que desta forma seria possível traçar um primeiro esboço do grupo-sujeito, que se constituiria por si só.

O grupo-sujeito é um conceito de Guattari que se refere a um grupo que se constitui como uma Utopia Ativa, um grupo capaz de gerar suas próprias leis para realizá-las e de construir a si mesmo no processo. Um grupo que reconheça seu devir, ciente de suas condições sócio-históricas. Um grupo capaz de transformar a realidade por meio de sua ação sobre o mundo.

Com isso, acreditamos que novas maneiras de existência são possíveis, “que a justiça, a liberdade, o respeito entre as pessoas de todas as classes e níveis, a vivência amorosa entre os diversos tipos de sujeitos e o aproveitamento do potencial criativo de todos são valores ainda resgatáveis”⁴⁷.

⁴⁶ Questão levantada na ocasião da qualificação deste trabalho pela professora Elisabeth Brandão Schmidt.

⁴⁷Fundação Gregório Barenblitt.

Disponível em www.fgbh.org.br/artigos/analiseeintervecaoainstitucional.htm. Acesso em abr. 2012.

4.1. O pré-questionário: descobrindo o caminho ao caminhar

O pré questionário apresentava duas questões livres, que tratavam sobre os desejos e sonhos das crianças. As perguntas foram as seguintes:

- 1- Cite as cinco coisas que você mais gosta de fazer.
- 2- Se você pudesse fazer alguma coisa que não fosse uma tarefa da escola, nem de casa, algo que você faria apenas para ser feliz, o que seria?

Considerando a quantidade de material didático e equipamento disponíveis, o tempo que teríamos para desenvolver a oficina e o fato de que os encontros seriam ministrados apenas por mim, decidimos que das 41 crianças, teríamos de selecionar cerca de dez, apenas. Desta forma, poderíamos dar mais atenção a cada criança no desempenho das atividades, favorecer a proximidade entre o grupo e posteriormente, realizar uma análise mais criteriosa dos dados. A ideia foi não ultrapassar muito deste número, mas acordamos, eu e o professor Alfredo, orientador desta pesquisa, que poderíamos flexibilizar o número de participantes e as idades para mais e para menos.

De fato, ao analisar o pré-questionário, destacaram-se exatamente dez crianças, que tinham perfil compatível com a proposta da pesquisa. Uma tem oito anos, cinco têm nove e quatro têm dez. Oito delas cursam o 4º ano do Ensino Fundamental e duas o 3º; seis são meninas e quatro são meninos.

As respostas ao pré-questionário foram das mais variadas: de “montar uma empresa” a “brincar na neve”. Ao observar as respostas confirmou-se a hipótese de que o grupo-sujeito se constituiria espontaneamente. As aproximações entre os objetivos do trabalho e os desejos das crianças, além das semelhanças de perfil entre os participantes, naturalmente começaram a tomar a forma de um grupo. Um grupo que têm como principais formas de lazer assistir televisão (6) e brincar no computador (4), que demonstram interesse em cuidar do ambiente e ajudar o próximo (5) e que sonham em inventar algo novo (2).

É importante salientar que os questionários utilizados para selecionar os participantes são apenas pré questionários, que no trajeto da pesquisa se fizeram necessários à sua continuação. Estes não serão considerados como dados finais da pesquisa porque não nos interessa aprofundar a análise sobre eles.

O procedimento utilizado para a seleção foi a aproximação de contextos que culminaram em um agrupamento quantitativo de respostas similares. Este definitivamente não é o estilo desta pesquisa, todavia, foi este o método encontrado para garantir a todos o mesmo direito de participação.

4.2. Métodos: a trajetória para um movimento ecosófico

Nos questionários aplicados antes e após a oficina, com o intuito de compreender o fenômeno investigado, não nos interessou medir a quantidade de respostas similares ou analisar meticulosamente as respostas de cada questão, o que sem dúvida endureceria a análise, tornando o ato de pesquisar uma ação mecânica.

Escolhemos a análise qualitativa porque esta pesquisa “trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”. (MINAYO, 1994, 22).

Ao analisar os dados da pesquisa, nosso objetivo foi buscar no discurso dos participantes, relatos que convergissem para as práticas e diálogos desenvolvidos no decorrer da oficina e que, de alguma forma, respondessem às questões de pesquisa elencadas, contribuindo para compreender de que maneira o audiovisual poderia contribuir com a Educação Ambiental Não-Formal.

Para isto foi aplicado um questionário às crianças no início e ao final das atividades da oficina, de maneira a verificar possíveis mudanças na maneira com que o grupo percebe e se relaciona com a mídia e com o ambiente.

Esta técnica de pesquisa onde se refaz as mesmas perguntas para as mesmas pessoas em um intervalo regular de tempo foi idealizada por Paul Lazarsfeld na década de 30, como parte das primeiras pesquisas realizadas pela universidade de Columbia, para quantificar as intenções dos eleitores nos processos eleitorais.

A utilização do questionário como instrumento de pesquisa se deve ao fato de que este instrumento deixa os participantes à vontade para responder às questões, visto que neste caso, não há a intervenção do entrevistador. As questões abertas foram empregadas de forma a estimular a livre expressão, o que possibilitou conhecer um pouco mais sobre a realidade do grupo em questão. Sua utilização objetivou um registro das idéias, sentimentos e percepções dos entrevistados.

4.3. Análise de dados

A análise de dados foi baseada na proposta de Laswell, que foi atualizada pelos pesquisadores Maria do Carmo Galiazzi⁴⁸ e Roque Moraes⁴⁹, compondo o método conhecido como *Análise Textual Discursiva*. Esta classificação propõe a análise qualitativa de conteúdos das mais diversas fontes, por meio das seguintes definições:

1) *Quem fala?* 2) *Para dizer o que?* 3) *A quem?* 4) *De que modo?* 5) *Com que finalidade?* 6) *Com que resultados?* (Moraes, 1999: 08)

A questão que se aproxima dos pressupostos metodológicos deste trabalho é a análise de conteúdo que focaliza *com que resultados?* Neste espectro o pesquisador busca identificar os resultados efetivos de uma comunicação (neste caso, tomemos como ato comunicativo a oficina *Criando Ambientes Midiáticos Sustentáveis*).

Em consonância com os objetivos do trabalho, - que busca a construção de valores que instiguem a ação transformadora no ambiente - a análise será

⁴⁸ <http://lattes.cnpq.br/4430976902171474>

⁴⁹ Roque faleceu em janeiro de 2012.

conduzida por meio da abordagem subjetiva, pois considera não apenas o conteúdo manifesto, mas também o significado latente dos dados através de um processo indutivo, que emerge da fala e da visão de mundo dos sujeitos.

De acordo com Roque Moraes, este tipo de abordagem visa à compreensão dos fenômenos investigados e, ao contrário da análise dedutiva, que parte de uma teoria, a abordagem indutiva, também chamada de construtiva ou subjetiva, visa chegar a uma teoria a partir dos dados que constituem a pesquisa. “Sua finalidade não é generalizar ou testar hipóteses, mas construir uma compreensão dos fenômenos investigados” (Roque, 1999: 15).

Optamos por transcrever as respostas dos participantes exatamente da forma como foram redigidas, conservando assim os erros de concordância, sintaxe e ortografia que podem ser verificados a seguir. A decisão pela não correção dos textos se deve ao entendimento de que a palavra utilizada para expressar o mundo diz muito de quem são estas crianças e mostra de que forma as atividades desenvolvidas durante a oficina repercutiram em seus modos de ser e estar no mundo.

Os questionários foram aplicados a nove das dez crianças selecionadas, pois uma delas não concordou em participar da pesquisa. Destes nove, sete questionários foram considerados aptos a compor a análise de dados, visto que dois dos participantes não compareceram a algum dos encontros e, portanto, não responderam ao questionário nos dois momentos previstos.

A partir da comparação entre as respostas foram elaborados pequenos textos que permitem discutir as relações estabelecidas entre os objetivos e os resultados da pesquisa. Foram levados em consideração aspectos como a percepção dos indivíduos a respeito do ambiente e da mídia e que tipos de relação subjetiva, social e ambiental estabelecem com o meio natural. A partir daí foi possível investigar os resultados alcançados (ou não) com a oficina.

4.3.1. O que você entende por ambiente?

No primeiro questionário uma das participantes afirma que os seres humanos dependem do meio natural quando diz que “ele nos ajuda a respirar, nos ajuda a ter alimentos, a poder ler e escrever”. A maneira como a participante coloca a relação que estabelece com o meio natural pode ser entendida como uma relação unilateral, na qual não há trocas.

Neste caso, o ambiente é percebido como matéria prima capaz de fornecer elementos dos quais ela necessita para sobreviver e desenvolver suas atividades cotidianas. Para esta menina, natureza é algo externo à sua própria naturalidade.

Após a oficina a resposta da mesma menina diz o seguinte: “(...) nos ajuda a ter um bom ar, jogar lixo no lixo, não ficar jogando o que não se decompõe rápido”.

A ideia de que o ambiente nos mantém vivos através da matéria prima que fornece, continua na resposta e é bom que esteja, porque isto não deixa de ser verdade. Porém, ao elencar atitudes como jogar lixo no lixo e não jogar fora aquilo que não se decompõe rápido é possível perceber que a participante passou identificar suas próprias atitudes como parte do amplo espectro daquilo que denominamos ambiente, e a compreender, portanto, sua existência como parte da natureza.

Outro questionário chamou atenção pelo fato de que as respostas foram praticamente iguais, mas totalmente diferentes. Eu explico: antes da oficina a menina escreveu que “nós devemos cuidar do ambiente que nós vivemos”. A participante faz esta afirmação de maneira simplista, ingênua, visto que não aprofunda a ideia do cuidado, citando, por exemplo, ações que dialoguem com a atitude que propõe.

Atrevo-me a lançar a hipótese de que a frase construída pela participante seja apenas uma decoreba. Não surpreende que crianças que passam o dia em frente à TV reproduzam este tipo de informação sem embasamento. A mídia nos impõe diariamente o dever de “cuidar do ambiente” ao publicizar atitudes conservacionistas de pequena escala que

responsabilizam o elo mais fraco da cadeia (o consumidor) pelo desequilíbrio ambiental. Desta forma, assegura-se que estaremos muito ocupados fechando torneiras ou apagando lâmpadas para cobrar atitudes das grandes empresas, da gestão pública ou mesmo da própria mídia, que estimula o consumo.

Após a oficina, a resposta da participante foi a seguinte: “Eu entendo por ambiente que nós não devemos estragar o ambiente”. As frases são bem parecidas, porém há uma mudança de sentido significativa quando se substitui a oração “devemos cuidar” por “não devemos estragar”. Não estragar desloca os seres humanos da posição de cuidadores do ambiente para causadores da degradação ambiental e pressupõe que são nossos hábitos e atitudes que devem ser repensados em busca do equilíbrio ambiental.

Quando a menina diz que *não devemos estragar*, ela percebe que somos responsáveis por aquilo que “estragamos”, e que devemos, portanto, consertar. Esta compreensão de que as atitudes pertencem a uma via de mão dupla, que podem ser feitas e desfeitas, nos remete ao conceito de reversibilidade operatória desenvolvido por Piaget, do qual falamos no capítulo anterior.

A palavra estragar aparece novamente na frase de outro participante que diz “a gente não pode estragar mas pode plantar”. Neste caso percebe-se que além de pontuar o “estrago” que causamos ao ambiente, o menino conclui que poderíamos ter outro tipo de atitude, sugerindo o ato de plantar como uma ação positiva. A utilização do verbo *poder* permite considerar que ele reconhece nossa capacidade para fazê-lo. É uma questão de escolha.

No segundo momento de aplicação do questionário, a colocação do participante traz à tona outra vez o conceito de reversibilidade operatória: “(...) não pode cortar muitas árvores sem plantar outras e que não podemos jogar lixo no chão”.

Pode-se afirmar que há uma mudança na percepção do participante em relação ao ambiente e a ele próprio quando se identifica uma inclinação pela busca de soluções para os problemas ambientais que ele conhece. Enquanto na primeira resposta o estudante elenca o que pode ou não ser feito na busca

pelo equilíbrio ambiental, na segunda ele vai além, transcendendo suas próprias limitações ao sugerir uma hipótese para solucionar o problema – plantar outra árvores.

Neste sentido, é notável o desenvolvimento da capacidade crítica-reflexiva dos participantes. Uma das meninas que havia respondido no primeiro momento que entende por ambiente “quase nada”, respondeu no segundo questionário que “não pode jogar lixo no ambiente porque vem as enchente e entope os ralos alaga tudo”. Percebe-se aqui, que a participante passou a compreender o ambiente como um todo interdependente, do qual ela faz parte e, portanto, têm responsabilidade. Mais ainda: ela consegue trazer esta aplicação para seu cotidiano, quando traça a relação de causa e efeito estabelecida entre o lixo que é jogado no chão, o entupimento dos bueiros e as enchentes nas cidades.

Conhecer a complexa dinâmica ambiental e perceber as consequências de nossos atos, assumindo a responsabilidade por eles é um grande passo no sentido de criarmos novas formas de atuar no ambiente.

4.3.2. Qual é seu papel nele?

Cabe salientar que esta foi a pergunta que os participantes tiveram mais dificuldade em responder. Primeiro porque muitos deles haviam colocado a resposta referente a esta pergunta na questão anterior (o que você entende por ambiente?).

Segundo porque até aquele momento, a maioria dos participantes compreendia a natureza como algo externo a eles próprios. Assim, quando questionados a respeito de algo do qual pensavam não fazer parte, ficou difícil descrever a função que cabia a cada um desempenhar.

Contudo, as respostas do questionário dizem o contrário. Isto porque ao apresentar o projeto às crianças selecionadas, falei mais do que o necessário. Resultado: mesmo sem perceberem-se como parte da natureza, a maioria das

crianças redigiu respostas como: “sou uma parte da natureza”, “animais racionais”, “eu sou na natureza um animal”, e assim por diante.

Confesso que fiquei apreensiva por ter de alguma forma influenciado as respostas, afinal, o questionário é meu principal elemento de análise.

Todavia ao comparar as respostas elaboradas antes e após a oficina, emergiram questões significativas referentes à maneira como as crianças compreendem seu papel no ambiente.

A postura passiva revelada no primeiro questionário, quando os participantes diziam-se parte da natureza sem perceber sua função nele, foi substituída por uma postura ativa, de quem intervém, transforma.

Os participantes afirmam agora, que seu papel é “viver mais não poluir”, é “ajudar o meio ambiente”. Isto indica que eles se reconheceram como agentes de transformação do ambiente, que começaram a considerar hipóteses para lidar com os problemas ambientais e que se disponibilizaram a agir.

Estas características podem ser observadas em outras duas respostas que dizem o seguinte: “Eu sou parte dele porque eu planto no ambiente cuido dele” e “ É cuidar do meio ambiente para que todos nós possa viver bem”.

A frase anterior permite ainda a análise de seu significado latente quando se destaca o uso da palavra *bem*. Na escolha desta expressão está subentendida a existência de uma forma de viver mal. Quando a participante diz que o cuidado com o ambiente fará com que *possamos* viver bem, é possível compreender ainda, que para ela, atualmente vivemos mal e que ao cuidar do ambiente, no futuro, poderemos viver bem.

Lancemos nosso olhar para as mudanças de compreensão que ocorreram em relação ao papel de cada um no ambiente: Ainda que as primeiras respostas fossem genuínas - ou seja, que não houvessem sido influenciadas pela pesquisadora iniciante -, seria possível dizer que os participantes assumiram seu papel em relação ao cuidado com o meio natural, assumindo o que Morin chama de ética da responsabilidade humana.

Considerando que neste aspecto, o nível de compreensão das crianças era ainda menor do que o revelado nos questionários, é possível afirmar que houve um avanço significativo no sentido do desvelamento crítico da realidade.

Somos responsáveis? Do que somos responsáveis? Responsabilidade! Cada um de nós pode, mais ou menos, sentir-se responsável ou culpado. Mas a responsabilidade não é um conceito científico. Porque a responsabilidade não tem sentido senão com relação a um sujeito que se percebe, reflete sobre si mesmo, discute sobre ele mesmo, contesta sua própria ação (MORIN & LE MOIGNE, 2000: 35).

4.3.3. Quais são os problemas ambientais que você conhece?

“(...) poluição, corte de árvores”, “jogar lixo no chão”, “poluir o ar, cortar muitas, muitas árvores”, “poluição, desmatamento, lixo na rua”.

Estas foram algumas das respostas nas quais é possível perceber que os participantes citam alguns problemas ambientais como fenômenos isolados, fechados neles mesmos, sem origem nem consequências e, principalmente, distantes de suas realidades.

Após a oficina as respostas ficaram mais completas, poder-se-ia dizer até mesmo complexas, pois as crianças começaram a perceber as relações de causa-efeito, as consequências de nossas atitudes no ciclo dos fenômenos e, portanto, nossa responsabilidade junto à crise socioambiental que vivenciamos.

Neste sentido cabe ressaltar a comparação entre as respostas de um dos participantes que no primeiro momento diz: “Poluir o meio ambiente e estragar o meio ambiente”, depois, concebe “É poluir o meio ambiente jogando lixo nas ruas”.

Outro participante que a priori havia respondido “Deixar lixo nas plantas, botar lixo na água...”, mudou sua resposta para “lixo em ar livre aonde não passa lixeiro...”.

O que ocorre é que o tema ambiente foi trazido para a realidade destas crianças a partir de aproximações entre os problemas ambientais e o contexto urbano onde vivem. Desta forma tornou-se possível trabalhar um dos pilares da

Educação Ambiental: promover a compreensão do contexto global para suscitar a ação em âmbito local.

O aprofundamento da compreensão sobre a crise ambiental aparece mais uma vez nas respostas de outra participante que na primeira aplicação do questionário respondeu que os problemas ambientais dos quais ela tinha conhecimento eram “poluição, corte de árvores”.

Já na segunda resposta ela diz:

“Eu conheço vários problemas um deles é que as pessoas jogam muitos lixos e prejudicam as enchentes”.

4.3.4. O que você pode fazer em relação a isto?

“Não deixar a natureza e o meio ambiente se acabar por causa de cuidados dos outros”.

Por diversas vezes tive dificuldade em compreender os relatos dos participantes. Analisar textos produzidos por crianças é um desafio maior do que eu poderia supor! Requer atenção redobrada, capacidade indutiva, memória aguçada... Respostas como a que se coloca acima, exigiram buscar na lembrança o momento em que as crianças responderam às questões com o intuito de recordar perguntas e comentários feitos durante a execução da tarefa.

Neste caso, a menina comentou que fez referência à natureza e meio ambiente porque “natureza são as plantas e os animais” [o meio natural] “e meio ambiente é tudo o que existe” [as relações econômicas, sociais, culturais, históricas, subjetivas, etc., que se dão intermediadas pelo ambiente]. Também foi necessário intuir que o ambiente se acabaria pela *falta* de cuidado dos outros.

Na primeira aplicação do questionário, a menina havia respondido: “não jogar lixo no chão, não poluir o ar, não cortar muitas árvores e não ficar destruindo o solo”. A comparação entre os dados mostra que em um primeiro

momento as respostas pareciam prontas, decoradas, como se fizessem parte de uma cartilha. Esta impressão se confirma ao ler as outras respostas que dizem “não poluir”, “não poluir, não desmata”, “não poluir o ambiente mas cuidar do ambiente”.

Após a oficina a resposta da participante apresenta distinções na maneira de compreender o mundo e conseqüentemente, os problemas ambientais. As respostas esvaziadas de sentido redigidas no primeiro questionário foram substituídas por uma postura ativa e cuidadora. Quando a menina diz que não vai deixar o meio ambiente se acabar pela falta de cuidado dos outros, ela se impõe como sujeito capaz de agir em defesa do meio ambiente.

Também é interessante refletir sobre quem são os *outros*. Para isto caro leitor, tentaremos nos aproximar da compreensão da participante, avançando na seguinte reflexão: Reconheçamos que o universo movimenta-se em ciclos vitais interdependentes e que a mínima intervenção pode gerar alterações no todo. Estas conseqüências podem ser positivas, como é o exemplo da relação estabelecida entre as comunidades indígenas e a terra, ou negativas, como é o caso da extração ilimitada e dos dejetos sem tratamento que são lançados no ambiente.

O tipo de relação estabelecida entre os seres vivos e o caráter da convivência destes, estão atrelados de maneira indissociável às lentes que usamos para compreender o mundo. Se compartilhamos a mesma casa, Gaia, com nossos irmãos, nutrindo profundo respeito por tudo o que tem vida e extraíndo da terra somente o que necessitamos para nossa sobrevivência, possivelmente conviveremos em um lar harmônico e saudável. Do contrário, se objetivarmos nossa existência na busca desenfreada pelo enriquecimento material, cultivando alegrias efêmeras e desejando sempre mais, certamente criaremos um ambiente de desequilíbrio e hostilidade em todas as esferas do convívio ambiental.

Assim, poder-se-ia supor que quando a menina fala dos “cuidados dos outros”, ela se refere àqueles que sustentam a qualquer custo suas lentes embaçadas. Talvez os adultos, políticos, donos de empresas, de grandes

veículos de comunicação, enfim, àqueles que atualmente têm o poder de escolha e ação em grande escala, e que decidem o futuro do meio ambiente e, infelizmente, o dela.

A comparação entre os questionários de outra participante também chama atenção pela postura com que ela se coloca antes e após a oficina. No primeiro momento o questionamento foi respondido com a seguinte frase: “não poluir o ambiente mas cuidar do ambiente”. A frase demonstra que a participante possuía inclinação para o cuidado com o ambiente, mas que lhe faltava conhecimento e interpretação de mundo para que este desejo pudesse se concretizar em ações. As colocações são apenas ideológicas, sem possíveis aplicações na realidade. Entenda caro leitor, que não estou desmerecendo o caráter ideológico das colocações dos participantes, que sem dúvida são o ponto de partida para a ação transformadora sobre o mundo. Contudo, concordo com Freire quando diz que reflexão sem ação é blá, blá, blá e ação sem reflexão é puro ativismo.

Já na segunda vez em que respondeu ao questionário, a menina demonstrou mais conhecimento sobre a realidade local e aptidão em lançar hipóteses para solucionar os problemas ambientais. A resposta foi a seguinte: “Fazer uma reciclagem e convidar um grupo de pessoas para limpar as ruas da cidade”.

Nesta colocação fica claro que a oficina possibilitou que ela se reconhecesse como uma agente de transformação de seu próprio ambiente na esfera individual, quando sugere realizar a reciclagem, e coletiva, quando se propõe a mobilizar um grupo de pessoas para limpar as ruas cidade.

A intenção desta participante demonstra o despertar da criticidade, da autonomia e da capacidade de inter-agir no ambiente. Ela agora reconhece que pode gerar micro-intervenções em sua realidade e desta forma, promover mudanças no ambiente.

4.3.5. O que a televisão tem a ver com o ambiente?

Parte dos entrevistados disse em um primeiro momento que a televisão “avisa quando tem um problema no solo e no planeta”, que ela nos “atenta para cuidar do ambiente” e que “se ajente botar coisas sobre o meio ambiente as pessoas vão ver que o que estão fazendo é errado”. Os demais fizeram relação entre a televisão e o gasto de energia elétrica, que “vêm da água”.

Em nossos encontros as crianças exercitaram o olhar crítico em relação à influência da mídia sobre nossas subjetividades - principalmente na esfera do consumo -, e compreenderam as consequências do estilo de vida consumista em uma escala abrangente. Vejamos a relação entre TV e ambiente que uma das participantes elaborou ao final da oficina:

“Tem a ver com o ambiente porque faz nós comprar as coisa e tirar uma parte do meio ambiente que vivemos”.

Esta afirmação se configura em outra resposta que diz:

“Ela nos faz comprar coisas que destrói o meio ambiente”.

Outra participante diz o seguinte:

“É que as crianças vem a TV e encomodam o pai ou a mãe pra comprarem produtos famosos e elas sabem o nome de salgadinhos e não sabem o nome das frutas”.

Nesta passagem a participante faz referência a um trecho do documentário *Criança, a alma do negócio*, que assistimos juntos como parte das atividades da oficina. O roteiro do documentário inclui exercícios práticos nos quais psicólogos reúnem grupos de crianças e apresentam a elas diversos tipos de alimentos. Primeiro são legumes, verduras e frutas, depois, alimentos industrializados. Esta dinâmica mostrou que a maioria das crianças entrevistadas não reconhecia os alimentos naturais, mas que todas, sem exceção, reconheciam os industrializados.

Os “produtos famosos” são os alimentos produzidos por empresas de marca reconhecida, aos quais é agregado valor proporcionalmente à quantidade de propagandas nas quais exibem sua suposta qualidade superior.

Discorremos sobre a relação que estabelecemos com este tipo de objeto de desejo no primeiro capítulo, quando pontuamos que estes produtos valem mais por sua simbologia do que pelo que são de fato. O importante neste caso não é o produto em si, mas a maneira de ser que o consumidor adquire ao consumi-lo.

O caráter passivo dos telespectadores em relação à TV também é questionado quando um dos participantes diz:

“(...) a teve fala com selebro das crianças e que fas elas fica muito tempo na teve...”.

Outra participante diz:

“Ela nos mostra oque não é verdade para nós deixamos tudo do jeito que tá”.

Como se pode perceber, as respostas concentraram-se em apontar o caráter negativo da televisão. Contudo, a hipótese em que acreditávamos é que nesta questão, as respostas também fossem sugerir a utilização da TV como instrumento capaz de gerar outros tipos de subjetividade, de lançar valores diversos daqueles explorados pela grande mídia. Os participantes vivenciaram esta realidade ao produzir o programa JORNALECO. Provavelmente o que aconteceu, foi que as crianças se surpreenderam negativamente, experienciando certo desacomodamento na medida em que desvelavam a manipulação midiática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegamos ao momento de refletir sobre os resultados da oficina. Para isto teremos de lançar novamente nosso olhar para as questões de pesquisa elencadas no primeiro capítulo, a saber:

- ❖ *É possível criar antídotos para a uniformização midiática por meio de produções audiovisuais alternativas, que resgatem a expressão autêntica e autônoma dos grupos, estimulando maneiras sustentáveis de existência?*
- ❖ *Utilizar o audiovisual como ferramenta da EANF de forma a estimular a reflexão acerca do papel do ser humano no ambiente pode gerar/potencializar intervenções que promovam a melhoria da qualidade das relações ambientais?*

Nossas considerações buscam encontrar consonâncias entre as questões de pesquisa e os resultados da oficina, mensurados por meio da comparação entre os questionários aplicados antes e após os encontros. Neste processo, vamos relacionando as questões elencadas, as respostas do grupo-sujeito e os conceitos que foram sendo desvelados nos caminhos da pesquisa.

As respostas dos questionários evidenciam que após a oficina os participantes apresentaram maior compreensão do fenômeno de manipulação midiático. As crianças identificaram os processos de manipulação e serialização das subjetividades e alcançaram um nível de compreensão destes fenômenos que permite traçar paralelos entre a serialização midiática, o incentivo ao consumo e a degradação ambiental. Quanto a isto, destaca-se a reflexão que um dos participantes faz entre TV e ambiente:

“Tem a ver com o ambiente porque faz nós comprar as coisa e tirar uma parte do meio ambiente que vivemos”.

Outra participante confirma esta ideia quando diz:

“Ela nos faz comprar coisas que destrói o meio ambiente”.

A proximidade com o suporte audiovisual conquistado durante as experimentações da oficina e na execução do programa JORNALECO, certamente contribuiu para o alcance destas compreensões, visto que permitiu aos participantes conhecer as diversas etapas da produção técnica audiovisual, ao mesmo tempo em que se refletia constantemente sobre as escolhas feitas na produção; avaliando, comparando e refazendo, em uma atividade dinâmica de EANF.

Neste sentido, a oficina constituiu-se em um espaço de aporte à criatividade, à experimentação do novo, ao descobrimento de novas perspectivas que possam ir de encontro ao fatalismo dos que se conformam com o domínio do instituído. Nossos encontros, portanto, convergiram para aquilo que Guattari diz ser um ponto programático primordial da ecologia social: “fazer transitar essas sociedades capitalísticas da era da mídia em direção a uma era pós-mídia, assim entendida como uma reapropriação da mídia por uma multidão de grupos-sujeito, capazes de geri-la numa via de ressingularização” (2008: 47).

Outro aspecto questionado na fala dos participantes é a passividade dos espectadores em relação às imposições midiáticas. A menina de dez anos diz o seguinte:

“Ela nos mostra o que não é verdade para nós deixamos tudo do jeito que tá”

O menino de oito, afirma:

(...) a teve fala com selebro das crianças e que fas elas fica muito tempo na teve...”.

Estes relatos demonstram que a capacidade crítica-reflexiva dos participantes, sem dúvida foi estimulada. As respostas que em um primeiro momento mostravam-se ingênuas ao descrever a TV como elemento que auxilia no cuidado com o ambiente, que “avisa quando tem algo errado com o

solo”, passaram a expressar a compreensão da força deste suporte como dispositivo capaz de moldar a percepção e a ação sobre o mundo.

Assim, podemos afirmar que atividades de EANF que envolvam a apropriação dos dispositivos técnicos audiovisuais, o diálogo e a reflexão sobre este suporte, podem abrir espaços para a criação de novas linguagens que sirvam de antídotos para a uniformização midiática.

Quanto à percepção do ambiente e à forma de atuação de cada um neste, nota-se que compreensão das crianças adquiriu maior profundidade. As respostas tornaram-se mais complexas ao fundamentarem-se nas relações de causa e efeito, incluindo o ser humano como parte do tecido que compõe a teia da vida. Destaco a resposta que uma das participantes redigiu antes da oficina, quando questionada sobre quais eram os problemas ambientais dos quais ela tinha conhecimento:

“Poluição, corte de árvores”.

Ao final de nossos encontros, quando questionada novamente sobre o mesmo tema, a menina responde:

“Eu conheço vários problemas um deles é que as pessoas jogam muitos lixos e prejudicam as enchentes”.

A aproximação entre os problemas ambientais e o cotidiano dos participantes possibilitou articular estas atividades de EANF sob a estratégia que prevê a compreensão do contexto global e a ação em âmbito local. Isto só foi possível porque o tema ambiente foi trazido para a realidade destas crianças através do exercício de (re) olhar, de treinar o olhar para perceber a realidade em uma escala mais abrangente. Através da lente da câmera, fomos aos poucos desvelando realidades que há muito estavam ali presentes, sem serem percebidas. Este novo olhar provocou, desacomodou, suscitou diálogos e promoveu intervenções.

A primeira edição do programa JORNALECO, gravado na escola durante a oficina, trabalhou a questão do lixo. O tema foi sugerido pelas

próprias crianças, que ao lançarem este novo olhar para a escola, perceberam a quantidade de lixo que havia jogado pelo pátio, a falta de lixeiras de coleta seletiva e que, as poucas lixeiras que havia, não estavam devidamente identificadas.

Questionaram também de onde surgiram as dezenas de bitucas de cigarro jogadas pelo chão, enquanto discutiam entre si sobre quem estaria fumando dentro da escola – o que para eles é errado. Resolveram então, fazer uma “faxina na escola”, catando o lixo que estava no chão, separando-o e organizando as lixeiras para que fosse implementada a coleta seletiva na escola.

Tanto a faxina das crianças quanto a gravação do programa JORNALECO constituem-se em pequenas intervenções geradas a partir do simples exercício de trocar as lentes (pelas lentes da câmera, neste caso).

Estas micro-intervenções emergem do reconhecimento que estas crianças fazem delas mesmas como sujeitos capazes de lançar hipóteses para lidar com os problemas ambientais, de questionar, de criar, de agir e de transformar o mundo.

Esta mudança de percepção sobre a natureza e sobre a atuação deles como agentes sociais responsáveis pelo ambiente, fica clara na comparação dos dois relatos da mesma participante:

O que você pode fazer em relação aos problemas ambientais que você conhece?

“não poluir o ambiente mas cuidar do ambiente”.

E depois:

“Fazer uma reciclagem e convidar um grupo de pessoas para limpar as ruas da cidade”.

Analisando estes relatos com a finalidade de ensaiar uma resposta sucinta para o questionamento que tomamos emprestado de Roque Moraes (*com que resultados?*), podemos elencar a tomada de decisão, o reconhecimento da capacidade para a ação, a necessidade de transformação

social e o compromisso com a vida, como principais resultados averiguados na fala destas crianças.

Hoje elas se reconhecem como cidadãos capazes de transformar a realidade de opressão a qual estamos submetidos. Tornaram-se mais críticos, mais reflexivos. A postura passiva que apresentavam inicialmente cedeu lugar a uma atitude interventiva, capacitada para a ação. A compreensão do contexto sistêmico do ambiente possibilitou que eles traçassem planos objetivos para lidar com os conflitos ambientais locais. E foram além dos planos, eles de fato se organizaram para solucioná-los e agiram.

Esta tomada de consciência e de iniciativa mostram que houve também, no decorrer da oficina, uma melhoria da auto-estima destas crianças, que hoje percebem que suas vozes devem ser ouvidas e sentem-se capazes de se fazer ouvir. Neste sentido pode-se prever que o programa JORNALECO se constituirá como espaço interventivo, gerador de klinamens, através do qual estas crianças tornar-se-ão porta-vozes de outras crianças, encorajando-as a tomar posse de sua cidadania também.

Ações como esta nos mostram que novas maneiras de existir no mundo e com o mundo são mais do que meras utopias quando se tornam concretizáveis através do esforço e da dedicação conjuntos.

Mais do que uma oficina, nosso espaço se constitui em uma experiência de vida. Mais do que uma turma, tornamo-nos amigos, confidentes. Muito mais do que educandos, estas crianças tornaram-se filhos, dos quais me orgulho muito! Enfim, mais do que um espaço de singularização, criamos um espaço de resistência!

Pelo tom afetivo, já carregado de nostalgia, o leitor deve ter percebido que se aproxima nossa despedida. Assim como foi agradável sua companhia, espero que tenha sido o caminho.

A partir de agora estaremos sempre unidos, pois construímos juntos, algo que pertence somente a nós: este texto. Na maneira como o concebi, imaginando-te por perto, e na maneira como o compreendeste, partilhando

comigo esta experiência que tanto me ensinou ao causar provocações, desconfortos, insegurança, felicidade, busca, realização...

Seguiremos com o trabalho, produzindo novas edições do programa JORNALECO, esperançosos por contribuir com transformações da realidade, rumo a melhores condições de vida em nossa querida mãe, Gaia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Cláudio. **CINEDEA: vídeos ambientais ecosóficos**. In: **Semeando Ideias, Colhendo Diálogos**. AZEVEDO, Cláudio; FILHO, Clêncio; PIEPER, Daniela; SCHMIDT, Elizabeth; DUARTE, Krischna; DUTRA, Lidiane; Karpinski, Lila; Dias, Rafael; SANTOS, Tiago; CAPORLINGUA, Vanessa (org.). Rio Grande, editora e gráfica da FURG, 2011.

BARBIER, R. **Pesquisa-ação**. Brasília: editora Liber Livro, 2006. (Coleção Pesquisa, 3).

BAREMBLITT, Gregório. Site da Fundação Gregório Barenblitt - Instituto Félix Guattari. Disponível em <http://fgbbh.org.br/glossario.htm>. Acesso em 19 de março de 2012.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para o consumo - A transformação das pessoas em mercadoria**. Rio de Janeiro, editora zahar, 2008.

BENJAMIN, Walter. **Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação**. São Paulo: Summus, 1984.

BOFF, Leonardo. **Saber Cuidar Ética do Humano - Compaixão pela Terra**. 16. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

BRANDÃO, C. R. (Org.). **Pesquisa Participante**. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1999.

BUCCI, Eugênio e KEHL, Maria Rita. **Videologias**. São Paulo, SP: Boitempo, 2004.

BUCCI, Eugênio. **Brasil em Tempo de TV**. São Paulo, SP: Boitempo, 2005.

Escola de Comunicação e Artes da USP. ECA On line. Disponível em www.usp.br/nce/aeducomunicacao. Acesso em 20 de abril de 2011.

FREIRE, PAULO. **Pedagogia da Autonomia**. 39. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

_____. **Cartas a Cristina: Reflexões sobre minha vida e minha práxis**. 2. ed. São Paulo: UNESP, 2003.

GIANNOTTI, Vito. **Muralhas da Linguagem**. Rio de Janeiro, Editora Mauad, 2004.

GUATTARI, Félix. **Revolução Molecular: pulsações políticas do desejo**. São Paulo, EDUSP, 1987.

_____. **Caosmose: um novo paradigma estético**. Editora 34 Ltda. Rio de Janeiro, 1992.

_____. **El Devenir de la Subjetividad**. Santiago De Chile. Dolmen Ediciones, 1998.

_____. **Micropolítica: Cartografias do desejo**. Felix Guattari, Suely Rolnik. 7. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

_____. **As Três Ecologias**. 19. ed. Campinas, SP. Papyrus, 2008.

JONES, Gerard. **Brincando de Matar Monstros. Por que as crianças precisam de fantasia, videogames e violência de faz-de-conta**. São Paulo. Conrad editora, 2004.

LEFF, Enrique. **Discursos Sustentáveis**. São Paulo: Cortez, 2005.

MARCONI, M. D. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados**. 3.ed. São Paulo: Atlas, 1996.

MARQUES, Mário Osório. **Escrever é preciso – o princípio da pesquisa**. Petrópolis, R.J., Vozes, 2008.

MARTÍN BARBERO, Jesús. **Retos culturales de la educación a la comunicación**. In: Comunicación, Educación y Cultura. Relaciones, aproximaciones y nuevos retos. Bogotá, Cátedra Unesco de Comunicación Social. Facultad de Comunicación y Lenguaje, Pontificia Universidad Javeriana, 1999.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social: teoria, método, criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994.

MORAES, Roque. **Análise de conteúdo**. *Revista Educação*, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

MORÁN, José Manuel. Artigo Revista **Comunicação e Educação**, 2 ed. São Paulo, S.P. Editora USP; pg. 27 a 35, .jan./abr. 1995.

MORÁN, José Manuel. **As mídias na Educação**. Texto do livro **Desafios na Comunicação Pessoal**. 3. Ed. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 162-166. Disponível em: www.eca.usp.br/prof/moran/midias_educ.htm. Acesso em 20 de abril de 2011.

MORIN, Edgar; LE MOIGNE, Jean Louis. **A inteligência da complexidade**. Tradução de Nurimar Maria Falci. São Paulo: Peirópolis, 2000.

PEDRINI, A. de GUSMÃO & CAVALCANTI, C. (Org.). **Meio ambiente, desenvolvimento sustentável e políticas públicas**. São Paulo: Cortez, 1997.

PERUZZO, K. Cicília. **Comunicação Comunitária e Educação para a Cidadania**. Revista Fronteiras estudos midiáticos. São Paulo, V. 1, p. 111-128, 2001.

PIAGET, Jean. **La Formación del Símbolo En El Niño**. 3. ed. Buenos Aires, Argentina, Fondo de Cultura Economica, 1973

_____. **Ensaio de Lógica Operatória**. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1976.

_____. **A linguagem e o pensamento da criança**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

_____. **O Juízo Moral na Criança**. 2. ed. São Paulo: Summus, 1994.

Portal do MEC. Disponível em: portal.mec.gov.br. Acesso em 19 de agosto de 2011.

SERNA, Manuel Cebrián de la. "**Los videos didácticos: claves para su producción y evaluación**". Revista Digital Pixel Bit, nº 01, 1998. Disponível em: www.sav.es/pixelbit/articulos. Acesso em 05 de junho de 2011.

SILVERMAN, David. **Interpretação de dados qualitativos**: métodos para análise de entrevistas, textos e interações. Porto Alegre: Artmed, 2009.

THOMAS, Keith. In: CARVALHO, Isabel Cristina. **Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico**. São Paulo. Editora Cortez, 2004.

TOZONI-REIS, Marília Freitas. **Pesquisa-Ação-Participativa em Educação Ambiental**. São Paulo, SP: Annablume, 2007.

TRAJBER, R.; COSTA, L. B. "**Avaliando materiais audiovisuais de educação ambiental**". In: TRAJBER, R.; COSTA, L. B. (orgs.) **Avaliando a**

Educação Ambiental no Brasil. Materiais audiovisuais. São Paulo: Peirópolis: Instituto Ecoar para a Cidadania, 2001.

ZIBORDI, Marcos. **Paisagem Mental dos estudantes brasileiros de jornalismo**. Revista Caros Amigos. Ano XI, número 121, Abril de 2007. Páginas 12 a 16. Editora Casa Amarela Ltda.

ANEXOS

ANEXO 1
QUESTIONÁRIOS APLICADOS AOS PARTICIPANTES DO
GRUPO-SUJEITO

A 1

Nome: Eduardo da Cortez Série: 9^ª ano
 Idade: 10 anos

1. O que você entende por ambiente?

R: Eu entendo por ambiente que ele nos ajuda a respirar, nos ajudam a ter alimentos, nos ajudam a poder ler e escrever.

2. Qual é seu papel nele?

R: Meu papel é ajudar o meio ambiente e o meio ambiente me ajudar.

3. Quais são os problemas ambientais que você conhece?

R: Jogar lixo no chão, poluir o ar, cortar muitas árvores.

4. O que você pode fazer em relação a isto?

R: Não jogar lixo no chão, não poluir o ar, não cortar muitas árvores e não ficar destruindo o solo.

5. O que a televisão tem a ver com o ambiente?

R: Ela ajuda as pessoas a ficar alerta ao meio ambiente.

31

Nome: Eduarda Martes Série: 4º anoIdade: 10 anos

1. O que você entende por ambiente?

R: Entendo por ambiente que nos ajudam a ter um bom ar jogar lixo no lixo mas ficar jogando que não se decompõe rápido.

2. Qual é seu papel nele?

R: Ficar cuidando do ambiente.

3. Quais são os problemas ambientais que você conhece?

R: Ar poluído, lixo espalhado por todos os lados, mabitar imundas, e muitos animais feridos.

4. O que você pode fazer em relação a isto?

R: Não deixar a natureza e o meio ambiente se acabar por causa de cuidados dos ventos.

5. O que a televisão tem a ver com o ambiente?

R: Ela nos mostra o que não é verdade para nós deixarmos tudo do jeito que tá.

A 2

Nome: Kelhelem Lima Série: 4º Ano
 Idade: 9

1. O que você entende por ambiente?

~~por ambiente que devemos cuidar~~ ~~é o ambiente~~
 É o ambiente que devemos
 cuidar dos ambientes que nós vivemos.

2. Qual é seu papel nele?

É o seu na natureza um animal

3. Quais são os problemas ambientais que você conhece?

~~Poluição e problemas~~ Poluição e
 ambiente e atropelos e ambiente

4. O que você pode fazer em relação a isto?

Não poluir o ambiente mas
 cuidar do ambiente

5. O que a televisão tem a ver com o ambiente?

É lá nos atenta de poder cuidar do
 meio ambiente.

32

Nome: Kathelen Leijano Série: 4º AnoIdade: 9

1. O que você entende por ambiente?

R- É entender por ambiente que nós não devemos estragar o ambiente.

2. Qual é seu papel nele?

R- É cuidar do meio ambiente para que todos nós possa viver bem.

3. Quais são os problemas ambientais que você conhece?

R- É poluir o meio ambiente jogando lixo nas ruas.

4. O que você pode fazer em relação a isto?

R- Fazer uma reciclagem e convidar um grupo de pessoas, para limpar as ruas da cidade.

5. O que a televisão tem a ver com o ambiente?

R- Tem a ver com o ambiente porque faz nós comprar as coisas e tirar uma parte do meio ambiente que vivemos.

A 3

Nome: Klummann Série: 4
Idade: 9 anos

1. O que você entende por ambiente?

O meu ambiente é o que nos deixa
ver.

2. Qual é seu papel nele?

cuidar, não jogar lixo, não tirar
árvores...

3. Quais são os problemas ambientais que você conhece?

desmatamento.

4. O que você pode fazer em relação a isto?

não sei

5. O que a televisão tem a ver com o ambiente?

por que a eletrucidade é feita pela água

B3

Nome: Kleinmann Série: 4ano
Idade: 9 anos

1. O que você entende por ambiente?

É o que nos deixa vivo

2. Qual é seu papel nele?

ajudalo

3. Quais são os problemas ambientais que você conhece?

desmatamento

4. O que você pode fazer em relação a isto?

reflorestamento

5. O que a televisão tem a ver com o ambiente?

nada, ela não faz comprar coisas que destroem o meio ambiente

A 4

Nome: Luã Série: 4ª ano
 Idade: 8 anos

1. O que você entende por ambiente?

entende que junto não pode estar com
parte plantas

2. Qual é seu papel nele?

em plantas animais e plantas

3. Quais são os problemas ambientais que você conhece?

deixar lixo nas plantas, deixar lixo na água,
e cortar árvores sem plantar novas, etc

4. O que você pode fazer em relação a isto?

não deixar lixo nas plantas, não deixar lixo
na água, e não cortar árvores sem plantar novas

5. O que a televisão tem a ver com o ambiente?

tem que mostrar que não tem ~~o~~ deixar lixo de
água e água só acabar porque sem água
sem lixo.

Nome: Lia^N Série: 1^o

Idade: 8

1. O que você entende por ambiente?

eu entendo que ambiente não pode cortar muitas árvores sem plantar outras e que não podemos jogar lixo na ch^Noa.

2. Qual é seu papel nele?

e plantar muitas árvores e reciclar

3. Quais são os problemas ambientais que você conhece?

lixo em as lixeira onde não tem lixeira, não jogar lixo na água e derrubar muitas árvores.

4. O que você pode fazer em relação a isto?

queimar ou enterrar o lixo onde não possa lixo, não jogar lixo na água e não derrubar muitas árvores.

5. O que a televisão tem a ver com o ambiente?

que a televisão é de energia e energia precisa de água e que a torre fala com o planeta das crianças e que faz elas ficar muito tempo na torre e gasta muita água.

A 5

Nome: Marcos Gonçalves Série: 4º ANO
Idade: 10

1. O que você entende por ambiente?

Não sei

2. Qual é seu papel nele?

animais racionais

3. Quais são os problemas ambientais que você conhece?

Poluição, desmatamento, lixo no solo

4. O que você pode fazer em relação a isto?

Não poluir

5. O que a televisão tem a ver com o ambiente?

Eletresidade

Nome: Marcos Gonçalves Série: 4º ANO

Idade: 10

1. O que você entende por ambiente?

Não Poluir

2. Qual é seu papel nele?

Viver mais não poluir:

3. Quais são os problemas ambientais que você conhece?

Desmatamento, enchentes,
poluição, queimadas

4. O que você pode fazer em relação a isto?

Não fazer nada disso ↑

5. O que a televisão tem a ver com o ambiente?

Propaganda enganosa

A 6

Nome: Sandrine S. Nunes Série: 4ª anoIdade: 10 anos

1. O que você entende por ambiente?

quase nada.

2. Qual é seu papel nele?

Seu uma parte da natureza.

3. Quais são os problemas ambientais que você conhece?

Poluição, smog, desmatamento e as a
que eu sei

4. O que você pode fazer em relação a isto?

não poluir, não desmatar.

5. O que a televisão tem a ver com o ambiente?

é que se gente ler coisas sobre
o meio ambiente as pessoas não ver
que o que estão fazendo e errada.

36

Nome: Caroline S. Nunes Série: 4ºIdade: 10 anos

1. O que você entende por ambiente?

que não pode jogar lixo no
ambiente por que nem as
enchente e entope os rios de toda.

2. Qual é seu papel nele?

eu sou uma parte dele
por que eu planto no ambiente
cuido dele.

3. Quais são os problemas ambientais que você conhece?

enchente, jogar lixo no chão,
desmatamento, as empresas estão
destruindo a água da rio e as
peixes bebiam aquela água
e ficaram doentes.

4. O que você pode fazer em relação a isto?

não jogar lixo no chão não
desmata.

5. O que a televisão tem a ver com o ambiente?

é que as crianças nem a
TV e encomendam a pai ou a
mãe pra comprarem produtos
famosos e elas sabem o
nome de salgadinhos e não
sabem os nomes das frutas.

A 7

Nome: Victoria Santos Série: 4ª
 Idade: 9 anos

1. O que você entende por ambiente?

~~o~~ cuidar do ambiente

2. Qual é seu papel nele?

Eu sou uma parte da natureza.

3. Quais são os problemas ambientais que você conhece?

~~Poluição~~ Poluição, corte do arvoredo,

4. O que você pode fazer em relação a isto?

Reciclar, bater a lixe orgânica na lixe orgânica
 de lixo reciclável na lixe reciclável e fazer
 um pouco de compostar lixo.

5. O que a televisão tem a ver com o ambiente?

tem que ele mostra quando tem um problema no
 solo e no planeta.

37

Nome: Victoria Carolina dos Santos Série: 4ªIdade: 9

1. O que você entende por ambiente?

Eu entendo por ambiente que são pedras
jogar lixo na chão e praças etc...

2. Qual é seu papel nele?

ajudar o meio ambiente

3. Quais são os problemas ambientais que você conhece?

eu conheço vários problemas uns deles
que as pessoas jogam muito
lixo e poluem as entidades.

4. O que você pode fazer em relação a isto?

ajudar o meio ambiente

5. O que a televisão tem a ver com o ambiente?

tudo porque a televisão começou com
as pessoas para mostrar o meio ambiente
como ele está

ANEXO 2

PRÉ-QUESTIONÁRIOS APLICADOS PARA A SELEÇÃO DOS PARTICIPANTES

Nome: Eduarda Cortez Série: 4ª ano
idade 10 anos.

1. Cite as cinco coisas que você mais gosta de fazer:
mecher no computador, brincar com mi-
nhos amigos, ir a escola, olhar tv, pular
corda.

2. Se você pudesse fazer alguma coisa que não fosse
uma tarefa de escola nem de casa, algo que você
faria apenas para ser feliz, o que seria?
ganhar alguma coisa.

Nome: Victoria Gomes Série: 4ª

1. Cite as cinco coisas que você mais gosta de fazer:

Colhar, ter religião, meditar no matt,
estudar, jogar xadrez, falar corda, e me magui-
ar.

2. Se você pudesse fazer alguma coisa que não fosse uma tarefa de escola nem de casa, algo que você faria apenas para ser feliz, o que seria?

seria ajudar o meio ambiente, falar
corda, ajudar quem precisa.

Nome: Marcos Gomes Série: 4º ANO
10 ANOS

1. Cite as cinco coisas que você mais gosta de fazer:

Não falar não brigar estudar jogar
futebol jogar vôlei

2. Se você pudesse fazer alguma coisa que não fosse uma tarefa de escola nem de casa, algo que você faria apenas para ser feliz, o que seria?

Ajudar o meio ambiente

Nome: Kleinsmann Jara Série: 4 ano

1. Cite as cinco coisas que você mais gosta de fazer:

ler livros da minha, ajudar o meio ambiente, reciclar os objetos, acampar, plantar árvores

2. Se você pudesse fazer alguma coisa que não fosse uma tarefa de escola nem de casa, algo que você faria apenas para ser feliz, o que seria?

Ajudaria meu vô no campo

Nome: Qualidade - 8 Série: 4º ano

1. Cite as cinco coisas que você mais gosta de fazer:

desirar de fazer experiancia desirar de ser
cientista desirar de medicina de pediatria
e ser o melhor cientista do mundo

2. Se você pudesse fazer alguma coisa que não fosse uma tarefa de escola nem de casa, algo que você faria apenas para ser feliz, o que seria?

fazer experiancias

Nome: Sandrine S. Nunes Série: 4º ano 1º ano

1. Cite as cinco coisas que você mais gosta de fazer:

brincar, cuidar dos meus animais, olhar
televisão, mexer no computador e
ajudar minha mãe a arrumar a casa.

2. Se você pudesse fazer alguma coisa que não fosse uma tarefa de escola nem de casa, algo que você faria apenas para ser feliz, o que seria?

ler livros muito.

Nome: Kethelen Leima Série: 4º Anos
9 anos

1. Cite as cinco coisas que você mais gosta de fazer:

De estudo, brincas de pega-pega,
conversas, ajudar as pessoas e de
brincas com os animais

2. Se você pudesse fazer alguma coisa que não fosse uma tarefa de escola nem de casa, algo que você faria apenas para ser feliz, o que seria?

Conhecer o meu maior ídolo
Justin Bieber pessoalmente.

ANEXO 3

MANUAL DO AUDIOVISUAL

ANEXO 5

PROPOSTA PROGRAMA JORNALECO

Jornaleco será um programa ambiental idealizado e produzido por crianças da faixa etária compreendida entre os oito e os dez anos de idade. Direcionado ao público infantil, o programa buscará suprir a necessidade de informação e formação de valores relativos à problemática ambiental. A idéia é discutir temas atuais e de interesse público, a partir da perspectiva da criança.

A veiculação deste tipo de programa justifica-se na lacuna deixada por grande parte dos meios de comunicação, no que tange aos espaços para a discussão de temas relativos ao cotidiano da população. O objetivo é incentivar a atuação dos indivíduos como agentes de transformação do ambiente, buscando consolidar um canal de comunicação entre os cidadãos e o poder público.

◆ VEICULAÇÃO

O *Jornaleco* será veiculado semanalmente e terá duração de 30 minutos, divididos em três blocos de 05, 15 e 10 minutos, respectivamente. Sugere-se que o horário de exibição do programa seja pela manhã, visto que, a maioria das escolas de ensino fundamental, funciona no turno da tarde.

◆ DIFUSÃO

O programa será veiculado, em um primeiro momento na FURG TV, canal 15 da NET e 08 na Via Cabo. Por se tratar de um canal fechado, o que reduz a capacidade de disseminação do programa, foi elaborado um plano de difusão alternativo: Além da veiculação semanal no canal da universidade, o JORNALECO terá endereço eletrônico próprio e canal no youtube. Das atividades elaboradas em conjunto com o grupo, será

produzido um DVD que poderá ser exibido em outras escolas, reverberando assim, o trabalho aqui desenvolvido.

◆ QUADROS

- **ECODICAS:** orientação para a ação cotidiana que vise práticas sustentáveis de existir no mundo e com o mundo;

- **DO LIXO AO LUXO:** ensina a fabricar brinquedos e outros objetos por meio do reaproveitamento de materiais;

◆ Descrição

1º Bloco	2º Bloco	3º Bloco
<p>Apresentação</p> <p>Introdução do tema a ser tratado naquela edição</p> <p>Chamadas dos quadros</p>	<p>Discussão a respeito do tema da semana</p> <p>Ecodicas</p>	<p>Do Lixo ao Luxo</p> <p>Encerramento do programa</p>

ANEXO 6

DVD DO PROGRAMA JORNALECO

ANEXO 7

TERMOS DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário(a), em uma pesquisa. Após ser esclarecido(a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que será em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Título do Projeto: O audiovisual na Educação Ambiental Não-Formal: JORNALECO – Um programa de TV ambiental produzido por crianças do Ensino Fundamental

Pesquisadora Responsável: Krischna Silveira Duarte (kita)

Telefone para contato da pesquisadora: (53) 9164-14-10

JUSTIFICATIVA, OBJETIVOS E PROCEDIMENTOS:

O motivo que nos leva a estudar como a mídia pode ser capaz de produzir idéias diferentes daquelas impostas pela televisão, estimulando a sustentabilidade ambiental, é importante para que possamos entender de que maneira a televisão influencia em nosso comportamento e como podemos utilizar a própria televisão para criar algo novo, como cuidar do meio ambiente, por exemplo.

A pesquisa se justifica no fato de que a criança é hoje, muito influenciada pela televisão, que a estimula a comprar coisas, desejar alimentos que não são saudáveis e, muitas vezes, a se comportar de maneira agressiva. O objetivo desse projeto é fazer com que a criança possa aprender como se faz um programa de TV ambiental, como conviver bem e respeitar o próximo e como cuidar do meio ambiente. Juntos vamos produzir um programa de televisão, o JORNALECO! As crianças serão responsáveis pela gravação de imagens, apresentação do programa e pelas entrevistas. O projeto JORNALECO será realizado nos sábados à tarde, na escola, como uma das oficinas oferecidas no projeto Escola Aberta.

A participação no estudo não acarretará custos para você e não será disponível nenhuma compensação financeira adicional.

DECLARAÇÃO DO(A) PARTICIPANTE OU DO(A) RESPONSÁVEL PELO(A)**PARTICIPANTE:**

Eu, x Carla Selante Aida Novak,
abaixo assinado, concordo que meu filho(a) x Victoria Novak Carla

participe do estudo JORNALECO. Fui informado(a) pela pesquisadora Krischna Silveira Duarte dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada, esclareci minhas dúvidas e recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isso leve a qualquer penalidade.

→ Autorizo Não autorizo () a veiculação das imagens do meu filho(a) para o uso específico no programa JORNALECO e no trabalho (dissertação) da pesquisadora.

Local e data: Peletas, 10 / 11 / 2011

Nome: x Victoria

Assinatura do responsável: x [Assinatura]

Assinatura da pesquisadora: [Assinatura]



SERVÍCIO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário(a), em uma pesquisa. Após ser esclarecido(a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que será em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Título do Projeto: O audiovisual na Educação Ambiental Não-Formal: JORNALECO – Um programa de TV ambiental produzido por crianças do Ensino Fundamental

Pesquisadora Responsável: Krischna Silveira Duarte (kita)

Telefone para contato da pesquisadora: (53) 9164-14-10

JUSTIFICATIVA, OBJETIVOS E PROCEDIMENTOS:

O motivo que nos leva a estudar como a mídia pode ser capaz de produzir idéias diferentes daquelas impostas pela televisão, estimulando a sustentabilidade ambiental, é importante para que possamos entender de que maneira a televisão influencia em nosso comportamento e como podemos utilizar a própria televisão para criar algo novo, como cuidar do meio ambiente, por exemplo.

A pesquisa se justifica no fato de que a criança é hoje, muito influenciada pela televisão, que a estimula a comprar coisas, desejar alimentos que não são saudáveis e, muitas vezes, a se comportar de maneira agressiva. O objetivo desse projeto é fazer com que a criança possa aprender como se faz um programa de TV ambiental, como conviver bem e respeitar o próximo e como cuidar do meio ambiente. Juntos vamos produzir um programa de televisão, o JORNALECO! As crianças serão responsáveis pela gravação de imagens, apresentação do programa e pelas entrevistas. O projeto JORNALECO será realizado nos sábados à tarde, na escola, como uma das oficinas oferecidas no projeto Escola Aberta.

A participação no estudo não acarretará custos para você e não será disponível nenhuma compensação financeira adicional.

DECLARAÇÃO DO(A) PARTICIPANTE OU DO(A) RESPONSÁVEL PELO(A)

PARTICIPANTE:

Eu, x Helêmata L. V. de Vargas,
abaixo assinado, concordo que meu filho(a) x Gabriela de Vargas Marques
participe do estudo JORNALECO. Fui informado(a) pela pesquisadora Krischna Silveira Duarte dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada, esclareci minhas dúvidas e recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isso leve a qualquer penalidade.

→ Autorizo () Não autorizo () a veiculação das imagens do meu filho(a) para o uso específico no programa JORNALECO e no trabalho (dissertação) da pesquisadora.

Local e data: Pelotas, 10/11/2011.

Nome: x Gabriela de Vargas Marques

Assinatura do responsável: x Helêmata Vargas

Assinatura da pesquisadora: Kita



SERVÍÇO PÚBLICO FEDERAL
 MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
 UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário(a), em uma pesquisa. Após ser esclarecido(a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que será em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Título do Projeto: O audiovisual na Educação Ambiental Não-Formal: JORNALECO – Um programa de TV ambiental produzido por crianças do Ensino Fundamental

Pesquisadora Responsável: Krischna Silveira Duarte (kita)

Telefone para contato da pesquisadora: (53) 9164-14-10

JUSTIFICATIVA, OBJETIVOS E PROCEDIMENTOS:

O motivo que nos leva a estudar como a mídia pode ser capaz de produzir idéias diferentes daquelas impostas pela televisão, estimulando a sustentabilidade ambiental, é importante para que possamos entender de que maneira a televisão influencia em nosso comportamento e como podemos utilizar a própria televisão para criar algo novo, como cuidar do meio ambiente, por exemplo.

A pesquisa se justifica no fato de que a criança é hoje, muito influenciada pela televisão, que a estimula a comprar coisas, desejar alimentos que não são saudáveis e, muitas vezes, a se comportar de maneira agressiva. O objetivo desse projeto é fazer com que a criança possa aprender como se faz um programa de TV ambiental, como conviver bem e respeitar o próximo e como cuidar do meio ambiente. Juntos vamos produzir um programa de televisão, o JORNALECO! As crianças serão responsáveis pela gravação de imagens, apresentação do programa e pelas entrevistas. O projeto JORNALECO será realizado nos sábados à tarde, na escola, como uma das oficinas oferecidas no projeto Escola Aberta.

A participação no estudo não acarretará custos para você e não será disponível nenhuma compensação financeira adicional.

DECLARAÇÃO DO(A) PARTICIPANTE OU DO(A) RESPONSÁVEL PELO(A)

PARTICIPANTE:

Eu, x Moncello Pereira Pires
 abaixo assinado, concordo que meu filho(a) Julio Marcelo B. Pires
 participe do estudo JORNALECO. Fui informado(a) pela pesquisadora Krischna Silveira Duarte dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada, esclareci minhas dúvidas e recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isso leve a qualquer penalidade.

→ Autorizo Não autorizo () a veiculação das imagens do meu filho(a) para o uso específico no programa JORNALECO e no trabalho (dissertação) da pesquisadora.

Local e data: Pelotas 10/11/2011

Nome: x Moncello Pereira Pires

Assinatura do responsável: x

Assinatura da pesquisadora: Krischna Silveira Duarte

Carneira as 21:00



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
 MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
 UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário(a), em uma pesquisa. Após ser esclarecido(a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que será em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Título do Projeto: O audiovisual na Educação Ambiental Não-Formal: JORNALECO – Um programa de TV ambiental produzido por crianças do Ensino Fundamental

Pesquisadora Responsável: Krishna Silveira Duarte (kita)

Telefone para contato da pesquisadora: (53) 9164-14-10

JUSTIFICATIVA, OBJETIVOS E PROCEDIMENTOS:

O motivo que nos leva a estudar como a mídia pode ser capaz de produzir idéias diferentes daquelas impostas pela televisão, estimulando a sustentabilidade ambiental, é importante para que possamos entender de que maneira a televisão influencia em nosso comportamento e como podemos utilizar a própria televisão para criar algo novo, como cuidar do meio ambiente, por exemplo.

A pesquisa se justifica no fato de que a criança é hoje, muito influenciada pela televisão, que a estimula a comprar coisas, desejar alimentos que não são saudáveis e, muitas vezes, a se comportar de maneira agressiva. O objetivo desse projeto é fazer com que a criança possa aprender como se faz um programa de TV ambiental, como conviver bem e respeitar o próximo e como cuidar do meio ambiente. Juntos vamos produzir um programa de televisão, o JORNALECO! As crianças serão responsáveis pela gravação de imagens, apresentação do programa e pelas entrevistas. O projeto JORNALECO será realizado nos sábados à tarde, na escola, como uma das oficinas oferecidas no projeto Escola Aberta.

A participação no estudo não acarretará custos para você e não será disponível nenhuma compensação financeira adicional.

DECLARAÇÃO DO(A) PARTICIPANTE OU DO(A) RESPONSÁVEL PELO(A) PARTICIPANTE:

Eu, x CAPUONÊ ALVES SILVEIRA DAS NEVES,
 abaixo assinado, concordo que meu filho(a) x KLINSMANN S. MACKEDANZ OTTE
 participe do estudo JORNALECO. Fui informado(a) pela pesquisadora Krishna Silveira Duarte dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada, esclareci minhas dúvidas e recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isso leve a qualquer penalidade.

x Autorizo Não autorizo a veiculação das imagens do meu filho(a) para o uso específico no programa JORNALECO e no trabalho (dissertação) da pesquisadora.

Local e data: Pelotas, 20/01/2011

Nome: x KLINSMANN SILVEIRA MACKEDANZ OTTE

Assinatura do responsável: x Capuonê Alves Silveira

Assinatura da pesquisadora: Krisna Silveira Duarte



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
 MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
 UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário(a), em uma pesquisa. Após ser esclarecido(a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que será em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Título do Projeto: O audiovisual na Educação Ambiental Não-Formal: JORNALECO – Um programa de TV ambiental produzido por crianças do Ensino Fundamental

Pesquisadora Responsável: Krischna Silveira Duarte (kita)

Telefone para contato da pesquisadora: (53) 9164-14-10

JUSTIFICATIVA, OBJETIVOS E PROCEDIMENTOS:

O motivo que nos leva a estudar como a mídia pode ser capaz de produzir idéias diferentes daquelas impostas pela televisão, estimulando a sustentabilidade ambiental, é importante para que possamos entender de que maneira a televisão influencia em nosso comportamento e como podemos utilizar a própria televisão para criar algo novo, como cuidar do meio ambiente, por exemplo.

A pesquisa se justifica no fato de que a criança é hoje, muito influenciada pela televisão, que a estimula a comprar coisas, desejar alimentos que não são saudáveis e, muitas vezes, a se comportar de maneira agressiva. O objetivo desse projeto é fazer com que a criança possa aprender como se faz um programa de TV ambiental, como conviver bem e respeitar o próximo e como cuidar do meio ambiente. Juntos vamos produzir um programa de televisão, o JORNALECO! As crianças serão responsáveis pela gravação de imagens, apresentação do programa e pelas entrevistas. O projeto JORNALECO será realizado nos sábados à tarde, na escola, como uma das oficinas oferecidas no projeto Escola Aberta.

A participação no estudo não acarretará custos para você e não será disponível nenhuma compensação financeira adicional.

DECLARAÇÃO DO(A) PARTICIPANTE OU DO(A) RESPONSÁVEL PELO(A)

PARTICIPANTE:

Eu, Celeste Miramanda Cortez
 abaixo assinado, concordo que meu filho(a) Yduanora Nikolay Miramanda Cortez
 participe do estudo JORNALECO. Fui informado(a) pela pesquisadora Krischna Silveira Duarte dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada, esclareci minhas dúvidas e recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isso leve a qualquer penalidade.

Autorizo Não autorizo () a veiculação das imagens do meu filho(a) para o uso específico no programa JORNALECO e no trabalho (dissertação) da pesquisadora.

Local e data: Pelotas, 10/11/2011

Nome: Celeste Miramanda Cortez

Assinatura do responsável: Celeste M. Cortez

Assinatura da pesquisadora: Krischna Silveira Duarte



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG
PROGRAMA DE POS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário(a), em uma pesquisa. Após ser esclarecido(a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que será em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Título do Projeto: O audiovisual na Educação Ambiental Não-Formal: JORNALECO – Um programa de TV ambiental produzido por crianças do Ensino Fundamental

Pesquisadora Responsável: Krischna Silveira Duarte (kita)

Telefone para contato da pesquisadora: (53) 9164-14-10

JUSTIFICATIVA, OBJETIVOS E PROCEDIMENTOS:

O motivo que nos leva a estudar como a mídia pode ser capaz de produzir idéias diferentes daquelas impostas pela televisão, estimulando a sustentabilidade ambiental, é importante para que possamos entender de que maneira a televisão influencia em nosso comportamento e como podemos utilizar a própria televisão para criar algo novo, como cuidar do meio ambiente, por exemplo.

A pesquisa se justifica no fato de que a criança é hoje, muito influenciada pela televisão, que a estimula a comprar coisas, desejar alimentos que não são saudáveis e, muitas vezes, a se comportar de maneira agressiva. O objetivo desse projeto é fazer com que a criança possa aprender como se faz um programa de TV ambiental, como conviver bem e respeitar o próximo e como cuidar do meio ambiente. Juntos vamos produzir um programa de televisão, o JORNALECO! As crianças serão responsáveis pela gravação de imagens, apresentação do programa e pelas entrevistas. O projeto JORNALECO será realizado nos sábados à tarde, na escola, como uma das oficinas oferecidas no projeto Escola Aberta.

A participação no estudo não acarretará custos para você e não será disponível nenhuma compensação financeira adicional.

DECLARAÇÃO DO(A) PARTICIPANTE OU DO(A) RESPONSÁVEL PELO(A)

PARTICIPANTE:

Eu, x MARCOS DE OLIVEIRA ELIZABETH
abaixo assinado, concordo que meu filho(a) x MARCOS GONCALVES ELIZABETH
participe do estudo JORNALECO. Fui informado(a) pela pesquisadora Krischna Silveira Duarte dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada, esclareci minhas dúvidas e recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isso leve a qualquer penalidade.

Autorizo Não autorizo () a veiculação das imagens do meu filho(a) para o uso específico no programa JORNALECO e no trabalho (dissertação) da pesquisadora.

Local e data: Peletas, 10/11/2011

Nome: x MARCOS GONCALVES ELIZABETH

Assinatura do responsável: x Marcos de O. Elizabeth

Assinatura da pesquisadora: Krischna



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
 MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
 UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário(a), em uma pesquisa. Após ser esclarecido(a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que será em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Título do Projeto: O audiovisual na Educação Ambiental Não-Formal: JORNALECO – Um programa de TV ambiental produzido por crianças do Ensino Fundamental

Pesquisadora Responsável: Krischna Silveira Duarte (kita)

Telefone para contato da pesquisadora: (53) 9164-14-10

JUSTIFICATIVA, OBJETIVOS E PROCEDIMENTOS:

O motivo que nos leva a estudar como a mídia pode ser capaz de produzir idéias diferentes daquelas impostas pela televisão, estimulando a sustentabilidade ambiental, é importante para que possamos entender de que maneira a televisão influencia em nosso comportamento e como podemos utilizar a própria televisão para criar algo novo, como cuidar do meio ambiente, por exemplo.

A pesquisa se justifica no fato de que a criança é hoje, muito influenciada pela televisão, que a estimula a comprar coisas, desejar alimentos que não são saudáveis e, muitas vezes, a se comportar de maneira agressiva. O objetivo desse projeto é fazer com que a criança possa aprender como se faz um programa de TV ambiental, como conviver bem e respeitar o próximo e como cuidar do meio ambiente. Juntos vamos produzir um programa de televisão, o JORNALECO! As crianças serão responsáveis pela gravação de imagens, apresentação do programa e pelas entrevistas. O projeto JORNALECO será realizado nos sábados à tarde, na escola, como uma das oficinas oferecidas no projeto Escola Aberta.

A participação no estudo não acarretará custos para você e não será disponível nenhuma compensação financeira adicional.

DECLARAÇÃO DO(A) PARTICIPANTE OU DO(A) RESPONSÁVEL PELO(A) PARTICIPANTE:

Eu, X Yone da Fonseca Bilhaha,
 abaixo assinado, concordo que meu filho(a) X Kethelon da Fonseca Bilhaha de Jesus,
 participe do estudo JORNALECO. Fui informado(a) pela pesquisadora Krischna Silveira Duarte dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada, esclareci minhas dúvidas e recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isso leve a qualquer penalidade.

→ Autorizo Não autorizo () a veiculação das imagens do meu filho(a) para o uso específico no programa JORNALECO e no trabalho (dissertação) da pesquisadora.

Local e data: Pelotas, 10/11/2011

Nome: X Yone da Fonseca Bilhaha

Assinatura do responsável: X Yone da Fonseca Bilhaha

Assinatura da pesquisadora: Krischna



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
 MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
 UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário(a), em uma pesquisa. Após ser esclarecido(a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que será em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Título do Projeto: O audiovisual na Educação Ambiental Não-Formal: JORNALECO – Um programa de TV ambiental produzido por crianças do Ensino Fundamental

Pesquisadora Responsável: Krischna Silveira Duarte (kita)

Telefone para contato da pesquisadora: (53) 9164-14-10

JUSTIFICATIVA, OBJETIVOS E PROCEDIMENTOS:

O motivo que nos leva a estudar como a mídia pode ser capaz de produzir idéias diferentes daquelas impostas pela televisão, estimulando a sustentabilidade ambiental, é importante para que possamos entender de que maneira a televisão influencia em nosso comportamento e como podemos utilizar a própria televisão para criar algo novo, como cuidar do meio ambiente, por exemplo.

A pesquisa se justifica no fato de que a criança é hoje, muito influenciada pela televisão, que a estimula a comprar coisas, desejar alimentos que não são saudáveis e, muitas vezes, a se comportar de maneira agressiva. O objetivo desse projeto é fazer com que a criança possa aprender como se faz um programa de TV ambiental, como conviver bem e respeitar o próximo e como cuidar do meio ambiente. Juntos vamos produzir um programa de televisão, o JORNALECO! As crianças serão responsáveis pela gravação de imagens, apresentação do programa e pelas entrevistas. O projeto JORNALECO será realizado nos sábados à tarde, na escola, como uma das oficinas oferecidas no projeto Escola Aberta.

A participação no estudo não acarretará custos para você e não será disponível nenhuma compensação financeira adicional.

DECLARAÇÃO DO(A) PARTICIPANTE OU DO(A) RESPONSÁVEL PELO(A)

PARTICIPANTE:

Eu, x Ana Alice Ribeiro da Silva
 abaixo assinado, concordo que meu filho(a) x Sandrine da Silva Nunes
 participe do estudo JORNALECO. Fui informado(a) pela pesquisadora Krischna Silveira Duarte dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada, esclareci minhas dúvidas e recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isso leve a qualquer penalidade.

Autorizo Não autorizo a veiculação das imagens do meu filho(a) para o uso específico no programa JORNALECO e no trabalho (dissertação) da pesquisadora.

Local e data: Pelotas, 10/11/2014

Nome: x Sandrine da Silva Nunes

Assinatura do responsável: x Ana Alice Ribeiro da Silva

Assinatura da pesquisadora: Krischna